

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

DAVID CANDIDO DOS SANTOS

**QUADRO TEÓRICO DAS APROPRIAÇÕES DOS CONCEITOS DE
CONVERGÊNCIA EM TESES E DISSERTAÇÕES DA PÓS-GRADUAÇÃO
ACADÊMICA *STRICTO SENSU* EM JORNALISMO DO BRASIL**

**PONTA GROSSA
2025**

DAVID CANDIDO DOS SANTOS

**QUADRO TEÓRICO DAS APROPRIAÇÕES DOS CONCEITOS DE
CONVERGÊNCIA EM TESES E DISSERTAÇÕES DA PÓS-GRADUAÇÃO
ACADÊMICA *STRICTO SENSU* EM JORNALISMO DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dra. Paula M. Rocha

Co-orientador: Prof. Dr. Hendryo A. André

PONTA GROSSA

2025

S237 Santos, David Candido dos
Quadro teórico das apropriações dos conceitos de convergência em teses e dissertações da pós-graduação acadêmica stricto sensu em Jornalismo do Brasil / David Candido dos Santos. Ponta Grossa, 2025.
171 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Melani Rocha.
Coorientador: Prof. Dr. Hendryo Anderson André.

1. Jornalismo digital. 2. Convergência (Meios de comunicação). 3. Pesquisa em jornalismo. I. Rocha, Paula Melani. II. André, Hendryo Anderson. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. IV.T.

CDD: 070.4

DAVID CANDIDO DOS SANTOS

**QUADRO TEÓRICO DAS APROPRIAÇÕES DOS CONCEITOS DE
CONVERGÊNCIA EM TESES E DISSERTAÇÕES DA DA PÓS-GRADUAÇÃO
ACADÊMICA *STRICTO SENSU* EM JORNALISMO DO BRASIL**

Dissertação entregue como requisito final para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós- Graduação em Jornalismo de Ponta Grossa, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa, 20 de agosto de 2025.

Documento assinado digitalmente
 **PAULA MELANI ROCHA**
Data: 19/02/2026 11:28:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof^a. Dra. Paula Melani Rocha
Doutora em Ciências Sociais (UFSCar)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 **HENDRYO ANDERSON ANDRE**
Data: 22/02/2026 15:59:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Co-orientador: Prof. Dr. Hendryo Anderson André
Doutor em Jornalismo (UFSC)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 **FELIPE SIMAO PONTES**
Data: 19/02/2026 11:17:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Felipe Simão Pontes
Doutor em Sociologia Política (UFSC/Universidade de Lisboa)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Documento assinado digitalmente
 **MARCOS SILVA PALACIOS**
Data: 19/02/2026 06:38:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Palacios
Doutor em Sociologia (University of Liverpool)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, DAVID CANDIDO DOS SANTOS, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado “**QUADRO TEÓRICO DAS APROPRIAÇÕES DOS CONCEITOS DE CONVERGÊNCIA EM TESES E DISSERTAÇÕES DA PÓS-GRADUAÇÃO ACADÊMICA *STRICTO SENSU* EM JORNALISMO DO BRASIL**”, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 20 de agosto de 2025.



Documento assinado digitalmente

DAVID CANDIDO DOS SANTOS

Data: 23/02/2026 13:00:07 -0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

David Candido dos Santos

Dedico este trabalho à minha avó materna, Elenir, e à minha mãe, Luciana, que fizeram um ótimo trabalho ao me criar no caminho do estudo e da sabedoria. Também dedico a todos os professores e professoras que já passaram pela minha vida desde a infância até a universidade, sem vocês eu não seria metade do pesquisador que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todo mundo que contribuiu com esta pesquisa de alguma forma, seja praticamente ou com alguma conversa inspiradora. Durante o mestrado estive cercado de pessoas muito inteligentes, brilhantes e prestativas, colegas e professores. Com isso, agradeço aos docentes do PPGJor-UEPG, aos colegas de turma em especial António e Paulo pela parceria, aos bibliotecários da UEPG por todo auxílio, aos colegas dos grupos de pesquisa O Conhecimento no Jornalismo, GEMIDI, Nephi-Jor do PPGJor-UFSC e Jornalismo, Política e Cidadania em Tempos de Desinformação e a equipe do projeto de extensão Combate à Desinformação nos Campos Gerais.

Agradeço a minha família por sempre estar orgulhosa da minha trajetória acadêmica: minha mãe Luciana, meu pai Moacir, meus avós e meu namorado Mateus. Também agradeço aos meus amigos Denise e Dani, por compartilharem comigo o desejo de estudar. A minha melhor amiga, Kalina, por ser meu abrigo desde que nos conhecemos. Agradeço a Jô, por ser minha família no mestrado, o melhor lugar da UEPG por sua causa.

Por fim, agradeço a CAPES pelo fomento que foi de extrema importância para a conclusão deste trabalho. Aos professores Felipe Pontes, Marcos Palacios e Graziela Bianchi por gentilmente contribuírem com o trabalho durante a banca de qualificação e defesa. E aos meus orientadores, Paula e Hendryo, por acreditarem na minha ideia desde o início e ajudarem a tornar um projeto em uma dissertação.

*“Maybe my contribution could be as small as hoping
That words could turn to birds
And birds would send my thoughts your way”*

Lana Del Rey, Coachella - Woodstock in My Mind, Lust For Life (2017)

RESUMO

Esta pesquisa propõe um quadro teórico das apropriações do conceito de *convergência* em teses e dissertações dos programas de pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor-UFSC) e Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). O objetivo geral do trabalho é compreender como os conceitos oriundos da *convergência* são apropriados teoricamente nas pesquisas desenvolvidas no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. Os objetivos específicos são: historicizar a criação da área de pesquisa brasileira do Jornalismo Digital; selecionar as teses e dissertações, a partir das conceituações oriundas da *convergência*; traçar o quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo nas teses e dissertações selecionadas nos únicos programas públicos de pós-graduação acadêmica *stricto sensu* em Jornalismo do Brasil, PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. O processo metodológico de análise das teses e dissertações é baseado na Pesquisa da Pesquisa (Lopes, 1988; Silva, 1989, 2019; Maldonado *et al.*, 2011; Pontes, 2009; Almeida, 2018), especificamente na perspectiva genética (Pontes, 2009), por meio de operações quantitativas e qualitativas. Os resultados mostram que as teses e dissertações analisadas que se pautam no marco teórico da convergência, possuem quadros teóricos ancorados em conceitos gerais e em conceitos específicos do Jornalismo que citam a convergência a partir dos padrões do jornalismo, ou seja, as investigações não ficam somente no plano macro da significação da convergência na área da Comunicação e na grande área das Ciências Sociais, e partem para as particularidades do jornalismo. Os conceitos apropriados foram publicados entre 2003 e 2014, pelos espanhóis José García-Avilés, Pere Masip, Ramón Salaverría e Samuel Negrodo, o alemão Klaus Meier, o austríaco Andy Kaltenbrunner, os norte-americanos August Grant, Douglas Fisher, Janet Kolodzy e Jeffrey Wilkinson e a brasileira Suzana Barbosa. Os quadros teóricos dos trabalhos analisados na UFSC e UEPG apresentam quatro conceitos de convergência específicos do Jornalismo com 12 definições diferentes que ilustram fenômenos que transformaram o jornalismo, as empresas jornalísticas, os jornalistas, as notícias, os processos jornalísticos, a pesquisa científica da área e o ensino em Jornalismo nos últimos 30 anos. Em conclusão, interpreta-se que os modos como os conceitos de convergência foram apropriados teoricamente na UFSC e UEPG seguiram a genética da área de pesquisa brasileira do Jornalismo Digital. Notou-se que quatro fatores principais moldam os modos de como conceitos da convergência são apropriados teoricamente na UFSC e UEPG: 1) relação entre orientador e orientado; 2) paradigmas do ambiente de produção do trabalho e da área científica; 3) participação em grupos de pesquisa; 4) relação entre docente e estudante em disciplinas; 5) trocas e diálogos em eventos, cursos e em outros espaços (ex.).

Palavras-chave: Processos Jornalísticos; Convergência; Pesquisa da Pesquisa.

ABSTRACT

This research proposes a theoretical framework of the appropriations of the concept of convergence in theses and dissertations from the postgraduate programs in Journalism at the Federal University of Santa Catarina (PPGJor-UFSC) and the State University of Ponta Grossa (PPGJor-UEPG). The general objective of this work is to understand how the concepts from convergence are theoretically appropriated in the research developed at PPGJor-UFSC and PPGJor-UEPG. The specific objectives are: to historicize the creation of the Brazilian research area of Digital Journalism; to select the theses and dissertations, based on the conceptualizations from convergence; to outline the theoretical framework of the concepts of convergence specific to Journalism in the theses and dissertations selected from the only public *stricto sensu* academic postgraduate programs in Journalism in Brazil, PPGJor-UFSC and PPGJor-UEPG. The methodological process for analyzing theses and dissertations is based on “Pesquisa da Pesquisa” Research on Research (Lopes, 1988; Silva, 1989, 2019; Maldonado *et al.*, 2011; Pontes, 2009; Almeida, 2018), specifically from a genetic perspective (Pontes, 2009), through quantitative and qualitative operations. The results show that the theses and dissertations analyzed, which are based on the theoretical framework of convergence, have theoretical frameworks anchored in general concepts and in concepts specific to journalism that mention convergence from the point of view of journalism standards, in other words, the investigations do not only focus on the macro level of the significance of convergence in the area of Communication and in the broad area of Social Sciences, but also on the particularities of journalism. The appropriate concepts were published between 2003 and 2014 by the Spanish's José García-Avilés, Pere Masip, Ramón Salaverría and Samuel Negredo, the German Klaus Meier, the Austrian Andy Kaltenbrunner, the North Americans August Grant, Douglas Fisher, Janet Kolodzy and Jeffrey Wilkinson and the Brazilian Suzana Barbosa. The theoretical frameworks of the works analyzed at UFSC and UEPG present four concepts of convergence specific to journalism with 12 different definitions that illustrate the phenomena that have transformed journalism, news companies, journalists, news processes, scientific research in the area and teaching in journalism over the last 30 years. In conclusion, the ways in which the concepts from convergence were theoretically appropriated at UFSC and UEPG followed the genetics of the Brazilian research area of Digital Journalism. It was noted that four main factors shape the ways in which convergence concepts are theoretically appropriated at UFSC and UEPG: 1) the relationship between supervisor and mentee; 2) the paradigms of the work production environment and the scientific field; 3) participation in research groups; 4) the relationship between teacher and student in disciplines; 5) exchanges and dialogues at events, courses and in other spaces (e.g.).

Keywords: Journalistic Processes; Convergence; Pesquisa da Pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quantidade de Grupos de Pesquisa por região do Brasil.....	46
Figura 2 – Rede de pesquisa brasileira sobre jornalismo, comunicação e tecnologia.....	48
Figura 3 – Estrutura dos fluxos de atividades do campo científico brasileiro.....	50
Figura 4 – Aceleração da evolução tecnológica das Telecomunicações até os anos 1980.....	81
Figura 5 – Exemplo de rede de computadores dos anos 1980.....	82
Figura 6 – Dados das três dissertações selecionadas no PPGJor-UEPG (exemplo).....	102
Figura 7 – Objetos empíricos da teses e das dissertações analisadas.....	105
Figura 8 – Quadro teórico da convergência dos trabalhos analisados no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG (conceitos gerais/conceitos específicos do Jornalismo).....	108
Figura 9 – Convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009).....	110
Figura 10 – Convergência jornalística (Salaverría, 2003; Salaverría, 2009).....	114
Figura 11 – Convergência jornalística (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010; Salaverría; Negrodo, 2008).....	117
Figura 12 – Convergência jornalística (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010; Barbosa, 2009).....	119
Figura 13 – Convergência jornalística (Barbosa, 2008; 2009; Scolari, 2008).....	121
Figura 14 – Jornalismo convergente (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009).....	129
Figura 15 – Convergência de redações (García-Avilés <i>et al.</i> 2009; 2014).....	132
Figura 16 – Quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo apropriados teoricamente nas teses e dissertações do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG selecionadas pelo recorte desta dissertação.....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – História das Ciências da Comunicação - Fase do Desbravamento (1873-1922).....	23
Quadro 2 – PPG's da área da “Comunicação e Informação” por ordem de criação (penúltima coluna).....	29
Quadro 3 – Linhas de pesquisa e integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e líderes, do PPGJor-UFSC.....	36
Quadro 4 – Linhas de pesquisa, integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e líderes, do PPGJor-UEPG.....	39
Quadro 5 – Grupos de Pesquisa brasileiros cadastrados no Diretório (Lattes) do CNPq.....	42
Quadro 6 – Linhas de pesquisa sobre Jornalismo e tecnologia e grupos cadastrados no Diretório do CNPq.....	51
Quadro 7 – Revisão bibliográfica na <i>Scopus</i> , <i>Scielo</i> e <i>Web of Science</i> , por ordem alfabética.....	65
Quadro 8 – Conceituações presentes no glossário do livro “Cultura da Convergência” de Henry Jenkins.....	86
Quadro 9 – Características dos trabalhos analisados.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CONHECIMENTO CIENTÍFICO DO JORNALISMO.....	20
1.1 FORMAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA EM JORNALISMO NO BRASIL.....	21
1.2 PÓS-GRADUAÇÃO ACADÊMICA <i>STRICTO SENSU</i> EM JORNALISMO.....	33
1.3 PESQUISA BRASILEIRA ESPECIALIZADA NO JORNALISMO DIGITAL.....	41
1.3.1 Anos 1990 e o preâmbulo do Jornalismo Online e dos usos sociais da Mídia.....	53
1.3.2 Início do século XXI e estudos em Jornalismo, Mídia e Comunicação.....	54
1.3.3 Convergência: um conceito conhecido e exacerbado.....	56
1.3.4 Agregações dos processos jornalísticos.....	59
2. CONCEITO DE CONVERGÊNCIA NA COMUNICAÇÃO E JORNALISMO	62
2.1 <i>OVERVIEW</i>	63
2.1.2 Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa.....	68
2.2 ETIMOLOGIA DO RADICAL “ <i>CONVERG</i> ”.....	77
2.3 CONVERGÊNCIA E COMUNICAÇÃO.....	78
2.3.1 O norte-americano Ithiel de Sola Pool, pioneiro da convergência no MIT.....	79
2.3.2 Henry Jenkins, o norte-americano sucessor da convergência no MIT.....	85
2.4 CONVERGÊNCIA E JORNALISMO.....	87
2.4.1 A processualidade teórica da convergência no Brasil.....	88
2.4.2 A processualidade teórica da convergência na Europa.....	91
3. METODOLOGIA.....	96
3.1 PESQUISA DA PESQUISA.....	96
3.2 FILTRANDO TESES E DISSERTAÇÕES.....	99
4. QUADRO TEÓRICO DA CONVERGÊNCIA.....	104
4.1 CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO.....	110
4.2 CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA.....	113
4.3 JORNALISMO CONVERGENTE.....	129
4.4 CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES.....	131
4.5 CONCEITOS DE CONVERGÊNCIA ESPECÍFICOS DO JORNALISMO.....	135
5. CONCLUSÃO.....	139
REFERÊNCIAS.....	145
ANEXO A - HISTÓRIA DAS TELECOMUNICAÇÕES.....	161
ANEXO B - ESTUDO DE CONCEITOS.....	166
ANEXO C - ESTUDO ETIMOLÓGICO.....	168
ANEXO D - ESTUDO METODOLÓGICO.....	170

INTRODUÇÃO

Uma das intenções desta dissertação é auxiliar no processo de fortalecimento da pesquisa em Jornalismo no Brasil, apontando contribuições e especificidades no desenvolvimento intelectual, acadêmico, científico e tecnológico do país nos últimos 30 anos. Especificamente, através de uma análise quantitativa e qualitativa por meio da Pesquisa da Pesquisa (Lopes, 1988; Silva, 1989, 2019; Maldonado *et al.*, 2011; Pontes, 2009; Almeida, 2018), das teses e dissertações dos programas de pós-graduação acadêmica *stricto sensu* em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor-UFSC), o primeiro do país, e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG), o segundo.

Há 30 anos, em 1995, a internet comercial chegou ao Brasil e a partir das mudanças que ela causou no jornalismo, pesquisadores/as de programas de pós-graduação passaram a investigar cientificamente essas transformações. Assim, foi criada no Brasil a área de pesquisa especializada no Jornalismo Digital dentro dos programas de pós-graduação em Comunicação. Em 2025, a área especializada no Jornalismo Digital completa 30 anos. As pesquisas brasileiras do Jornalismo Digital começaram simbolicamente por meio do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line (GJOL) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que “desenvolve pesquisas [...] desde 1995” (Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, 2025, p. 1).

Em 1997, o GJOL foi registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas (PósCom) da Faculdade de Comunicação da UFBA (FACOM-UFBA) (Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, 2025). “Criado pelos Professores Elias Machado [...] e Marcos Palacios (Coordenador Emérito/Consultor Sênior), o GJOL está atualmente sob a coordenação da Professora Suzana Barbosa” (Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, 2025, p. 1).

O conceito de convergência é um dos mais usados e heterogêneos na pesquisa do Jornalismo Digital. A dissertação parte da problematização de que algumas pesquisas em Jornalismo que usam o conceito de convergência, não necessariamente e somente as pertencentes ao Jornalismo Digital, costumam importar definições do conceito originadas em outras disciplinas. A “migração de conceitos” (Martins; Reis, 2013, p. 1) acontece porque nos últimos 30 anos as pesquisas do Jornalismo Digital têm bebido de diversas áreas (ex. Ciência da Informação, Ciências da Comunicação, Estudos Culturais).

“A migração de conceitos pode implicar em controvérsias, contradições e equívocos que acabam por alocar determinados termos em uma “nebulosa”, dificultando a sua apreensão e sua localização, ou até mesmo por ocasionar a diluição de sua especificidade” (Martins; Reis, 2013, p. 1). Isso pode fazer com que as apropriações teóricas de conceitos sejam díspares e não estejam em consonância com as especificidades da pesquisa em Jornalismo e da atividade jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010). Não significa que conceitos de outras disciplinas não são úteis para o Jornalismo, mas sim que para as pesquisas da área, especialmente, as pesquisas do Jornalismo Digital, é necessário usar conceitos de convergência específicos do Jornalismo e endereçados a padrões próprios da atividade jornalística – esta dissertação intenta demonstrar como isso é feito. Conceitos de outras disciplinas podem ser usados, mas a base deve ser sempre o Jornalismo.

Com estas informações em tela, o objetivo geral da dissertação é compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. Os objetivos específicos são:

1. Historicizar a criação da área de pesquisa brasileira do Jornalismo Digital;
2. Selecionar as teses e dissertações a partir das conceituações oriundas da convergência;
3. Traçar o quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo nas teses e dissertações selecionadas nos únicos programas públicos de pós-graduação acadêmica *stricto sensu* em Jornalismo do Brasil, PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG.

Ao mesmo tempo que a noção teórica da convergência é “exaustivamente utilizada em trabalhos sobre o tema, sendo isto útil para desenhar um contexto e demonstrar que a convergência é mais do que um fenômeno tecnológico, sendo também cultural e social” (Bronosky; Cabral, 2022, p. 5), o que implica “a busca de novas processualidades e lógicas de produção e circulação” (Luz; Bomfim, 2019, p. 5) das notícias. É também redutora, pois pode estancar outras vertentes teóricas. A fim de conhecer essas outras vertentes teóricas, a pergunta proposta é: quais são as apropriações teóricas do conceito de convergência nos PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG? A análise busca responder a questão com o terceiro objetivo, que contribui à análise: traçar o quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo nas teses e dissertações selecionadas nos únicos programas públicos de pós-graduação acadêmica *stricto sensu* em Jornalismo do Brasil, PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. O primeiro objetivo serve para contextualizar e assentar esta dissertação na realidade brasileira. O segundo objetivo faz parte do processo metodológico e contribui para a construção do *corpus* de análise.

Foram escolhidas teses e dissertações, pois são documentos pouco explorados quando se avalia a produção acadêmica de uma área, na medida em que os artigos científicos ocupam o topo da pirâmide de produção intelectual. Mesmo que em alguns casos teses e dissertações sejam mais completas que artigos, especialmente, os artigos que são recortes de pesquisas de doutorado e mestrado.

Com isso, defende-se que são documentos e objetos empíricos úteis para compreender o desenvolvimento teórico do Jornalismo no Brasil e necessários para verificar lacunas de pesquisa da área ao guardarem respostas qualificadas suscitadas por pesquisadores/as da área, profissionais jornalistas e pelo público. Nesta dissertação, quando for usada a palavra Jornalismo, com a primeira letra maiúscula, ela se refere ao campo científico e acadêmico, quando for usada a mesma palavra mas com a primeira letra minúscula (jornalismo), refere-se a atividade e prática jornalística e suas relações sociais, culturais, econômicas e políticas.

Esta lacuna de pesquisa foi identificada por meio de relatos de professores/as, aulas da graduação e mestrado, orientações e reuniões dos grupos de pesquisa, estágio de docência e eventos científicos, trocas que levaram ao *insight* de que a convergência causa disparidades conceituais na área do Jornalismo (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), assim como outros conceitos ligados às mudanças estruturais do jornalismo nos últimos 30 anos, por exemplo, interatividade, personalização, plataformização, midiatização, webjornalismo, ciberjornalismo, entre outros.

Escolheu-se o PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, por serem os mais recentes e únicos programas de pós-graduação acadêmicos em Jornalismo do Brasil. Mesmo que o jornalismo seja estudado em diversos programas do país, nos *lato sensu* e *stricto sensu*, em mestrados profissionais e acadêmicos, de diferentes áreas, é a primeira vez que programas acadêmicos centralizam o estudo do Jornalismo a partir de suas nomenclaturas que trazem o termo “Jornalismo”. Resultado de um processo de legitimação da pesquisa científica em Jornalismo no Brasil.

Também é a primeira vez que uma dissertação é feita tendo como objeto empírico somente as teses e dissertações do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG e usando como objeto de estudo apropriações teóricas da convergência presentes nestas dissertações e teses, é importante traçar um movimento teórico que prevê compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente nos programas a fim de oferecer instrumentos teóricos a futuras pesquisas do Jornalismo. A dissertação centra-se na Linha de Pesquisa Processos de Produção Jornalística do PPGJor-UEPG, focando no estudo das transformações tecnológicas do jornalismo nos últimos 30 anos.

Nos anos 1980, o estudo das transformações tecnológicas do jornalismo permaneciam num pensamento filosófico, mas a partir da década de 1990, passaram a investigar fenômenos e objetos que começavam a fazer parte da vida cotidiana, gerando uma pluralidade de conceitos para estudar a produção jornalística.

A criação e a força dos conceitos são resultado de dois movimentos interligados. O primeiro – que explica por que eles aparecem em um momento dado – são mudanças na realidade, surgimento de novas dinâmicas na ordem do mundo, ou percepção mais aguda de aspectos que já estavam presentes, mas vão se tornando mais proeminentes em determinada época. O segundo é de ordem epistêmica e se refere ao quanto a elaboração reflexiva que busca dar conta desses aspectos ou problemas do mundo empírico se mostra bem-sucedida na tarefa de compreendê-los, o quanto uma construção conceitual de fato auxilia a pensar o fenômeno em tela (França, 2020, p. 24).

Escolheu-se o conceito de convergência, pois dentre as construções conceituais que pensam as mudanças na produção, distribuição e consumo do jornalismo em um ambiente digital, é uma das mais exploradas. Segundo Salaverría, García-Avilés e Masip (2010), é um conceito poliédrico e dinâmico, que tem várias interpretações e não é definitivo, assim, pressupõe movimento de pesquisa para investigar desdobramentos. Embora já se apresentasse no vocabulário das mídias digitais desde os anos 1970 (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), em 2006, com o livro *Cultura da Convergência*, de Henry Jenkins, o conceito ganhou nova acepção (Garson, 2019).

O conceito de Jenkins é notório pelo seu caráter mercadológico e por ser junção conceitual do que já era preconizado por diversos autores/as do mundo, o paradigma tecnológico (Salaverría, 2019), flexionando o cotidiano, inclusive do jornalismo. De acordo com Garson (2019), o conceito de convergência foi usado desde os anos 1980 em alianças entre universidades e iniciativas privadas para fomentar o processo de crescimento dos conglomerados de informação, em conjunto com o discurso de “revolução digital” e baseava-se no consumo em massa de conteúdos, nem sempre culturais. “Esse termo traduz uma série de utopias caras às mídias digitais, ao mesmo tempo que legitima as assimetrias de poder entre produtores e consumidores de cultura” (Garson, 2019, p. 58).

A problemática é posta, pois pesquisadore/as do Jornalismo debatem a conceituação, tanto em uma perspectiva técnica e comercial quanto como um pensamento reflexivo, às vezes utópico e substantivista, às vezes crítico e sofisticado. Salaverría, García-Avilés e Masip (2010) escrevem que as principais características da convergência que dificultam sua consensualidade no Jornalismo são: polissemia, polimorfismo, complexidade e instabilidade dos processos pautados na convergência e as próprias conceitualizações dos autores/as.

Não há ingenuidade na linha argumentativa da dissertação a ponto de achar que não há um “quê” de revisionismo no processo de analisar documentos acadêmicos sobre tecnologia, um tema rodeado de holisticidades. Diversos agentes sociais de outros campos sociais, não só os pesquisadores/as, tabulam dados, documentos e outras informações, revisam ideias, pensamentos, linhas teóricas entre outras discussões críticas, conforme as ferramentas da sua época. Galastri (2022) discorre que desde 1970 as instituições criadas pelo movimento operário e a ideologia que os suportava foram dizimadas. Ocorreu então um movimento em direção à formulação das mais variadas formas de revisionismo, as quais, de maneira inevitável, passaram a usar os recursos teóricos e ideológicos forjados pelo liberalismo no correr dos trezentos anos de existência do capitalismo.

Um exemplo de idealismo neoliberal e revisionismo, é compreender a convergência como algo libertário que deu à sociedade uma nova chance de criar um regime democrático, e ao jornalismo, novas ferramentas tecnológicas para trabalhar, e acreditar que não há nenhuma camada político-econômica administrando esse regime neoliberal, que tem sim consequências ruins para o jornalismo. “A tragédia da época está no descolamento da teoria em relação aos trabalhadores. Essa cisão da práxis debilita tanto a capacidade de formulação teórica como as lutas dos trabalhadores” (Galastri, 2022, p. 1-2).

A exigência é tentar capturar a fase atual, a teoria deve estar munida de ferramentas que possibilitem o contato com o empírico, com o campo de pesquisa, com os objetos. Para que não exista um descolamento entre teorização e realidade, uma ilusão genérica, assim como é feito por alguns futurólogos e tecnófilos que discutem a convergência e as implementações das tecnologias digitais e da internet no jornalismo (Galastri, 2022).

Com as discussões em mente, a presente dissertação é dividida em quatro capítulos. No capítulo *Conhecimento Científico do Jornalismo* é abordado o processo histórico de formação do campo científico brasileiro focado nos estudos do Jornalismo. Para inclinar a contextualização ao objeto de estudo, apropriações teóricas do conceito de convergência, é exposto o histórico do campo de pesquisa científica brasileiro da área do Jornalismo Digital.¹ O material revela aspectos da trajetória das pesquisas na área das Ciências Sociais Aplicadas e no ensino superior brasileiro, cartografia dos grupos, cronologia de criação, instituições de ensino (IES) de origem e a agenda de pesquisa. Também cumpre um objetivo específico da dissertação, historicizar a criação da área de pesquisa brasileira do Jornalismo Digital.

¹ O movimento foi feito entre julho e outubro de 2023 com correções em abril de 2024. Alguns grupos mudaram o nome, de IES e linhas de pesquisa. Neste tópico consideramos as informações disponíveis no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil no período citado.

O capítulo *Conceito de Convergência na Comunicação e Jornalismo* traz: 1) uma revisão bibliográfica/estado da arte dos conceitos de convergência na área do Jornalismo; 2) etimologia do radical *converg*; 3) trajetória da construção dos conceitos de convergência na grande área das Ciências Sociais, na área da Comunicação e na subárea do Jornalismo (pertencentes às Ciências Sociais), visto que a área do Jornalismo é subárea da Comunicação (as referências bibliográficas do capítulo teórico foram escolhidas a partir de dois parâmetros: 1) os textos usados aparecem com frequência como referências bibliográficas de produções; 2) é notável o nível de importância dos conceitos e trajetórias dos autores/as trabalhados).

A intenção de apresentar a trajetória é contar como o conceito de convergência migrou dentro da academia, especificamente, na área das Ciências Sociais (Pool, 1983), até passar pela Comunicação (Jenkins, 2009) e adentrar a área do Jornalismo (Salaverría 2003; Barbosa, 2008; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010).

Outros importantes autores estrangeiros também discutiram temas ligados a convergência desde o século XX, por exemplo, João Canavilhas, John Pavlik, “Roger Fidler, junto a Nicholas Negroponte, Jay Bolter e Richard Grusin” (Longhi *et al.*, 2025, p. 65), “Walter Benjamin e Marshall McLuhan [...] Michael Foucault” (Longhi *et al.*, 2025, p. 74). Escolheu-se Pool (1983) e Jenkins (2009), pois o objetivo e recorte aqui é realizar um estudo teórico e uma pesquisa básica acerca das apropriações teóricas do conceito de convergência. Jenkins desenvolveu o principal conceito de convergência da área da Comunicação, cultura da convergência, que foi inspirado no conceito *convergence of modes* (Pool, 1983): o norte-americano Pool (1983) foi um dos primeiros a versar sobre o conceito de *convergence of modes*, a partir das orientações teóricas e metodológicas das Ciências Sociais e Comunicação. O conceito *convergence of modes* é importante para entender como o conceito de convergência foi construído dentro da academia, pois ele serviu de inspiração para o norte-americano Jenkins propor o conceito cultura da convergência (Jenkins, 2009), o conceito mais conhecido e usado quando se pensa nas diferentes definições da convergência na área da Comunicação – no Google Acadêmico são mais de 10.000 citações do livro; a coleta ocorreu em 24 de junho de 2025. Roger Fidler² e Negroponte são os autores que mais se aproximam de versar sobre o conceito de convergência. De qualquer modo, a gênese do principal conceito de convergência da Comunicação, cultura da convergência, provém do conceito de *convergence of modes* de Pool.

² “Fidler dirigiu o Laboratório de Design de Informação Knight-Ridder de 1992 a 1995. Ele também fundou a Knight-Ridder Graphics Network (KRT Graphics), a primeira rede de computação gráfica para jornais, em 1983, e a PressLink, o primeiro serviço online da indústria jornalística, em 1985, e atuou como diretor de ambas as organizações” (School of Journalism and Communication, 2004, p. 1, tradução nossa).

Ambos, Pool e Jenkins trabalharam no *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) durante suas pesquisas³: Pool ingressou no corpo docente do MIT em 1953, “onde foi o primeiro chefe do departamento de ciência política e um dos fundadores do Centro de Estudos Internacionais” (Salzburg Global Lecture Series, 2025, p. 1); Jenkins “dirigiu o programa de pós-graduação em Estudos de Mídia Comparativa do MIT de 1993 a 2009” (Clalliance, 2025, p. 1).

O MIT também abriga o *MIT Media Lab*, criado em 1985 por Negroponte e Jerome Wiesner: “Negroponte foi um pioneiro na área de design auxiliado por computador e é membro do corpo docente do MIT desde 1966” (Massachusetts Institute of Technology, 2025, p. 1). O MIT, especialmente, o *MIT Media Lab*, é uma hegemonia quando se pensa em pesquisas sobre tecnologia e mídia.⁴

Os espanhóis Ramón Salaverría (2003), João Alberto García-Avilés e Pere Masip (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010) e a brasileira Suzana Barbosa (2008) foram mobilizados para entender como os conceitos de convergência específicos do Jornalismo foram construídos. Abordam-se tais autores/a, pois, por meio de leituras e fichamentos, identificou-se que são os mais referenciados na área do Jornalismo Digital, no Brasil, quando o assunto são conceitos de convergência do Jornalismo, portanto, são um dos principais construtores deste tipo de conceito.

No capítulo *Metodologia*, são descritas as ações metodológicas que cumprem o objetivo geral e objetivos específicos e exposto o processo de seleção do *corpus* empírico. Também é apresentada a base teórico-metodológica desta dissertação, que está ancorada nas operações metodológicas propostas pela Pesquisa da Pesquisa (Lopes, 1988; Silva, 1989, 2019; Maldonado *et al.*, 2011; Pontes, 2009; Almeida, 2018), uma estratégia metodológica, que por meio de técnicas e métodos qualitativos, auxilia no processo de compreensão de como conceitos de convergência foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, em suma, atende ao interesse de explicar como os pesquisadores/as mobilizam os seus conceitos (Pontes, 2009).

³ MIT é uma universidade de pesquisa localizada em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos. Disponível em: www.mit.edu/. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁴ “Em sua primeira década (1985-1995), o laboratório desenvolveu e demonstrou uma ampla gama de ideias sobre como as tecnologias emergentes poderiam transformar a aprendizagem, o entretenimento e a autoexpressão. [...] A segunda década (1995-2005) viu a adição e a integração da computação ubíqua e pervasiva. [...] A terceira década (2005-2015) foi marcada por um aprofundamento nas ciências e tecnologias biológicas. [...] Agora em sua quarta década, o Laboratório de Mídia concentra-se em solucionar os desafios tecnológicos, sociais e globais sem precedentes no nível de sistemas — projetando para redes humanas; para cidades; para as artes; para o cérebro e o corpo” (Massachusetts Institute of Technology, 2025, p. 1, tradução nossa).

A Pesquisa da Pesquisa garante com que a análise das dissertações e teses não seja uma mera leitura e se caracterize como um trabalho teórico que instaura uma autovigilância e crivo no desenvolvimento teórico da área do Jornalismo Digital no país.

Consequente, no capítulo analítico *Quadro Teórico da Convergência*, explana-se a análise das dissertações e teses, estruturada do seguinte modo: 1) as características dos trabalhos selecionados foram apresentadas com a intenção de contextualizar cada um deles; 2) foram analisadas as apropriações teóricas dos conceitos mapeados; 3) após isso, a análise foi organizada de um modo em que se analisou cada conceito a partir de suas diferentes apropriações teóricas, ou seja, não se analisou cada uma das dissertações separadamente e sim os conjuntos de apropriações; por exemplo, se o autor/a da dissertação *a* se apropriou do conceito *x* e *y*, estruturou-se a análise em dois tópicos, um abordando as apropriações do conceito *x* e outro do *y* e não um tópico único para todas as apropriações teóricas (*x*, *y*, *z*) da dissertação *a*. 4) Por fim, no processo da análise crítica, procurou-se concluir a construção do conhecimento produzido nesta dissertação, discutindo quais eram os tensionamentos críticos possíveis sobre as apropriações teóricas feitas.

Por fim, atenta-se e recomenda-se ao leitor que faça a leitura em ordem, pois cada fase sintagmática da pesquisa (processo de construção) se complementa com a instância paradigmática (paradigmas da área). Ou seja, de nada adiantará selecionar frases e citações da dissertação ou deste tópico introdutório sem entender qual o sentido da frase e/ou citação no contexto geral do trecho em que ela se insere, algo que foi reforçado inclusive na análise das teses e dissertações que compunham o *corpus* empírico desta dissertação.

1 CONHECIMENTO CIENTÍFICO DO JORNALISMO

Ao se propor lidar com a pesquisa científica em jornalismo, produzida por terceiros e vinculadas a programas de pós-graduação *stricto sensu*, deve-se ter em mente que tipo de conhecimento estamos abordando, até porque esse não é o único oriundo do jornalismo. Tem-se o conhecimento trabalhado na formação profissional, ou seja, o ensino de técnicas e teorias para formar jornalistas profissionais, o conhecimento que o público adquire quando consome notícias e o conhecimento científico, produzido por pesquisadores/as.

O foco desta dissertação é o conhecimento científico do Jornalismo, especificamente, o produzido em universidades. O sociólogo norte-americano Robert Ezra Park foi um dos primeiros pesquisadores a calcar a ideia de que a notícia é uma “forma de conhecimento” (Park, 2008, p. 65). A primeira tese brasileira de referência que discute o jornalismo como forma de conhecimento foi do professor de Jornalismo da UFSC Adelmo Genro Filho, nos anos 1980 (Genro Filho, 1987; Pontes, 2015).

No Brasil, apesar da existência de diversos estudos isolados até então, alguns com mais de 60 anos, como no caso de Barbosa Lima Sobrinho, a defesa sistemática da necessidade de uma Teoria do Jornalismo foi lançada por Adelmo Genro Filho, no início dos anos 80, nas páginas do jornal *A Razão*, da cidade gaúcha de Santa Maria, onde atuava como colaborador. Adelmo era um intelectual marxista que escolheu o jornalismo como profissão, e em sua passagem pela universidade, como estudante, notara dois obstáculos à compreensão desta prática social pelas teorias ministradas até então nos cursos de comunicação: de um lado, as teorias marxistas, muito em voga na época, reduziam o jornalismo à questão da ideologia; de outro, as teorias da comunicação, não captavam a sua especificidade, misturando o jornalismo com a comunicação cotidiana, com a comunicação persuasiva, com a comunicação artística e com a comunicação científica. A partir deste diagnóstico, ele falava da necessidade de se criar uma Teoria do Jornalismo (Estudos em Jornalismo, 2004, p. 94)

O trabalho de Genro Filho é uma análise crítica de um jornalismo brasileiro que vinha se formando desde o século XIX e profissionalizando em *continuum* a partir do século XX. Rocha (2008) demarca momentos importantes desse processo de profissionalização. A partir de 1930, intensificou-se este processo no país com a criação de associações e sindicatos, que organizaram trabalhadores. Em 1940, surgiram os cursos de credenciamento para formar e formalizar jornalistas. Nos anos 1950, empresas jornalísticas de vários ramos se firmaram no mercado de produtos e serviços. No final dos anos 1960, houve a exigência do diploma para o exercício da profissão no Brasil e na década de 1970, aconteceu a divisão por editorias nas redações. Nas décadas de 1960 e 1970, o diploma e a organização da redação vieram para suprir demandas de profissionais capacitados e estruturar as empresas de mídia.

A partir de 1980, período em que Genro Filho desenvolveu sua tese, o uso das novas tecnologias de comunicação e informação começaram a ser latentes na sociedade. Até desembocar na disruptividade da digitalização e conexão ubíqua à internet, que iniciou progressivamente a partir da década de 1990, uma virada de chave que flexionou a sociedade, assim como o impresso, rádio e televisão fizeram a seu tempo.

Mesmo com esse *continuum* de profissionalização, a questão política ainda tensiona a atividade jornalística, pois, desde 2009, o diploma não é mais exigido no país, por manobras políticas e do próprio campo empresarial (Rocha, 2016). Uma maneira de marginalizar o conhecimento produzido pelo jornalismo e seu respectivo campo científico.

Em toda sua trajetória, o jornalismo brasileiro teve que desenvolver estratégias para formar um público, pois, com a urbanização, a sociedade começou a ocupar grandes centros. Isso requereu uma cobertura jornalística para orientar os atores de tais agendas, diante da burocracia urbana, dos ataques militares e extremistas, das ideias progressistas, da agenda do cinema, jogos de futebol, boatos, crimes e outras tematizações. Conforme a sociedade criava uma rotina baseada na vida urbana, engrenada pelo processo de industrialização, o seu tempo e acesso para consumir produtos culturais era calculado de acordo com esse cotidiano, que afunila o interesse das pessoas na hora de consumir notícias. Essa dinâmica de produção, distribuição e consumo exigiu do jornalismo e dos proprietários de veículos de mídia o esforço de ser estratégico e marqueteiro, pensar a lógica da empresa para sustentar seu negócio.

No entanto, mercado e donos de empresas não foram os únicos a pensar o jornalismo. Docentes, intelectuais e pesquisadores também discutiram a profissão. O tópico a seguir apresenta o processo histórico de formação do campo científico brasileiro focado nos estudos do Jornalismo.

1.1 FORMAÇÃO DA ÁREA DE PESQUISA EM JORNALISMO NO BRASIL

Assim como Mota (2005, p. 1) não se pretende fazer aqui “uma síntese panorâmica da pesquisa em jornalismo [...]”. É impossível sistematizar de forma compreensível uma enorme quantidade de pesquisas [...] a diversidade de temas, abordagens, objetos e métodos de pesquisa torna difícil estabelecer fronteiras claras do campo”. “Agrupar de forma sistemática as incontáveis tendências conceituais e metodológicas da pesquisa em jornalismo demandaria um esforço gigantesco e, de tão vasto, pouco compreensível” (Mota, 2005, p. 1).

O que pode se confirmar de fato é que a “legitimação internacional dos estudos em jornalismo” (Machado, 2010, p. 11) ocorreu só no final do século XX e início do século XXI, porém “como área científica autônoma o jornalismo tem pouco mais de um século, embora tenhamos registros de estudos específicos desde o século XVII na Alemanha e em Portugal (Groth, 1948; Sousa, 2007)” (Machado, 2010, p. 10). Em 1690, Peucer (2004) defendeu a primeira tese reconhecida em Jornalismo, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Escreveu sobre os *relationes novellae*, uma atividade que notificava coisas diversas acontecidas recentemente, em qualquer lugar, com características como: sucessão exata dos fatos inter-relacionados, simples exposição, a bem do reconhecimento dos fatos históricos mais importantes misturados a outros temas cotidianos e da voz pública, e para atrair o leitor pela variedade. Em 29 parágrafos, o autor distancia o jornalismo da história e aponta especificidades do jornalismo como critérios de seleção e restrições, credibilidade, curiosidade, veracidade, novidade, conhecimento pelo singular entre outras. É comum ver essa introdução em artigos, teses e dissertações, dada a importância. Seria um dos primeiros passos do Jornalismo como objeto de estudo no mundo.

Outros países e continentes também contribuíram para estudos da área. Na América Latina, estudos dos processos comunicacionais formam juntos a Escola Latino-Americana de Comunicação (Melo, 2000). Consolidada a partir da inauguração do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina (Ciespal), nas instalações da Universidad Central del Ecuador (UCE), na cidade de Quito, em 1959 (Daros, 2022), aglutinou pesquisadores/as que desenvolviam trabalhos antes de 1959.

No Brasil, o foco da dissertação, estudos científicos sobre a mídia começaram no fim do século XIX, em 1873, 75 anos depois da instalação da imprensa oficial no país (Melo, 1999), que só surgiu em 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa e da prensa móvel (Melo, 1973; Rocha, 2008), 300 anos depois do início da colonização. Entre 1873 e 1922, aconteceu a fase do *Desbravamento*, que começa quando a imprensa se converte em objeto de pesquisa e termina quando o jornalismo começa a ser pensado como campo de ensino (Melo, 1999). Nessa época, intelectuais usavam a imprensa para disseminar ideias e conhecimentos, com certo impacto social. Durante o século XIX e XX, vários periódicos foram criados e eram dedicados a interesses do reinado, comerciais, políticos e sociais, tanto de quem escrevia como dos donos de jornais, guiados por ideais, monarquistas, republicanos, abolicionistas, escravocratas ou liberais. Na Europa e na América do Norte, os jornais diários começaram a adquirir uma feição industrial, aí surgiu o interesse de estudar seus antecedentes no Brasil (Melo, 1999).

De acordo com Melo (1999), um dos primeiros problemas de pesquisa dessa fase, suscitado por historiadores brasileiros, foi responder se havia alguma iniciativa de imprensa no Brasil antes de 1808. Isso porque alguns intelectuais defendiam que os holandeses tinham instalado prensas no Brasil antes da chegada das prensas portuguesas. Então, a preocupação das pesquisas da época era conhecer a história da imprensa brasileira, ainda no ensaísmo, produzindo conhecimento via a análise documental e fontes secundárias (Melo, 1999). Os principais acontecimentos desta fase estão no Quadro 1.

Quadro 1 – História das Ciências da Comunicação - Fase do *Desbravamento* (1873-1922).

1873	José H. D. Pereira empreende uma pesquisa e comprova que não houve imprensa holandesa no país
1891	Pereira da Costa divulga os resultados das suas pesquisas sobre as “clandestinas” tipografias pernambucanas de 1706 e 1816 e ressalta a procedência lusitana na história da nossa imprensa
1899	Alfredo de Carvalho esclarece definitivamente o episódio sobre a criação da imprensa no Brasil
1908	Alfredo de Carvalho organiza o primeiro projeto de “pesquisa integrada” da área realizada no Brasil, ao inventariar os 100 anos da imprensa brasileira. Mobilizou pesquisadores nas diversas unidades da Federação para apresentar seus resultados. Os documentos principais foram exibidos publicamente no Rio de Janeiro, através de uma exposição comemorativa do centenário da nossa imprensa.
1908	Gustavo de Lacerda funda a Associação Brasileira de Imprensa (ABI)
1918	ABI promove o I Congresso Brasileiro de Jornalistas

Fonte: Melo (1999) e Lopes (2013).

A segunda fase, chamada de *Pioneirismo*, aconteceu entre 1923 e 1946, e “acena em direção ao empirismo, apesar de persistir uma certa hegemonia ensaística” (Melo, 1999, p. 55). Em 1923, o jornalista Barbosa Lima Sobrinho publicou um estudo sobre a liberdade de imprensa, “um divisor de águas” para a área por alguns motivos: além da metodologia jornalística empregada ao construir a agenda temática e tecer a argumentação, ele recorre a conhecimentos históricos e jurídicos sem neles deixar-se enredar; o autor escreve um dos primeiros tratados de “teoria do jornalismo brasileiro, fazendo generalizações e extrapolações que foram se confirmando com os anos” (Melo, 1999, p. 56).

Em síntese, Melo (1999) afirma que se trata de um exercício de reflexão jornalística realizado segundo a ótica peculiar ao campo profissional, que criou um padrão que seria continuado por pesquisadores brasileiros. “Estavam criadas as condições para o surgimento de um campo singular de pesquisa que, apesar de ungido pela interdisciplinaridade, adquire fisionomia própria” (Melo, 1999, p. 56).

Esse campo interdisciplinar tinha pesquisas sobre os jornalistas e outros profissionais midiáticos (fotografia, cinema, publicidade, artes gráficas), pesquisas de mercado patrocinadas, pesquisas com procedimentos da economia, sociologia ou psicologia social para desvendar a natureza comunicacional de objetivos midiáticos, também pesquisas usando jornais como fonte de pesquisa social (Melo, 1999). Esses ensaios sobre a imprensa que se formava no país, dos mais diversos ângulos, já eram publicados em jornais e revistas acadêmicas desde o século XIX (Schoenherr; Woitowicz, 2024).

Em um país que não tinha universidades, as revistas e jornais foram um importante espaço de divulgação, num período em que universidades e cursos superiores eram proibidos por lei e os filhos das elites colonial e imperial se dirigiam às universidades européias (Oliveira, 2020). Ao longo do século XVII, vários pedidos para que se criasse uma universidade no país foram negados. Antes do fim do século XVIII, os colégios no Brasil não eram de nível superior e eram restritos aos homens. Nos séculos seguintes, até o fim da Monarquia e início do século XX, o número de institutos, escolas, faculdades só crescia, bem como o movimento que demandava universidades.

A primeira universidade oficial nasceu só em 1920, “profundamente elitista” (Oliveira, 2020, p. 4), privando grande parte da população ao seu acesso, o que afetou o estudo de demandas não consideradas “importantes”. Trata-se da Universidade do Rio de Janeiro (URJ), criada na então capital do país, e atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O ponto importante de 1920, é que a criação da universidade passou a ser uma estratégia de governo (Barreto; Filgueiras, 2007), mas ainda havia muito a se fazer:

A introdução do princípio de que uma universidade não deve apenas ensinar, mas também criar conhecimento e cultura, através da pesquisa. Não havia sequer a noção de que apenas cursos de graduação não são suficientes, e muito menos a idéia de universidade de inclusão social, em que segmentos significativos da população a ela tivessem acesso. Tampouco existia nos anos 20 o conceito de atividades extra-muros de uma universidade, interagindo intimamente com a sociedade (Barreto; Filgueiras, 2007, p. 1789).

Após 1920, o processo de criação de universidades continuou em diversos territórios, associado a interesses econômicos, beneficiando determinados territórios e preterindo outros, que receberam universidades somente anos depois. Ensaios sobre a imprensa, escritos por médicos, advogados, escritores, políticos, ex-escravos e mulheres letradas, parte com vida efêmera (Duarte, 2003; 2016), e publicados em jornais e revistas, ganham um espaço institucional de universidade, por exemplo, com a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934 e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), atual FFLCH.

A formação do corpo docente da FFCL é de europeus, principalmente da França, Itália e Alemanha (Universidade de São Paulo, 2024).

A Alemanha vivia o começo de um governo nazista e a Itália, há mais de uma década, convivia com o fascismo de Mussolini. A França era uma democracia e, por isso, muito das disciplinas de humanidades foram direcionadas principalmente a professores franceses. Já as de ciências exatas e naturais, que se acreditavam menos voltadas para a formação reflexiva e ideológica do estudante, foram entregues a alemães e italianos (Universidade de São Paulo, 2024, p. 1).

Isso não quer dizer que os alemães e italianos não inspiraram o pensamento brasileiro. Os alemães traziam consigo a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que se formou nos anos 1920 (Seno, 2024). Os italianos tinham Antonio Gramsci, filósofo marxista, político, jornalista, historiador e linguista que acabara de morrer em 1937, na cidade de Roma na Itália (Blog Boitempo, 2021). Os brasileiros apoiaram-se em ambos pensamentos, por exemplo, no alemão Walter Benjamin, e no próprio Gramsci que, segundo Rüdiger (2021), serviu de base para os pensamentos marxistas ligados ao jornalismo entre as décadas de 1950 e 1980.

Há outros exemplos, que diferentemente da FFLCH – um espaço acadêmico de crítica ligado às Ciências Sociais e as Ciências Humanas – miravam para o Jornalismo e a Comunicação. Anísio Teixeira criou em 1935 o Curso de Comunicação de Massa da Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), mas o projeto foi “efêmero” e fechou em seguida (Melo, 1999, p. 57; Lopes, 2013). Por demanda de profissionais no mercado, no ano de 1942, criou-se um curso no Rio de Janeiro, por iniciativa da Associação dos Jornalistas Católicos (Melo, 1999).

No ano de 1938, “o ensino superior de Jornalismo é reconhecido por meio do Decreto-Lei 910. A formação em jornalismo passa a fazer parte da estrutura universitária brasileira vinculada às Faculdades de Filosofia” (Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2025, p. 1). Em 1943, “o ministro da Educação viabilizou o ensino de jornalismo no Brasil, vinculando-o ao sistema de ensino superior” (Melo, 1999, p. 58). Segundo Melo (1999), em 1943, fundou-se em São Paulo um curso livre de jornalismo por correspondência, dirigido por Vitorino Prata Castelo Branco, que produziu o primeiro manual de estudos jornalísticos brasileiro. Em 1947, criou-se o Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (FCL) e, no ano seguinte, o da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (Melo, 1999). Na transição para os anos 1950, as pesquisas da área começaram a ganhar teor mais crítico (Rüdiger, 2021) enquanto as empresas jornalísticas se firmavam no ambiente da “sociedade de consumo” (Ortiz, 1988).

Nessa época, iniciou-se a fase de *Fortalecimento* (1947-1963) (Melo, 1999). Para organizar a profissão no país, um ano antes foi criada a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), “efetivamente incorporada às lutas em defesa dos jornalistas e do jornalismo no Brasil” (Federação Nacional dos Jornalistas, 2025, p. 1). A sociedade de consumo, as promessas da máquina pública eficiente, a modernização e industrialização do Brasil e o jornalismo como profissão de mercado são reflexões germinadas neste período e construídas durante as décadas seguintes. Reflexões que desembocam na concepção da ideia de indústria jornalística, no final dos anos 1960, quando “o jornalismo constitui socialmente um negócio, [...] amparando-se heterodoxamente no conceito de indústria cultural, conforme proposto pela Escola de Frankfurt (Medina, [1975] 1978)” (Rüdiger, 2021, p. 82).

É um momento que apresenta uma realidade e necessidade *sui generis* no que se refere à administração pública, “a formação de quadros profissionais para atender ao inevitável progresso do país” (Gouvêa, 2012 *apud* Cabral *et al.*, 2020, p. 3). Tal objetivo só poderia vir a ser alcançado com a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 1951 (Gouvêa, 2012 *apud* Cabral *et al.*, 2020). Nesse mesmo ano foi criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A Capes passou a administrar o sistema nacional de pós-graduação para qualificar a formação dos professores/as. O CNPq foi criado para fomentar a pesquisa científica, tecnologia e o desenvolvimento social. Dentro do sistema do CNPq e da Capes e no conceito de universidade brasileira, “até o início dos anos 60 o Jornalismo permanecia como o único setor comunicacional legitimado [...] Os demais setores cresciam fora dos muros acadêmicos” (Melo, 1999, p. 60). Mas assim como na fase do *Pioneirismo*, a interdisciplinaridade organizou o campo na fase do *Fortalecimento* e o cenário mudou.

Isso porque, em 1963, Pompeu de Souza criou na Universidade de Brasília (UnB), a primeira Faculdade de Comunicação de Massa, articulando Jornalismo, Publicidade, Cinema e Rádio-Televisão (Melo, 1999), demarcando dentro da universidade a convergência dessas áreas e a Comunicação entrando nos muros da academia, delegando o Jornalismo como uma subárea da Comunicação Social. Souza tinha relações acadêmicas com Dantom Jobim, que frequentou o Ciespal com Luiz Beltrão, um “espaço de convergência das correntes comunicológicas oriundas da Europa e dos Estados Unidos com as embrionárias experiências cognitivas processadas na América Latina” (Melo, 1999, p. 61).

Ou seja, em certo ponto, a ideia de ampliar o campo de estudo e incluir várias subáreas dentro das Ciências da Comunicação tem influência dessa relação internacional⁵. “Propaganda pela Unesco nos anos do pós-guerra, a Comunicação de Massa – hoje conhecida como Comunicação Social – chegou ao Brasil como uma nova disciplina por meio do Ciespal e do currículo mínimo obrigatório estabelecido na década de 1960” (Meditsch; Segala, 2005, p. 48). O currículo mínimo criou os cursos de Comunicação Social e as habilitações, nas quais o Jornalismo era uma delas (Lopes, 2013).

Fui atrás das origens dessa ruptura entre teoria e prática nas escolas de jornalismo, e a localizei na imposição do conceito de “comunicação social” ao Brasil, por motivações bem pouco científicas, produto da Guerra Fria. Naquela etapa consegui localizar esta ruptura na história do nosso campo acadêmico na América Latina e no Brasil. Hoje já consigo rastrear um pouco mais além, chegando à origem mesmo da *Mass Communication*, um campo acadêmico gerado no Departamento de Estado norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, quando reuniu *schollars* de várias disciplinas para enfrentar a estratégia comunicativa de Goebbels e Hitler na Alemanha. Neste contexto, o acadêmico Wilbur Schramm se torna o primeiro defensor da Comunicação como uma nova disciplina, capaz de atrair mais apoio, poder e verbas do que o estudo do jornalismo tinha sido capaz na universidade norte-americana até então (Estudos em Jornalismo, 2004, p. 96).

Esse período é crucial para entender o conceito de *convergência*, pois abriga o início da inserção social de novos modos culturais de comunicação possibilitados pelas tecnologias digitais e eletrônicas de informação – que se renovam e atualizam até hoje. É aí que o rádio, a TV e os impressos, analógicos, começam a convergir com as novas formas de se distribuir informação e notícia, digitais. Essa nova dinâmica alterou o mundo do trabalho dos jornalistas, pois os trabalhadores da mídia tinham novas funções à medida que esses aparelhos digitais e eletrônicos entraram no cotidiano de produção. Conforme o meio laboral se modificava, o ensino de jornalismo e as identidades profissionais, determinadas pelas interações, contexto de trabalho e local (Le Cam; Pereira, 2022) também se transformaram.

Isso demandou diferentes profissionais midiáticos, o que pode ser um dos motivos para mudança proposta por Beltrão, Pompeu e outros na década de 1960. Essas mudanças estruturais eram discutidas pelos pesquisadores que se encontravam no Ciespal, que estava sob influência dos Estados Unidos, e outros espaços como a Sociedade Europeia de Opinião e Pesquisa de Marketing (Esomar) e a Associação Internacional para Pesquisa de Mídia e Comunicação (IAMCR).

⁵ Beltrão criou o primeiro centro brasileiro de pesquisa na área - Instituto de Ciências da Informação (Icinform), em 1963, na Universidade Católica de Pernambuco, inspirado no Ciespal. Ele também foi responsável pela primeira revista científica da área, *Comunicações & Problemas*, em 1965 (Melo, 1999).

[Nos] anos 1970, o Ciespal, catalisado pelas importantes reuniões de San José, Costa Rica, em 1973, rompeu seus laços com os EUA e tornou-se um local para organizar um campo verdadeiramente latino-americano. Em 1972, deu início a um novo periódico, o Chasqui, publicado em espanhol e que centralizava a produção acadêmica da região (Daros, 2023). A energia intelectual e política da época estava vinculada ao relatório de 1980 da Comissão MacBride, que foi um dos principais tópicos das reuniões da IAMCR naquele ano em Caracas (Sánchez-Narvarte, 2022). [...] Organizando-se a partir de redes apoiadas pela IAMCR, os acadêmicos latino-americanos fundaram a ALAIC em 1978, embora ela tenha permanecido estagnada até 1989, quando foi reconstituída e começou a promover reuniões bienais regulares (Melo, 2011b) (Simonson; Pooley; Park, 2023, p. 33)

Durante a fase de *Fortalecimento*, a Capes não incorporou nenhum programa de pós-graduação em Comunicação no Brasil, mas os pesquisadores/as da área já caminhavam para a consolidação da pós-graduação no país, por duas razões. A primeira, mostra que na fase de *Consolidação* (1964-1977) (Melo, 1999) se formou o primeiro doutor em Ciências da Comunicação do país, Luiz Beltrão, na Faculdade de Comunicação da UnB (FAC-UnB), em 1967. A segunda, diz respeito ao início do que viria a ser a primeira pós-graduação da área no país, que se cristalizou na emblemática Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, criada em 1966, chamando-se, inicialmente, Escola de Comunicações Culturais, e recebendo o nome atual em 1969 (Universidade de São Paulo, 2025).

Em 1972, ainda na fase de *Consolidação*, a ECA-USP inaugurou o primeiro programa de pós-graduação mestrado acadêmico *stricto sensu* em Ciências da Comunicação do Brasil, seguindo a pedagogia do Ciespal da década de 1960, formando doutores em outras subáreas da Comunicação além do Jornalismo (Melo, 1999). Em 1973, a ECA-USP formou o primeiro doutor em Jornalismo do Brasil, José Marques de Melo e em 1980, inaugurou o primeiro doutorado em Comunicação. A partir de 1972 o Brasil ganhou mais programas voltados à área da Comunicação, com um *boom* de criação nos anos 1990. A área tem enfrentado um fechamento sucessivo de programas: Unisinos, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), FCL, Fiam-Faam e Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).⁶

Por isso, esses programas não estão presentes no Quadro 2, que expõe essas informações a partir de coletas feitas por Silva (2019) e Pontes e Almeida (2018), atualizados pela dissertação em 7 de janeiro de 2025. Considera-se a data de reconhecimento do documento de homologação dos Atos Normativos da Plataforma Sucupira e informações institucionais. Datas parcialmente exatas, pois, nem sempre elas coincidem, uma divergência entre a plataforma e os sites institucionais.

6

Disponível em: site.sbpjor.org.br/nota-de-repudio-pelo-fechamento-sucessivo-de-programas-de-pos-graduacao-em-comunicacao-no-brasil/. Acesso em: 11 jul. 2025.

Quadro 2 – PPG's da área da “Comunicação e Informação” por ordem de criação (penúltima coluna).

IES	Nome do Programa	Modalidade	Mestrado	Doutorado
PUC-SP	Comunicação e Semiótica	acadêmico	1970	1979
USP	Ciências da Comunicação	acadêmico	1972	1980
UFRJ	Comunicação	acadêmico	1972	1983
UnB	Comunicação	acadêmico	1974	2003
UMESP/IMS	Comunicação Social	acadêmico	1978	1995
Unicamp	Multimeios	acadêmico	1987	1998
UFBA	Comunicação e Cultura Contemporâneas	acadêmico	1990	1995
PUC-RS	Comunicação Social	acadêmico	1994	1999
UFRGS	Comunicação	acadêmico	1995	2001
UFMG	Comunicação Social	acadêmico	1995	2003
UFF	Comunicação	acadêmico	1997	2002
UNIP	Comunicação	acadêmico	1997	2003
UFPE	Comunicação	acadêmico	1998	2007
Unesp-Bauru	Comunicação	acadêmico	2001	2014
UERJ	Comunicação	acadêmico	2002	2012
PUC-Rio	Comunicação	acadêmico	2003	2013
ESPM	Comunicação e Práticas de Consumo	acadêmico	2006	2013
UFSM	Comunicação	acadêmico	2006	2012
UNISO	Comunicação e Cultura	acadêmico	2006	2019
UFJF	Comunicação	acadêmico	2006	2019
UAM	Comunicação	acadêmico	2006	2016
PUC-Minas	Comunicação Social	acadêmico	2006	-
UEL	Comunicação	acadêmico	2007	-
UFG	Comunicação	acadêmico	2007	2019
UFSC	Jornalismo	acadêmico	2007	2014
UFSCar	Imagem e Som	acadêmico	2008	2023
UFPB-JP	Comunicação e Culturas Midiáticas	acadêmico	2008	-
UCB	Inovação em Comunicação e Economia Criativa	profissional	2008	-
UFC	Comunicação	acadêmico	2008	2019

IES	Nome do Programa	Modalidade	Mestrado	Doutorado
UFRN	Estudos da Mídia	acadêmico	2009	2016
USP	Meios e Processos Audiovisuais	acadêmico	2010	2010
UFPR	Comunicação	acadêmico	2010	2019
UFPA	Comunicação, Cultura e Amazônia	acadêmico	2010	2019
UFPI	Comunicação	acadêmico	2011	-
UFMS	Comunicação	acadêmico	2011	2023
UFS	Comunicação	acadêmico	2012	-
UEPG	Jornalismo	acadêmico	2013	2024
UEPB-JP	Jornalismo	profissional	2013	-
UFF	Mídia e Cotidiano	acadêmico	2013	2019
UFU	Tecnologias, Comunicação e Educação	profissional	2013	
UFES	Comunicação e Territorialidades	acadêmico	2014	-
UFOP	Comunicação	acadêmico	2016	-
UFT	Comunicação e Sociedade	acadêmico	2016	-
UFRJ	Mídias Criativas	profissional	2016	-
USCS	Tecnologia, Informação e Comunicação	profissional	2017	-
UFF	Cinema e Audiovisual	acadêmico	2017	2017
Unipampa	Comunicação e Indústria Criativa	profissional	2017	-
Unicap	Indústrias Criativas	profissional	2017	-
UFRB	Comunicação	acadêmico	2017	-
UFRR	Comunicação	acadêmico	2019	-
UFMA	Comunicação	profissional	2019	-
UFMA	Comunicação	acadêmico	2019	-
UFMT	Comunicação	acadêmico	2020	-
DIP	Comunicação	acadêmico	2023	-
IDP-Brasília	Comunicação	acadêmico	2024	
Unir	Comunicação	acadêmico	2024	
UFAM	Informação e Comunicação	acadêmico	2024	
Univille	Comunicação e Mediações Contemporâneas	profissional	2024	-

Fonte: Silva (2019), Pontes e Almeida (2018) e Plataforma Sucupira (2024).

Estes programas nascem e crescem em um período crítico para a democracia do país. Do golpe militar de 1964 até 1985 foi o pior momento da história do jornalismo brasileiro, marcado por política de repressão a veículos e jornalistas opositores, e beneficiando os grupos pró-governo (Carvalho; Figueira, 2022). Foram torturados e/ou mortos intelectuais, artistas, estudantes, professores/as, secundaristas e universitários, pesquisadores/as das várias subáreas da Ciências da Comunicação, e de outras áreas. Foram pensadores e pensadoras contra-forças ao governo, exilados e perseguidos, discutindo maneiras de olhar para o Brasil (Carvalho; Figueira, 2022). Esse período ditatorial abrange a fase da *Consolidação* (1964-1977) e os oito anos iniciais da fase de *Institucionalização* (1978-1997) das Ciências da Comunicação no Brasil (Melo, 1999).

Uma das necessidades iniciais da fase de *Institucionalização* era realizar encontros de troca de experiências entre pesquisadores/as da área, e organizá-los através de associações acadêmicas, porém, o regime ditatorial era um empecilho (Melo, 1999). Alguns eventos embrionários foram realizados. Por exemplo, o I Curso Nacional de Ciências da Informação, organizado por Luiz Beltrão, em 1964, não teve continuidade; I Encontro de Professores de Comunicação, em 1967, também não teve continuidade; I Congresso Brasileiro de Comunicação promovido pela ABI em 1970 (Melo, 1999). Bem como, projetos efêmeros de associações acadêmicas: Congresso Brasileiro de Comunicação Social, organizado pela União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC), que durou entre 1969 e final da década de 1990; Congresso Brasileiro de Ensino e Pesquisa da Comunicação, realizado pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (Abepec) que existiu entre 1972 e 1985; Associação Brasileira de Escolas de Comunicação (Abecom) que reunia diretores de cursos de graduação desde 1984 (Melo, 1999).

Algumas associações e eventos ainda fazem parte da agenda dos pesquisadores/as brasileiras, e comprovam “a institucionalização da comunidade acadêmica da área” (Melo, 1999, p. 69). A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 1977, e no ano seguinte, o Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, atual Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) de 1990, Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej), criada no Encontro Nacional de Professores de Jornalismo nos anos 1990⁷ e Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), de 2003.⁸

⁷ Ver histórico ABEJ. Disponível em: <https://abejor.org.br/institucional-2/quem-somos/>. Acesso em 03 jan. 2025.

⁸ Ver histórico Abraji. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/>. Acesso em 03 jan. 2025.

No início dos anos 2000, a Escola Latino-Americana de Comunicação comemorava seu cinquentenário enfrentando novos desafios. O principal deles era sua “legitimação no espaço acadêmico” (Melo, 2000, p. 13). Isso falando de todas as subáreas da Comunicação, pois “apesar de as universidades do sul da América terem acolhido pesquisadores e centros de pesquisa dos processos comunicacionais desde os anos 1960, somente agora, neste final de século, eles conquistam o devido reconhecimento institucional” (Melo, 2000, p. 13). De acordo com Melo (2012), neste período o Jornalismo, uma subárea da Comunicação, ingressou em uma nova fase no Brasil: fortalecimento como área específica do conhecimento, demarcando um espaço institucional específico para desenvolver suas pesquisas. Esta fase começou com a fundação da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores do Jornalismo (SBPJor), em 2003 (Melo, 2012; Rüdiger, 2021) que realizou o 1º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor 2003) no mesmo ano e criou a Brazilian Journalism Research (BJR) em 2005⁹.

Nos anos seguintes, pesquisadores/as do Jornalismo deram mais passos para solidificar a área no Brasil: em 2007, foi criado o primeiro programa de pós-graduação acadêmico *stricto sensu* em Jornalismo, o mestrado do PPGJor-UFSC; em 2013 foram abertos mais três cursos, o primeiro doutorado *stricto sensu* em Jornalismo, também na UFSC, pioneiro na América Latina, o mestrado *stricto sensu* em Jornalismo da UEPG e o mestrado profissional da Universidade Federal da Paraíba (PPJ-UFPB). Em 2024, foi aprovado o Doutorado em Jornalismo da UEPG.

Embora a ECA-USP oferecesse título de doutor em Jornalismo nos anos 1970 (Melo, 1973), PPGJor-UFSC, PPGJor-UEPG e PPJ-UFPB são os primeiros programas do país focados em Jornalismo e que têm Jornalismo no nome. Diferentemente da ECA-USP, que tem a palavra Comunicação em sua nomenclatura e não focava somente no Jornalismo, e também formava doutores com outros tipos de titulação, tais como Relações Públicas, Publicidade, entre outras titulações (Melo, 1973).

Em síntese, segundo Melo (2012, p. 24) pode-se periodizar a “história do conhecimento jornalístico brasileiro” em cinco fases e três períodos: *Pensamento* (1808-1858), tema de reflexão; *Memória* (1859-1922), tópico de observação; *Pesquisa* (1923-1946), objeto de cognição; *Disciplina* (1947-1992), área acadêmica; *Comunidade* (1993-2012); *Emancipação* (século XIX); *Identificação* (século XX); e *Autonomização* (século XXI).

⁹ Ver histórico BJR. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr>. Acesso em: 11 jul. 2025.

A criação do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, ambientes de produção dos objetos empíricos desta dissertação, ajudam a cristalizar um dos objetivos do processo de *Autonomização* iniciado no século XXI, a institucionalização e encaixe do Jornalismo no sistema nacional de ciência e tecnologia (Melo, 1999).

Em conclusão, após abordar a formação da área de pesquisa em Jornalismo no Brasil nos parágrafos acima, explica-se no tópico *Pós-graduação acadêmica stricto sensu em Jornalismo* o processo de criação do PPGJor-UFSC e do PPGJor-UEPG, que fazem parte de uma porção da área de pesquisa em Jornalismo do Brasil. É de suma importância entender o processo histórico de formação de ambos, pois só assim será possível ter uma noção mais nítida do ambiente de produção das teses e dissertações analisadas aqui e compreender as escolhas teóricas dos discentes produtores dos trabalhos.

1.2 PÓS-GRADUAÇÃO ACADÊMICA *STRICTO SENSU* EM JORNALISMO

As raízes do que viria a ser o PPGJor-UFSC estão na graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFSC, criada em 1979, no Centro de Comunicação e Expressão (Aguiar; Dietmann, 2019). Em 1983, criou-se o Departamento de Comunicação, renomeado para Departamento de Jornalismo em 2001 (Meditsch; Ayres; Betti, 2017). Nos anos 1980, o departamento foi um dos pioneiros na criação da disciplina de Teoria do Jornalismo, por meio de Adelmo Genro Filho, que ajudou a aperfeiçoar o projeto pedagógico colocando ênfase na ligação entre teoria e prática (Meditsch; Ayres; Betti, 2017).

Na década de 1990, com o fim do Currículo Mínimo obrigatório, passou a ser um curso exclusivamente de Jornalismo, o primeiro do país a assumir esta especificidade [...] [Em] 2000, o Curso de Jornalismo passou por uma completa reforma [...] já considerando previsão de salas exclusivas para a pós-graduação (Meditsch; Ayres; Betti, 2017, p. 76).

O processo oficial de intenção de formação do PPGJor-UFSC teve início nos anos 2000, a partir de algumas iniciativas pontuais que antecederam a criação efetiva do programa e fazem parte do processo de investimento e fortalecimento da área do Jornalismo no Brasil. Os docentes do Departamento de Jornalismo da UFSC Nilson Lage e Eduardo Meditsch cadastraram no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil o Grupo de Pesquisa em Estudos de Jornalismo (Meditsch; Ayres; Betti, 2017), que ajudou a aglutinar pesquisadores/as da universidade.

O Departamento de Jornalismo da UFSC também ofereceu o curso *lato sensu* de Especialização em Estudos de Jornalismo com quatro edições (Meditich; Ayres; Betti, 2017); em 2002, foi lançada a primeira revista científica e semestral do curso, *Estudos em Jornalismo e Mídia* (EJM).¹⁰

Antes de ser aprovado, o PPGJor-UFSC teve diferentes projetos sem sucesso. Em 2001, o grupo esboçou um projeto de mestrado profissional, mas esta proposta acabou sendo colocada de lado devido à resistência que a ideia de um Mestrado profissional, sem financiamento da Capes, enfrentou na instituição (Meditich; Ayres; Betti, 2017). Em 2005, o primeiro projeto de mestrado acadêmico teve fragilidades apontadas por consultores externos, e a submissão à Capes foi adiada para o ano seguinte (Meditich; Ayres; Betti, 2017).

Até aquele momento, a Área de Comunicação resistia em aceitar um mestrado especializado numa sub-área do campo, ainda mais sendo a de Jornalismo, considerada “separatista” pela visão então dominante. Todos os programas existentes no país eram de “Comunicação” ou “Ciências da Comunicação”. A Comunicação buscava sua legitimação como disciplina acadêmica, e a reivindicação do Jornalismo pelo reconhecimento de uma teoria própria era vista como uma ameaça à aquela expectativa hegemônica na pós-graduação da área (Meditich; Ayres; Betti, 2017, p. 76-78).

Em 2006, o projeto do mestrado acadêmico em Jornalismo da UFSC foi encaminhado à Capes. A área de concentração era Estudos em Jornalismo e o corpo docente desenvolveria duas linhas de pesquisa: Fundamentos do Jornalismo, com os professores/as Daisi Vogel, Francisco Karam, Gislene Silva e Orlando Tambosi, e Processos e Produtos Jornalísticos, estudada pelos professores/as, Eduardo Meditsch, Elias Machado, Nilson Lage e Tattiana Teixeira (Meditich; Ayres; Betti, 2017).

O comitê da Capes avaliou o projeto com conceito dois e reprovou como curso, mas um recurso encaminhado pela UFSC ajudou a aprovar o início do primeiro mestrado acadêmico em Jornalismo do Brasil para o segundo semestre de 2007 (Meditich; Ayres; Betti, 2017). Essas quase três décadas, entre 1979 e 2007, de formação de profissionais jornalistas no curso de Jornalismo, ajudaram a originar o PPGJor-UFSC, “sendo um produto do amadurecimento desta área acadêmica na instituição, por meio de um contínuo investimento na formação docente, na produção científica e na criação da infraestrutura necessária ao empreendimento” (Universidade Federal de Santa Catarina, 2022, p. 1).

¹⁰ Ver histórico EJM. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/about. Acesso em: 11 jul. 2025.

Em 2013, o PPGJor-UFSC encaminhou o projeto de doutorado para avaliação da Capes (Meditich; Ayres; Betti, 2017). Para a criação do doutorado, o PPGJor-UFSC fez uma reavaliação do seu projeto e atualizou as linhas de pesquisa, a partir do perfil do corpo docente, tornando obrigatórias as disciplinas Teoria do Jornalismo e Metodologia de Pesquisa em Jornalismo (Meditich; Ayres; Betti, 2017). O Doutorado foi aprovado com conceito quatro com a primeira turma em 2014 (Meditich; Ayres; Betti, 2017). Sobre a formação do PPGJor-UFSC ver Pontes (2015), Frighetto (2016) e Anunciação (2020).

O PPGJor-UFSC tem oito grupos de pesquisa, liderados pelos docentes da UFSC que lecionam na graduação e na pós-graduação em Jornalismo, que abrigam os interesses de estudos e trajetórias de pesquisadores que integram o programa: Jornalismo, Cultura e Sociedade; Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele); Hipermídia e Linguagem (Nephi-Jor); Observatório da Ética Jornalística (objETHOS); Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa); Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (Transverso); Grupo de Estudos sobre Narrativas Audiovisuais Jornalísticas (Genajor); Laboratório de Qualidade Informativa (Qual-i).

As investigações são desenvolvidas em três linhas de pesquisa. A Linha 1, Cultura e Sociedade, produz estudos do jornalismo como fenômeno da modernidade, observando suas múltiplas naturezas e implicações na sociedade. Os professores/as integrantes são Carlos Locatelli, Daiane Bertasso, Daisi Vogel, Flávia Guidotti, Isabel Coelho, Jorge Ijuim e Terezinha Silva.

A Linha 2, Tecnologias, Linguagens e Inovação, foca no estudo do jornalismo em bases teóricas, históricas, empíricas e aplicadas, com ênfase em transformações e inovações decorrentes da disseminação das tecnologias da informação e da comunicação. As professoras que desenvolvem as pesquisas da linha são Beatriz Maroco, Cárlica Emerim, Fabiana Piccinin, Raquel Longhi, Rita Paulino, Stefanie Silveira e Valci Zuculoto.

A Linha 3 Conhecimento e Profissão, produz investigações do jornalismo como forma de conhecimento e como atividade profissional, orientados pelos professores Eduardo Meditsch, Jacques Mick, Rogério Christofolletti e Samuel Pantoja Lima.

O Quadro 3 sistematiza as linhas de pesquisa e seus integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e seus líderes, no âmbito do PPGJor-UFSC.

Quadro 3 - Linhas de pesquisa e integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e líderes, do PPGJor-UFSC.

Linhas de Pesquisa	Integrantes	Grupos de Pesquisa	Líderes
Cultura e Sociedade	Carlos Locatelli Daiane Bertasso Daisi Vogel Flávia Guidotti Isabel Coelho Jorge Ijuim Terezinha Silva	Jornalismo, Cultura e Sociedade	Daisi Vogel e Eduardo Meditsch
		Transverso - Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica	Terezinha Silva
Tecnologias, Linguagens e Inovação	Beatriz Maroco Cárlida Emerim Fabiana Piccinin Raquel Longhi Rita Paulino Stefanie Silveira Valci Zuculoto	GIPTele - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo	Cárlida Emerim
		Nephi-Jor - Hipermídia e Linguagem	Raquel Longhi
		Girafa - Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio	Valci Zuculoto e Eduardo Meditsch
		Genajor - Grupo de Estudos sobre Narrativas Audiovisuais Jornalísticas	Fabiana Piccinin
Conhecimento e Profissão	Eduardo Meditsch Jacques Mick Rogério Christofolletti Samuel Pantoja Lima	objETHOS - Observatório da Ética Jornalística	Rogério Christofolletti e Samuel Pantoja Lima
		Qual-i - Laboratório de Qualidade Informativa	Rogério Christofolletti

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Apesar de todas as linhas de pesquisa do PPGJor-UFSC discutirem diferentes problemáticas e dinâmicas do componente tecnológico tensionando a produção jornalística, a Linha 2 tem propriedade na temática de pesquisa. Os docentes e discentes da Linha 2 desenvolvem pesquisas estabelecidas a partir do arcabouço teórico da convergência, ciberjornalismo, narrativas digitais, entre outras vertentes de pesquisa. No âmbito do PPGJor-UFSC, as pesquisas que fazem parte do universo de pesquisa do Jornalismo Digital, concentram-se principalmente nos grupos de pesquisa Hipermídia e Linguagem, GIPTele, Girafa e Genajor.

A formação do PPGJor-UEPG faz parte do mesmo “processo de institucionalização da pesquisa em jornalismo no Brasil [...] pavimentado nos primeiros anos do século XXI” (Anunciação, 2020, p. 66) e final do século XX pela SBPJor, PPGJor-UFSC e outras instituições. As bases do PPGJor-UEPG estão dentro do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UEPG (Dejor-UEPG), criado em abril de 1985 – atualmente o curso é de Bacharelado em Jornalismo.

Segundo Gadini (2021), que participou “ativamente na criação do segundo curso de mestrado acadêmico em jornalismo no Brasil [na UEPG]” (Bronosky, 2016, p. 1) – juntamente a Cintia Xavier, Karina Janz Woitowicz, Marcelo Engel Bronosky, Paula Melani Rocha, Maria Lúcia Becker –, os anos 1980 e 1990 foram marcados pela inviabilidade do avanço de atividades de extensão e pesquisa na UEPG, por falta de incentivo financeiro do Governo Federal e do Paraná. Desde os anos 1990, professores/as do Dejor-UEPG reivindicavam uma estrutura institucional no curso para desenvolver as pesquisas científicas do corpo docente.

Por exemplo, em 1990 foi criada a Semana de Estudos em Comunicação para estabelecer diálogos com pesquisadores, pesquisadoras e profissionais da área, em torno desse anseio (Gadini, 2021). A Semana de Estudos em Comunicação foi inserida no catálogo de eventos do Dejor-UEPG, justamente em um período que o conhecimento jornalístico brasileiro começava a entrar em fase de *Comunidade* (Melo, 2012), uma fase na qual se fomentou cada vez mais a realização de encontros e eventos entre pesquisadores/as da área (Melo, 1999; 2012).

Nos anos 1990, o curso de Jornalismo do Dejor-UEPG não tinha grupos de pesquisa, mas os e as professores realizavam investigações incluindo estudantes da graduação com bolsas de iniciação científica (IC), em trabalhos autônomos ou em colaboração com pesquisadores/as de outras universidades, nacionais e internacionais (Gadini, 2021). Foi a partir dos anos 1990 que vários docentes mestres do Dejor-UEPG começaram a desenvolver suas teses de doutorado, movimento que continuou nas primeiras duas décadas dos anos 2000 – Cintia Xavier, Hebe Maria Gonçalves, Karina Janz Woitowicz, Marcelo Engel Bronosky e Sérgio Luiz Gadini, por exemplo (Plataforma Lattes, 2025).

A partir de 1996, inicia-se uma série de contratações através de concursos públicos e o Dejor-UEPG teve seus primeiros quatro projetos de IC, o que fomentou a pesquisa no âmbito da UEPG, na medida em que a pesquisa científica dentro de uma graduação passa a ser encarada como um fator importante, provocando um salto qualitativo na formação acadêmica (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2025).

Esses docentes, que na época cursavam pós-graduação, queriam criar um evento científico para os estudantes conhecerem seus trabalhos e estimular a pesquisa, que começava a crescer mesmo em um cenário de poucas bolsas de incentivo (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2025). Assim, em 1998, foi realizado o primeiro Seminário de Inverno de Estudos em Comunicação, e em 2003, o primeiro Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo (Gadini, 2021), movimento que já visava uma pós-graduação e criava um ambiente de pesquisa (Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2025)

Após anos de esforços, os anos 2000 marcam o início sistematizado de atividades de pesquisa no Dejour-UEPG, visando catapultar essas atividades “para além da graduação” (Gadini, 2021, p. 23): a primeira especialização *lato sensu*, Mídia, Política e Atores Sociais, foi lançada em 2006, com turmas em 2009 e 2011 (Gadini, 2021); também criou-se os primeiros grupos de pesquisa do Dejour-UEPG entre 2006 e 2010, Jornalismo, Política e Atores Sociais (2006)¹¹, Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídias Digitais (GEMIDI) (2007), Lógicas de Produção e Consumo no Jornalismo (Lógicas) (2009), Jornalismo Cultural e Folkcomunicação (2010), Jornalismo e Gênero (2010) e Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização (O Conhecimento no Jornalismo) (2010) (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Mais um passo foi dado em 2012, a criação do Colóquio Mulher e Sociedade, evento organizado bianualmente pelo grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero, coordenado pelas professoras Paula Melani Rocha e Karina Janz Woitowicz (Colóquio Mulheres e Sociedade, 2025).

Em 2013, o Mestrado em Jornalismo da UEPG foi aprovado pela Capes, tornando-se o segundo do país. Com isso, o Seminário de Inverno ganharia uma nova roupagem: ênfase nas linhas de pesquisa desenvolvidas no programa e convidados pesquisadores/as. O programa também incorporou duas revistas: Revista Internacional de Folkcomunicação (RIF), editada pela UEPG e pela Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação (Rede Folkcom) desde 2004; Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, criada em 1993, por Elias Machado e Sérgio Luiz Gadini (Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, 2025).

Em 2022, o PPGJor-UEPG recebeu nota 4 na avaliação da Capes e com isso teve a oportunidade de submeter um projeto de doutorado à Capes. Depois de dois anos, com um projeto recusado em 2023, finalmente, em 2024 o projeto de doutorado do PPGJor-UEPG foi aprovado pela Capes e se criou o segundo doutorado em Jornalismo do país, que teve sua primeira turma no primeiro semestre de 2026.

¹¹ Em 2025, o grupo passou a se chamar Jornalismo, Política e Cidadania em Tempos Desinformação.

Quadro 4 - Linhas de pesquisa, integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e líderes, do PPGJor-UEPG.

Linhas de pesquisa	Integrantes	Grupos de Pesquisa	Líderes
Processos de Produção Jornalística	Cintia Xavier Felipe Simão Pontes Graziela Soares Bianchi Guilherme Gonçalves de Carvalho Ivan Elizeu Bomfim Marcelo Engel Bronosky Paula Melani Rocha Rafael Schoenherr	Lógicas de Produção e Consumo no Jornalismo	Marcelo Engel Bronosky, Cintia Xavier e Rafael Schoenherr
		GEMIDI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídias Digitais	Graziela Bianchi e Ivan Bomfim
		O Conhecimento no Jornalismo - Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização	Paula Melani Rocha e Felipe Pontes
Processos Jornalísticos e Práticas Sociais	Graziela Soares Bianchi Hebe Maria Gonçalves Karina Janz Woitowicz Paula Melani Rocha Rafael Schoenherr Sérgio Luiz Gadini	Jornalismo, Política e Atores Sociais até 2024; Em 2025, o grupo passou a se chamar Jornalismo, Política e Cidadania em Tempos de Desinformação	Hebe Maria Gonçalves liderou com Sérgio Luiz Gadini até 2024; Sérgio Luiz Gadini e Marcelo Bronosky são os atuais coordenadores
		Jornalismo Cultural e Folkcomunicação	Sérgio Luiz Gadini, Karina Janz Woitowicz e Rafael Schoenherr
		Jornalismo e Gênero	Karina Janz Woitowicz e Paula Melani Rocha

Fonte: Dados de pesquisa (2024).

O PPGJor-UEPG abriga duas linhas de pesquisa e seus grupos de pesquisa (Quadro 4). A Linha 1, Processos de Produção Jornalística, pesquisa a especificidade epistemológica e profissional do jornalismo na produção, circulação e consumo noticioso, através dos grupos: Lógicas, GEMIDI e O conhecimento no Jornalismo. A Linha 2, Processos Jornalísticos e Práticas Sociais, estuda as relações do jornalismo com outras práticas e representações (cultura, política, gênero), e os respectivos impactos nas mediações sociais e debates públicos, através dos grupos: Jornalismo, Política e Cidadania em Tempos Desinformação, Jornalismo Cultural e Folkcomunicação e o Grupo de Pesquisa Jornalismo e Gênero.

No âmbito do mestrado e da graduação em Jornalismo da UEPG, o GEMIDI é o que concentra pesquisas acerca da relação do jornalismo com as mídias digitais, os processos comunicacionais, a cibercultura, a convergência jornalística e tecnológica, a inteligência artificial e outras temáticas. O Quadro 4 acima ilustra as linhas de pesquisa e seus integrantes, grupos de pesquisa de cada linha e líderes, do PPGJor-UEPG.

Para concluir este tópico, expõe-se que os resultados da análise mostraram que o GEMIDI e o Lógicas são os grupos de pesquisa do PPGJor-UEPG que focaram na temática da convergência e jornalismo nos últimos anos. Sabino (2019) e Lucena (2020), mestrandos da UEPG e autor/a dos trabalhos analisados, só participaram oficialmente (com cadastro no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil) do GEMIDI, porém o Lógicas também contribuiu de certa forma com as dissertações, pois seus orientadores são os coordenadores do grupo. Os trabalhos da UFSC selecionados pelo recorte proposto nesta dissertação provêm majoritariamente do grupo de pesquisa Hipermídia e Linguagem/UFSC, com 6 trabalhos do total de 7 (85%) – os 6 trabalhos foram orientados pela coordenadora do grupo, Raquel Longhi, 1 trabalho dos 6 foi co-orientado por Rita Paulino que é docente do PPGJor-UFSC e pesquisadora do Hipermídia e Linguagem. O grupo Girafa da UFSC, focado no radiojornalismo e liderado por Valci Zuculoto e Eduardo Meditsch, também aparece com um trabalho (Thibes, 2014), orientado por Meditsch. Ambos os grupos pertencem à Linha 2 do PPGJor-UFSC, conforme o recorte proposto aqui.

Por fim, no momento em que o PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG foram criados, passaram a seguir uma estrutura burocrática que rege a pós-graduação no país, comandada pela Capes, CNPq e MEC. Os dois programas, seus grupos e linhas de pesquisa estão dentro da área das Ciências Sociais Aplicadas, na área da Comunicação e na subárea Jornalismo, mas seus constituintes vêm de diferentes áreas do conhecimento. Portanto, os programas representam um recorte dentro do universo da pós-graduação brasileira, que é bem mais amplo, pois há diferentes linhas de pesquisa e grupos de pesquisa, diversas formações e interesses de pesquisa, diferentes regiões que abrigam as IES, assimetrias nas estruturas administrativas e de financiamento público.

Dentro desses dois programas há grupos de pesquisa, linhas de pesquisas, docentes, discentes, teses e dissertações que focam as pesquisas na temática da convergência e jornalismo e que por sua vez fazem parte do campo de pesquisa especializado no Jornalismo Digital, que iniciou suas atividades no Brasil nos anos 1990, conforme expõe o tópico *Pesquisa brasileira especializada no Jornalismo Digital*.

Com isso, no tópico seguinte será discutido o processo histórico de formação dos grupos de pesquisa brasileiros focados na temática, que são um *locus* importante e útil para compreender como se dão as escolhas teóricas das teses e dissertações analisadas, na medida em que os produtores dos trabalhos e seus orientadores fazem parte desses grupos e muitas vezes desenvolvem suas teses e dissertações com o auxílio, tutoria e orientação dos grupos de pesquisa que fazem parte. Importante frisar que os grupos foram e ainda são responsáveis pelo desenvolvimento do conceito de convergência a partir do contexto brasileiro. Afinal, foi a partir dos anos 1990, mediante pesquisas realizadas nas universidades e programas que abrigam esses grupos de pesquisa brasileiros, que se pode vislumbrar em 2025, reflexões teóricas genuinamente brasileiras sobre a convergência, a comunicação e o jornalismo. Parte-se de um plano macro apresentando grupos de pesquisa de diversas áreas das Ciências Sociais, até afunilar para grupos focados em Jornalismo. A ideia é apontar o que é específico em Jornalismo e convergência em um plano macro das Ciências Sociais e Comunicação.

1.3 PESQUISA BRASILEIRA ESPECIALIZADA NO JORNALISMO DIGITAL

Este passo da pesquisa ajuda a entender a reestruturação da agenda de pesquisa brasileira concentrada em pesquisas sobre Comunicação, Jornalismo e tecnologia, a partir do mapeamento dos grupos e das linhas de pesquisa que estudaram a temática nos últimos 30 anos e estão cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil (Lattes) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil). As teses e dissertações analisadas nesta dissertação fazem parte da agenda de pesquisa especializada no Jornalismo Digital. A compreensão do objeto de estudo da dissertação perpassa pela compreensão da reestruturação da agenda de pesquisa da área do Jornalismo Digital que abriga pesquisas sobre convergência e jornalismo, o que justifica tal movimento.

Para localizar os grupos, foram digitadas as seguintes palavras e radicais no Diretório: *ciber, converg, digital, hiper, jornal, multi, online, processos jornalísticos, rede, web e jornalismo*. Escolheram-se tais palavras e radicais, pois poderiam indexar nomes de linhas e grupos que estavam presentes no universo de pesquisa relacionado à convergência. Observaram-se os grupos um a um e foram selecionados 42, levando em conta as descrições e linhas de pesquisa. Foram considerados na coleta os grupos que mudaram de IES, encerraram ou não atualizaram informações. O foco foi encontrar grupos ativos e não atualizados, pois todos demarcam o percurso das pesquisas da área.

No percurso de formação da área do Jornalismo Digital, os estudos passaram por uma progressão alinhada à inserção das tecnologias nos processos jornalísticos e comunicativos. “Essas mudanças relacionais e processuais afetam o trabalho jornalístico e o campo científico que o incorpora como objeto de estudo específico, o que por sua vez, possibilita a fundação de um campo de conhecimento especializado” (Santos; Rocha; André, 2023, p. 147). O campo de conhecimento especializado no Jornalismo Digital está em desenvolvimento desde os anos 1990 com a criação dos primeiros grupos de pesquisa focados nos estudos da transformação do trabalho jornalístico com uso de internet, que tinha acabado de chegar ao Brasil na década de 1990.

O Quadro 5 lista a cronologia de criação dos grupos, procurando oferecer uma melhor visualização da linha do tempo. Nem todos os grupos estão necessariamente vinculados à pós-graduação, há grupos somente com pesquisas de Iniciação Científica e TCC, algo positivo, pois aguça pesquisas na graduação.

Quadro 5 – Grupos de Pesquisa brasileiros cadastrados no Diretório (Lattes) do CNPq.

Grupo (IES)	Linhas de Pesquisa	Criação
Usos sociais da mídia (UFSM)	Consumo e convergência; Processos de recepção e consumo dos meios de comunicação tecnológicos; Tecnologias da Comunicação, classes sociais e comunidades sustentáveis	1994
Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL) (UFBA)	Comunicação e Cultura Digital; Jornalismo Online	1995
Estudos de Jornalismo (UFSM)	Jornalismo e Tecnologias; Jornalismo, discurso e narrativa	2000
Grupo de Estudos de Mídia (Gemini) (UFRN)	Estudos Narrativos da Mídia; Investigações audiovisuais; Nova Ecologia da Mídia	2003
Jornalismo Digital (JorDi) (UFSM/UFRGS)	Jornalismo e Processos Editoriais; Redes sociais, interações e sociabilidades;	2004
Educação Superior e Comunicação (Educacom) (Ceub)	Gestão da comunicação; Linguagens contemporâneas; Novas tecnologias na comunicação; Psicanálise, Comunicação e Educação	2004
Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc) (UFPI)	Comunicação Organizacional; Comunicação x Desinformação; Economia Política do Jornalismo; História e Memória do Jornalismo; Jornalismo e Produção Cultural; Mídia e discurso; Processos E Práticas Do Jornalismo;	2005

Grupo (IES)	Linhas de Pesquisa	Criação
	Teorias da Comunicação; Webjornalismo;	
Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva (UFPA)	Processos Comunicacionais e Mídiação na Amazônia	2006
JOR XXI (UTP)	Processos midiáticos e Práticas comunicacionais	2006
Grupo de Estudo e Pesquisa em Mídias Digitais (Gemidi) (UEPG)	Lógicas e Processos de Produção Jornalística	2007
Hipermídia e Linguagem (UFSC)	Estudos e Produção Hipermídia; Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo	2007
Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo (Ciberjor) (UFMS)	Inovações no ensino de Ciberjornalismo; Plataformas móveis em Ciberjornalismo; Qualidade em Ciberjornalismo.	2008
Jornalismo e Multimídia (UFT)	Comunicação e Multimeios; Estudos em Jornalismo	2009
Convergência e Jornalismo (ConJor) (UFMS/Ufop)	Estudos de som; Métodos digitais	2010
Jornalismo em Redes e Convergência (Unipampa)	comunicação como indústria criativa; Comunicação em redes digitais; Convergência Jornalística; Inovações no jornalismo; Jornalismo audiovisual digital; Jornalismo digital; Webtelejornalismo	2013
Comunicação e Tecnologias Contemporâneas (Unitins)	Discurso e Mídia; Inovação e tecnologia; Jovens em tempo de Convergência	2014
Comunicação e Cultura Ciber (Click) (UFPR)	Comunicação e cultura ciber; Novas práticas jornalísticas e audiências interativas	2014
Mídias, redes e jovens: usos e apropriações em contextos digitais (UFF)	Políticas, discursos e sociedade	2014
Grupo de Pesquisas Interações Midiáticas, Textualidades e Processos Comunicacionais (IntexCom) (UFV)	Processos comunicacionais midiáticos e práticas sociais; Textualidades, Jornalismo e Processos de Significação.	2014
Laboratório de Discursividades Midiáticas e Práticas Socioculturais (LABDIM) (UEMG)	Convergência Midiática e Práticas Socioculturais; Mídia-educação; Processos e Discursos Midiáticos.	2015
Tecnologia e Narrativas Digitais (TECND)	Comunicação Digital e	2015

Grupo (IES)	Linhas de Pesquisa	Criação
(UFMA)	Tecnologias da Informação	
Comunicação, Tecnologia e Sociedade (Uninter)	Comunicação, Consumo e Cibercultura; Mídia e Tecnologia	2015
Mídia e memória: construção de identidades (PUC-Minas)	Jornalismo: hibridismos e deslocamentos; Mídia e representação social: modos de ver e dizer; O espaço biográfico: tensionamentos na construção da memória; Simbologias do mal na midiaticização do crime e da violência.	2015
Comunicação, Consumo e Subjetividade (UCP)	Cibercultura; Consumo, Memória e Propaganda; Entretenimento e Cultura de Convergência; Sociabilidade e Consumo na Era Digital	2016
Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Design da Informação Jornalística (Grid) (UFPE)	Design Editorial Multiplataforma; Infografia e Visualização de Dados	2016
Núcleo de Pesquisa em Televisão e Novas Mídias (Televisões) (UFF)	Conteúdos televisivos e práticas de consumo na cultura digital; História da televisão em perspectiva com a cultura digital	2016
Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Cibercultura (UFMA)	Jornalismo; Meios e Ferramentas na cibercultura	2016
Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios (Chrome Photo/Genem) (Unesp)	Ecossistemas imagéticos; Estudos da Mídia e Práticas Sociais	2016
Comunicação, Design e Tecnologias Digitais (Unifesp)	Design Educacional e Tecnologias Acessíveis; Jogos, games e gamificação; Narrativas digitais em contextos educacionais e midiáticos; Tecnologias Interativas	2017
Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom) (UFPA)	Processos Comunicacionais e Midiaticização na Amazônia; Transmídia e Inovação no Jornalismo	2018
Jornalismo Contemporâneo Práticas Para Emancipação Social na Cultura Tecnológica (EmancipaJor) (FCL)	Jornalismo contemporâneo e práticas jornalísticas; Jornalismo, Desinformação e Educação midiática;	2018
Jornalismo e Convergência Midiática (Jocon) (UFPI)	Redes sociais digitais e interatividade; Webjornalismo e práticas de convergência midiática	2019
Tecnologias, processos e narrativas midiáticas (ESPM)	Processos, tecnicidades e produções jornalísticas;	2019

Grupo (IES)	Linhas de Pesquisa	Criação
	Tecnicidades e configurações narrativas	
Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais (UFRN)	Convergência, jornalismo e práticas audiovisuais; Narrativas audiovisuais, de acessibilidade e transformações tecnológicas;	2020
Comunicação e Experimentação Criativa (Conecta) (UFSM)	Experimentação criativa e tecnológica; Narrativas midiáticas, convergência e consumo	2020
Laboratório de Mídias Digitais e Internet (MíDI) (Unir)	Culturas midiáticas; Jornalismo digital	2020
Núcleo de Estudos em Jornalismo de Dados e Computacional (DataJor) (IDP-Brasília)	Jornalismo de dados, audiência e desinformação	2021
Grupo de Pesquisa em Processos Jornalísticos e Inovação (Proji) (UFCA)	Reconfiguração profissional no jornalismo; Tecnologias aplicadas ao jornalismo	2021
Bloco de Ações em RAP, Rádio e Ausências Sonoras (Barras) (Unir)	Radiojornalismo e condições de trabalho; Rap das ausências nos países africanos de língua oficial portuguesa; Relações entre os músicos, o público, representantes e agentes do Estado; Reconfigurações nas relações dos jornalistas com as fontes; Sonoridades de resistência no hip-hop rondoniense; Versões Ausentes;	2022
Grupo Interdisciplinar de Ensino e Pesquisa em Telejornalismo e Práticas Inclusivas (Gepin) (UFMA)	Estudos sobre o telejornalismo, convergência e rotinas de produção; Jornalismo inclusivo: práticas educativas e desafios na TV; Memória e formação do Telejornalismo Maranhense	2022
Jornalismo e Inteligência Artificial (JoIA) (UnB)	Inteligência Artificial e Jornalismo	2022
Grupo de Pesquisa sobre Narrativas Audiovisuais Jornalísticas (GENAJOR) (UFSC)	Estudo teórico-metodológico da narrativa audiovisual; Narrativas da Produção Audiovisual Jornalística; Narrativas dos usuários.	2023

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

A Figura 1 mostra a concentração dos grupos de pesquisa por estados brasileiros. Quando se leva em consideração, particularmente, os grupos da região Sul, as suas linhas de pesquisa agregam diversas correntes de estudos.

Tais como: consumo, recepção, discurso, narrativa, processos editoriais e mediáticos, interação, sociabilidade, práticas comunicacionais, lógicas e processos de produção jornalística, estudos em hipermídia e linguagem, indústria e experimentação criativa, redes sociais e digitais, convergência jornalística, inovação, audiovisual digital, jornalismo digital, cibercultura, novas práticas jornalísticas e mídia, estudo teórico-metodológico da narrativa audiovisual, narrativas da produção audiovisual jornalística e narrativas dos usuários. Esse universo de linhas de pesquisa formam o mosaico regional de linhas de pesquisa sobre convergência, comunicação e jornalismo do Sul do Brasil, do qual algumas teses e dissertações do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG fazem parte.

Figura 1 - Quantidade de Grupos de Pesquisa por região do Brasil.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O que não quer dizer que outras linhas de pesquisa não influenciaram as teses e dissertações analisadas nesta dissertação. Por exemplo, alguns autores/as dos trabalhos da UFSC não participaram do Hiperfídia e Linguagem. O que mostra que embora o Hiperfídia e Linguagem seja o grupo que concentre esse tipo de pesquisa em seu respectivo programa, os integrantes dos demais grupos também produzem dissertações e teses sobre o mesmo tema, a partir de outras linhas de pesquisa.

Não se deve esquecer a influência das relações travadas entre os produtores das teses e dissertações e pesquisadores/as de outros grupos de pesquisas e IES, o que também irá moldar as escolhas teóricas sobre a convergência que serão feitas nas teses e dissertações, por isso, esses trabalhos do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, que fazem parte do Sul, vão apresentar características semelhantes a de linhas de pesquisa das outras regiões brasileiras.

Já na região Sudeste, os estudos sobre discurso, consumo, cibercultura, sociabilidade, mídia, narrativa, práticas jornalísticas e processos e produções jornalísticas também aparecem, acompanhados de outras linhas: estudos de som, métodos de pesquisa digitais, política, memória, propaganda, entretenimento, cultura da convergência, televisão na perspectiva da cultura digital, ecossistemas imagéticos, práticas sociais, design, tecnologias acessíveis e interativas, educação midiática, jornalismo contemporâneo, desinformação, tecnicidades, processos comunicacionais midiáticos, textualidades, jornalismo, processos de significação, convergência midiática, práticas socioculturais, hibridismos e deslocamentos do jornalismo, representação social, construção da memória e midiatização.

O Norte abarca discussões presentes no Sul e Sudeste, com linhas específicas: multimeios, estudos em jornalismo, jovens em tempo de convergência, transmídia, culturas midiáticas, radiojornalismo e condições de trabalho, reconfigurações na relação dos jornalistas com a fonte pensando o jornalismo assentado e profundo na era da convergência. Também possui linhas específicas que condizem com os interesses regionais e sociais dos pesquisadores/as e instituições do Norte. Por exemplo, desenvolvem-se estudos sobre processos comunicacionais e midiatização na Amazônia, nos grupos Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva e Inovacom, ambos da Universidade Federal do Pará.

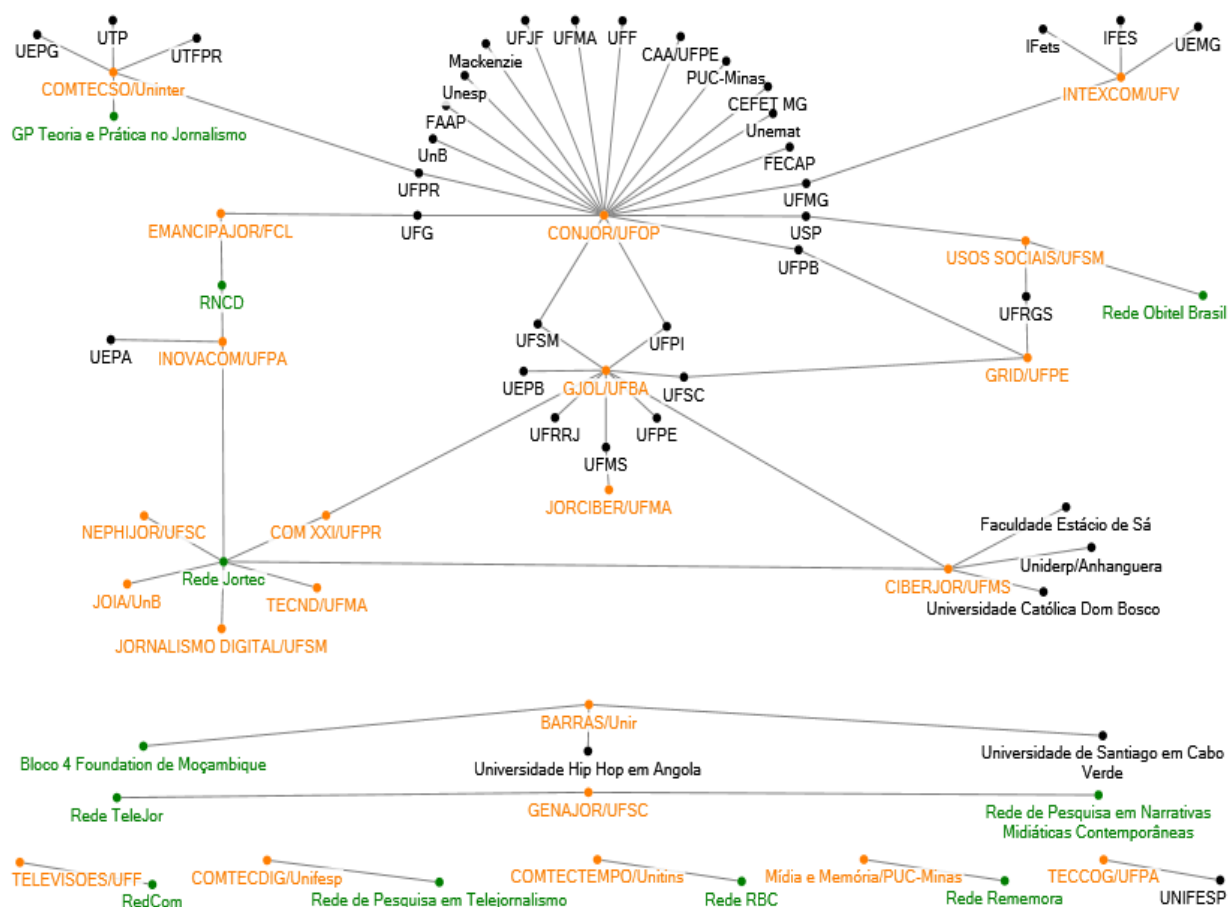
O Nordeste segue o fluxo das outras regiões, todavia, alguns estudos se sobressaem: jornalismo online, cultura digital e jornalismo, webjornalismo, tecnologias da informação, design editorial multiplataforma, visualização de dados, convergência midiática, convergência e jornalismo, convergência e rotinas de produção no telejornalismo, acessibilidade e tecnologias aplicadas ao Jornalismo.

No Centro-Oeste, as linhas de pesquisa que se destacam são: linguagens contemporâneas, novas tecnologias, ciberjornalismo – diferente das outras regiões que discutem o conceito de cibercultura –, jornalismo de dados, audiência e inteligência artificial (IA). É a única região a estreitar uma linha de pesquisa tratando da IA, o que não significa que foi a responsável por inaugurar a discussão. Por ser um fenômeno latente, a IA atravessa, em alguma perspectiva, pesquisas de diferentes regiões e grupos.

Além da noção de território geográfico, esses grupos formam uma comunidade e rede social de pesquisa, nacionalmente, que começou a se formar nos anos 1990 e se originou na fase de *Comunidade* (1993-2012) (Melo, 2012). A rede se formou através de relações de pesquisadores/as em eventos, pesquisas integradas, orientações, grupos de pesquisas e outros tipos de relações acadêmicas. Em síntese, os pesquisadores carregam consigo características dessa rede e dos espaços de encontro e troca científica que passam, sejam físicos ou virtuais.

A Figura 2 ilustra a rede nacional e as parcerias estabelecidas dentro dela. Considerou-se na coleta, os grupos ativos e não ativos, pois demarcam da mesma maneira o percurso da agenda de pesquisa no país, mesmo que um grupo encerre suas atividades, a genética da pesquisa e a produção intelectual acompanha os e as pesquisadoras que faziam parte do grupo de pesquisa encerrado.

Figura 2 - Rede de pesquisa brasileira sobre jornalismo, comunicação e tecnologia



Fonte: Dados da Pesquisa (2024). Gráfico criado com o auxílio da pesquisadora Fernanda Cavassana.

As *labels* laranja são grupos e suas IES, verdes são parceiros e as pretas IES parceiras.

Representado na parte superior central da figura, o Conjor da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), que desenvolve linhas de pesquisa focadas nos Estudos de som e nos métodos digitais de pesquisa, é o que mais possui parcerias com outras IES na rede. Por isso, em volta do nome do grupo há várias linhas que formam um meio círculo, uma maneira de visualizar a expressividade. O Conjor centraliza pesquisadores/as de IES do seu próprio estado, Minas Gerais: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A UFMG alarga suas parcerias com IES do interior do estado, através do grupo Intexcom da Universidade Federal de Viçosa (UFV) – o Intexcom possui suas próprias parcerias, com os institutos federais de ensino fora dos grandes centros e com a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), na capital Belo Horizonte. Além disso, o Conjor desenvolve trabalhos com pesquisadores/as de outros estados do Sudeste, Sul, Nordeste e Centro-Oeste, por exemplo, com docentes da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – que abriga o grupo COMXXI/UFPR e está ligada ao Comtecso/Uninter, que por sua vez reúne pesquisadores/as da UTFPR, UTP e UEPG.

Também aparece em destaque a Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (Jortec), localizada no lado esquerdo inferior da imagem, uma rede brasileira de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico credenciada à SBPJor. A rede filia pesquisadores/as e seus programas de pós-graduação de várias regiões e estados do país e desenvolve atividades científicas e acadêmicas, por exemplo, mesas coordenadas nos eventos da SBPJor e a disciplina em rede Tendências em Ciberultura.

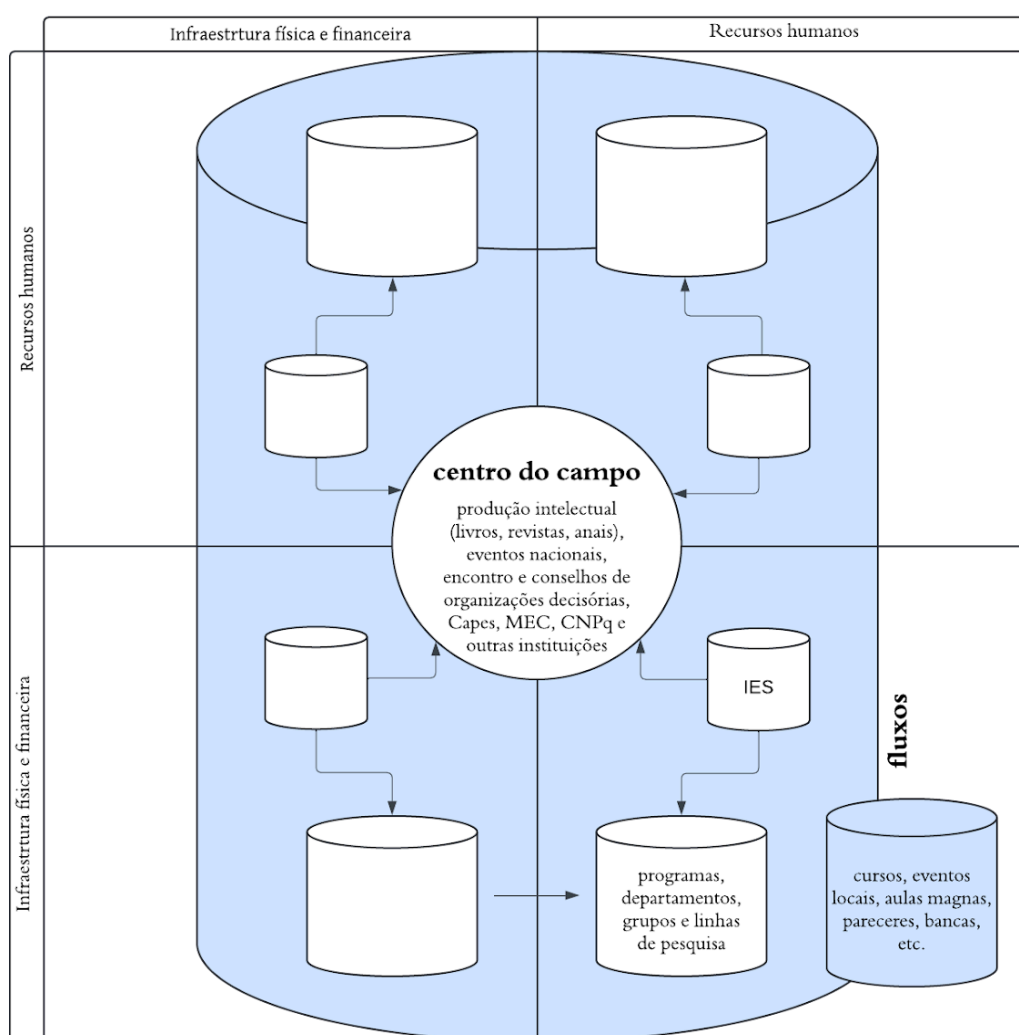
No centro da Figura 2 há um triângulo, isso porque de fato existe uma triangulação nas pesquisas feitas entre os grupos que perpassam os pontos de ligação do triângulo: a Jortec possui parceiros do grupo Ciberjor da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e do COMXXI/UFPR, ambos os grupos fazem parceria com o GJOL da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tanto Jortec quanto GJOL são pontos de pesquisa conjunta dos brasileiros.

Os interesses da rede não se dão só pelas características dos territórios físicos (cidade, estado, país ou região), mas pelo discurso dos pesquisadores que a compõem. Estas reflexões indicam que a agenda de pesquisa vai além da demarcação física e pode ser definida pelas relações políticas dos constituintes do campo com os centros de poder, pelo percurso histórico das IES, pela trajetória dos pesquisadores/as, processualidade das linhas de pesquisa e grupos de pesquisa, pelas características dos objetos de pesquisa e do processo construtivo das pesquisas.

Território é um conceito gerado por indivíduos organizando o espaço segundo seus próprios objetivos, “sendo tais usos e intenções determinados por e pertencentes a um processo político” (Gottmann, 2012, p. 523). A demarcação do jornalismo como objeto de estudo genuíno é um dos processos políticos desta rede de pesquisa, que na maioria das vezes, se move a partir de objetivos nacionais para fortalecer o jornalismo, a formação específica na área e a pesquisa em Jornalismo.

Os fluxos da agenda de pesquisa estão inseridos em um processo macro (Figura 3), que envolve recursos humanos (ex. docentes, discentes, técnicos) e físicos (capital).

Figura 3 - Estrutura dos fluxos de atividades do campo científico brasileiro.



Fonte: Produzido pelo autor com o aplicativo *Lucidchart* usando dados da pesquisa (2024).

Os responsáveis pelos fluxos dentro desse processo macro são IES, programas de pós-graduação, departamentos e grupos de pesquisa e extensão, que desenvolvem atividades dentro do sistema nacional e internacional, como artigos, teses, dissertações, manuais e guias educativos, cursos, eventos locais, aulas magnas, pareceres, bancas, produções técnicas.

Tendo como principal referência o centro, composto pelo acúmulo de produção intelectual (livros, capítulos, revistas, anais, intelectuais), pelos conselhos decisórios de organizações do Governo Federal (Capes, MEC, CNPq) e entidades do Jornalismo e da Comunicação, nacionais e internacionais. Os cilindros em branco representam outras IES, programas, departamentos, grupos e linhas. O cilindro azul, que engloba os cilindros brancos, representa o fluxo nacional dessas atividades.

Notou-se que dos 42 grupos de pesquisa que fazem parte do sistema brasileiro, 25 possuem linhas sobre jornalismo, das quais 41 (de 108) focam no jornalismo e derivações de estudo, visto que nem todos os grupos que estudam tecnologia tem só esse tipo de linha. Destas 41 linhas, 33 estreitam os estudos à tecnologia, sendo 11 de sete programas da região Sul, oito de sete programas da região Nordeste, seis de quatro programas do Centro-Oeste, cinco de quatro do Norte e três de três programas do Sudeste (Quadro 6).

Quadro 6 – Linhas de pesquisa sobre Jornalismo e tecnologia e grupos cadastrados no Diretório do CNPq.

Grupo/IES/Ano	Linhas de Pesquisa
Nordeste	
GJOL/UFBA 1995	Jornalismo Online
Nujoc/UFPI 2005	Webjornalismo
Jocon/UFPI 2019	Webjornalismo e práticas de convergência midiática
Gepin/UFMA 2022	Telejornalismo, convergência e rotinas de produção
Jornalismo e Cibercultura/UFMA 2016	Jornalismo
Convergência e Narrativas Audiovisuais/UFRN 2020	Convergência, jornalismo e práticas audiovisuais
Proji/UFGA 2021	Reconfiguração profissional no jornalismo; Tecnologias aplicadas ao jornalismo
Sul	
Estudos de Jornalismo/UFSM 2020	Jornalismo e Tecnologias
Jornalismo Digital/UFRGS 2004 *originalmente criado na UFSM	Jornalismo e Processos Editoriais
Gemidi/UEPG 2007	Lógicas e Processos de Produção Jornalística
Hipermídia e Linguagem/UFSC 2007	Tecnologias, Linguagens e Inovação no Jornalismo
Jornalismo em Redes e Convergência/Unipampa 2013	Convergência Jornalística; Inovações no jornalismo; Jornalismo audiovisual digital; Jornalismo digital;

Grupo/IES/Ano	Linhas de Pesquisa
	Webtelejornalismo
Click/UFPR 2014	Novas práticas jornalísticas e audiências interativas
GENAJOR/UFSC 2023	Narrativas da Produção Audiovisual Jornalística
Sudeste	
Mídia e memória/PUC-Minas 2015	Jornalismo: hibridismos e deslocamentos
EmancipaJor/FCL 2018	Jornalismo contemporâneo e práticas jornalísticas
Tecnologias, processos e narrativas midiáticas/ESPM 2019	Processos, técnicas e produções jornalísticas
Centro-Oeste	
Ciberjor/UFMS 2008	Inovações no ensino de Ciberjornalismo; Plataformas móveis em Ciberjornalismo; Qualidade em Ciberjornalismo
INTEXCOM/UFV 2014	Textualidades, Jornalismo e Processos de Significação
DataJor/IDP-Brasília 2021	Jornalismo de dados, audiência e desinformação
JoIA/UnB 2022	Inteligência Artificial e Jornalismo
Norte	
Jornalismo e Multimídia/UFT 2009	Estudos em Jornalismo
InovaCom/UFPA 2018	Transmídia e Inovação no Jornalismo (Amazônia)
MíDI/Unir 2020	Jornalismo digital
Barras/Unir 2022	Radiojornalismo e condições de trabalho; Reconfigurações nas relações dos jornalistas com as fontes

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Sul e Nordeste, têm focado nas reconfigurações da produção jornalística, nos produtos jornalísticos digitais e online, telejornalismo e nos processos de convergência, além das linhas de pesquisa específicas de cada região. O Sudeste tem priorizado estudos sobre jornalismo contemporâneo e processos e técnicas das produções jornalísticas, portanto, alinhando-se a estudos que tentam entender novos modelos híbridos de jornalismo.

O Centro-Oeste tem linhas de pesquisa sobre inovações no ensino, plataformas móveis e qualidade em ciberjornalismo e jornalismo de dados. O Norte tem estudado jornalismo digital, radiojornalismo e fontes jornalísticas. Todas as regiões possuem linhas em Jornalismo e tecnologia, mas elas estão alocadas, em maioria, nos grandes centros do Brasil.

Em suma, cada linha tem especificidades, mesmo que algumas linhas indiquem uma área em comum, é possível observar que pesquisadores/as que as desenvolvem alargam os interesses. Ou seja, o nome da linha é só um indicativo, pois as linhas se desdobram em diferentes interesses. Por fim, no Brasil há pesquisas rigorosas na área do Jornalismo Digital, que utilizam arcabouços teóricos e metodológicos interdisciplinares e multidisciplinares e que estão dentro de programas e grupos brasileiros. Os tópicos seguintes contam um pouco dessa trajetória dos grupos de pesquisa e fecham a discussão sobre o processo histórico de formação do campo científico brasileiro focado nos estudos do Jornalismo em diálogo com os estudos e interesses de pesquisa que atravessam convergência. A trajetória e contexto de criação dos grupos é apresentada cronologicamente.

1.3.1 Anos 1990 e o preâmbulo do Jornalismo Online e dos usos sociais da Mídia¹²

Toda pesquisa é contextual e processual, ou seja, sua produção se baseia na realidade social de um determinado período e suas variáveis. A temática de pesquisa desenvolvida pelos grupos mapeados aqui começou a surgir nos anos 1990, com o fenômeno da internet, das mídias e aparelhos digitais e do contexto latente de convergência. “No final do século XX, as preocupações instigadas pelos grupos eram outras e geralmente norteadas pelo fenômeno internet” (Santos; Rocha; André, 2023, p. 148). Antes de 1990 já existiam diversos grupos de pesquisa e de estudo no Brasil que lideraram projetos de pesquisa em diversas frentes. Em 1993, o CNPq cria o Diretório e sistematiza online as informações dos grupos.

Especificamente em 1994 e 1995, foram criados os primeiros grupos brasileiros da área da Comunicação focados em temáticas relacionadas à convergência. Pesquisadores/as da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e UFBA depararam-se com o cenário de convergência e criaram os dois primeiros grupos oriundos de programas de pós-graduação em Comunicação, GJOL no PósCom da UFBA e Usos Sociais da Mídia no PósCom da UFSM – o GJOL foi o primeiro a abordar especificamente a área de pesquisa do Jornalismo Digital. A trajetória deles se aproxima pela data de criação e parceria em redes de pesquisa. Também pelos seus esforços que abarcavam a realidade tecnológica e cultural da época, um olhando os processos comunicacionais (UFSM) e outro os processos jornalísticos (UFBA).

¹² O texto usado nos tópicos seguintes foi publicado na edição 154 da *Revista Latinoamericana de Comunicación* (Chasqui) (Santos; Rocha; André, 2023), e atualizado em janeiro de 2025. Por esse motivo, não é usado citação (autor/data) durante todos os tópicos, apenas no início, para não repetir no texto. Os dados atualizados foram extraídos do artigo apresentado em setembro de 2024, no 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo da SBPJor, GT Jornalismo e Tecnologias, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, Pará. SANTOS, D. C. Fluxos, hegemonias e resistências: territórios da agenda de pesquisa científica em Jornalismo e tecnologia no Brasil. 22º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2024.

O primeiro, Usos Sociais da Mídia, foi criado em 1994 na UFSM como parte das atividades do Programa de Educação Tutorial (PET). Integra o plano de trabalho bianual do Observatório Brasileiro de Ficção Televisiva, dada a tradição brasileira com a televisão. Os projetos de pesquisa recebem apoio de órgãos de fomento nacional e estadual (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). A participação inclui alunos petianos, de graduação, IC, mestrandos, mestrandas, doutorandos e doutorandas do programa de pós-graduação em Comunicação da UFSM (POSCOM-UFSM), desde o ano de 2006 (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). O segundo, Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL), começou em 1995 na UFBA (Palacios; Machado, 2003). Desde de 2001 está registrado no Diretório do CNPq (Palacios; Machado, 2003) e configura-se como uma rede de pesquisa, envolvendo pesquisadores/as dos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), UFSC, UFSM, UFMS, Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e UFPB (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

1.3.2 Início do século XXI e estudos em Jornalismo, Mídia e Comunicação

Na transição para o século XXI surgiram novos grupos, somando mais passos para a formação da corrente de estudos brasileiros sobre comunicação, jornalismo e tecnologia. Os grupos avançaram a partir do século XXI; no geral, 40 deles surgiram a partir de 2000, contra apenas dois nos anos 1990. Isso ocorreu pelo aumento na criação de cursos de graduação e pós-graduação, e para ocupar um lugar de destaque nas discussões centrais da época.

O grupo Estudos de Jornalismo, criado em 2000 na UFSM, discute as teorias da comunicação e do jornalismo, estimula a produção científica qualificada e sua divulgação, a partir da publicação de resultados de pesquisas, participação em congressos e integração com outras IES (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Desde 2003, o Grupo de Estudos de Mídia (Gemini), formado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisa práticas sociais mediadas, processos de circulação e de produção de sentido, estudos socioculturais de comunicação, cultura tecnológica, jornalismo e política (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Entre 2004 e 2011, o grupo Jornalismo Digital (JorDi) esteve ligado à UFSM e desde 2011, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estudando inovação ligada aos processos e produtos do jornalismo praticado nas redes digitais (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Também, em 2004, formou-se o grupo Educação Superior e Comunicação (Educacom) nos cursos na área de Comunicação Social do Centro Universitário de Brasília (Ceub), cruzando a Comunicação e Educação nas suas pesquisas (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Em 2005, o Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (Nujoc) iniciou suas atividades de pesquisa na UFPI. Contribui para os estudos em teorias do jornalismo, comunicação, cultura e tecnologias mediática, investigação social e humana, ciências da linguagem, tecnologia e artes, no Brasil e no exterior (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Em 2006, o grupo Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva começou na UFPA. Produz pesquisa básica e aplicada sobre interfaces digitais, processos de interação humana e interatividade, sistemas computacionais de recomendação, de avaliação e de reputação, redes sociais conectadas, mídia digital, captação, análise, relacionamento, distribuição de dados e informações estruturadas, apresentados em visualizações multimídia e novas formas de narrativas por intermédio de plataformas digitais (Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, 2023). Há outros grupos que estão no guarda-chuva do grupo Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva na UFPA. Criado em 2006, na UTP, o grupo JOR XXI estuda transformações do Jornalismo, hibridismo dos meios de comunicação e mudanças tecnológicas, reunindo pesquisadores/as que atuam na graduação em Jornalismo e Publicidade da UTP e de outras IES do Sul (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Em 2007, a área do Jornalismo Digital ganha o primeiro grupo de pesquisa situado em um programa acadêmico *stricto sensu* em Jornalismo, Hipermídia e Linguagem/UFSC. Até então a área era composta na maioria por grupos alocados em programas da Comunicação. O Núcleo de Estudos e Produção Hipermídia Aplicados ao Jornalismo (Nephi-Jor) faz parte do grupo Hipermídia e Linguagem. O grupo estuda a hipermídia, ambiente convergente aplicados ao jornalismo, novos formatos e conteúdos, repercussões da convergência de mídias e linguagens do jornalismo, jornalismo baseado em banco de dados, IA, novos suportes e interfaces, modelos de negócio, plataformização do jornalismo, jornalismo gráfico digital, design e narrativas (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Criado em 2007 na UEPG, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Mídias Digitais (GEMIDI) desenvolve trabalhos sobre convergência de mídias, apropriações tecnológicas, cibercultura, jornalismo digital, inteligência artificial, elementos da relação entre sociedade e cibercultura, vislumbra possibilidades de atuação do jornalismo frente aos desafios colocados pela cultura digital (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Em 2013, o grupo passou a fazer parte do PPGJor-UEPG, se juntando ao Hipermídia e Linguagem como os únicos grupos dos listados que são vinculados a programas acadêmicos *stricto sensu* em Jornalismo.

O Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo (Ciberjor) iniciou suas atividades em 2008 na UFMS, a partir da realização do 1º Seminário de Ciberjornalismo, que abordou o tema “Desenvolvimento das pesquisas de Ciberjornalismo no Brasil” (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). O Ciberjor reúne pesquisadores/as das principais IES de Campo Grande-MS, como a Universidade Católica Dom Bosco, Uniderp/Anhanguera e a Faculdade Estácio de Sá (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O grupo Jornalismo e Multimídia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), criado em 2009, estuda o uso das ferramentas do Google para arranjos jornalísticos alternativos no Tocantins e a mídia regional na era online através de um mapeamento em fluxo contínuo dos veículos de comunicação no estado, como projeto de extensão produz o Norte da Ciência, *podcast* de divulgação científica do grupo (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

1.3.3 Convergência: um conceito conhecido e exacerbado

A expansão do conceito de cultura da convergência (Jenkins, 2009) talvez explique a maior proeminência de grupos nos anos 2010, mas há outras variáveis, por exemplo, há a expansão institucional na qual novos PPGs surgem, logo, novos grupos de pesquisa e redes se consolidam. E se eles surgem paralelamente ao contexto de constituição e consolidação da internet, é plausível interpretar que o conceito de convergência tenha se tornado alvo. Como bem versa França (2020), os conceitos unem uma discussão aguda para a sociedade, mas o próprio conceito não consegue explicar o contexto em si. Nos anos 2010 criam-se os primeiros grupos que trazem a palavra convergência na sua nomenclatura. São cinco no total, o que mostra a vividez do conceito, especificamente, durante a década de 2010.

O grupo Convergência e Jornalismo (ConJor), iniciou em 2010 na UFMS e foi transferido para o Laboratório de Inovação em Jornalismo (Labin) da Ufop em 2014 (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Tem parcerias com UFMG, UFMS, UFJF, Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat), UFPR, Cefet-MG, UnB, Universidade Federal de Goiás (UFG), UFPB, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Federal Fluminense (UFF), USP, Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Mackenzie (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O grupo Jornalismo em Redes e Convergência existe desde 2013, na Universidade Federal do Pampa (Unipampa) e desenvolve pesquisas sobre jornalismo em redes digitais e distribuição multiplataforma no cenário da cultura da convergência (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa, 2024). Desde 2018, na UFPA, o Inovação e Convergência na Comunicação (InovaCom) tem sido um espaço para discussões e reflexões sobre inovação, convergência, dimensões da Comunicação no contexto da sociedade midiaticizada e convergente e as peculiaridades do jornalismo contemporâneo (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Em 2019, na UFPI, formou-se o grupo Jornalismo e Convergência Midiática (Jocon), com pesquisas voltadas aos processos e práticas do webjornalismo (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Nos anos 2010, foram criados mais grupos relacionados ao tema. Comunicação e Tecnologias Contemporâneas foi criado em 2014, na Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), pesquisa as relações entre comunicação, linguagens e tecnologias (dispositivos, suportes e mídias) a partir da análise de objetos do universo midiático, com viés educacional e das práticas culturais (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Em 2014, forma-se na UFPR o grupo Comunicação e Cultura Ciber (Click) voltado à Comunicação com a perspectiva culturalista nos estudos de cibercultura, abarcando aspectos históricos, sociológicos, econômicos e tecnológicos do campo, história, filosofia e ética da cultura ciber, práticas e processos de comunicação e imbricações entre o campo da Comunicação e seus campos mais próximos, como o Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Digital Marketing (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Formado em 2014, na UFF, o grupo Mídias, redes e jovens, investiga a relação entre mídia e juventude brasileira, num cenário marcado pela midiaticização e assimetrias sociais, a partir dos estudos de recepção latino-americanos e de letramento midiático/educomunicação, com pesquisas empíricas sobre mudanças dos usos e apropriações midiáticas juvenis (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O grupo Intexcom da Universidade Federal de Viçosa (UFV), criado em 2014, discute narrativas, representações, subjetividades, sociabilidade, normas, valores, sujeito, individualidades e discurso (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Já o Tecnologia e Narrativas Digitais (TECND), criado em 2015 na UFMA, foca na ecologia das mídias, complexidade do ecossistema de meios e formas narrativas que utilizam tecnologias emergentes (ex. realidade virtual, realidade aumentada, IA, *big data*, internet das coisas) (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Profissional, 2024).

O grupo LabDim, criado em 2015, na UEMG, faz estudos sobre discursos presentes na mídia, também desenvolve ensino e extensão (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Também criado em 2015, na PUC-Minas, o grupo Mídia e memória tem o objetivo de investigar sobre memória e suas perspectivas, os modos de constituição das memórias individual e coletiva e sua relação com a mídia, as inscrições por meio das quais se materializa a enunciação da memória e constituição das identidades (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Desde 2015, os pesquisadores/as que participam do grupo Comunicação, Tecnologia e Sociedade do Centro Universitário Internacional pesquisam sobre Comunicação, consumo e cibercultura, mídia e tecnologia (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Em 2016, criou-se o Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Cibercultura na UFMA, que investiga a cibercultura, ciberjornalismo, impactos das ferramentas digitais na vida social, nas interações e nas rotinas dos veículos de mídia em diferentes suportes, interação, audiência, identidade profissional, rotina produtiva e convergência (Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024).

O grupo Comunicação, Consumo e Subjetividade foi criado na Universidade Católica de Petrópolis (UCP), em 2016, e estuda as relações entre consumo e subjetividade, os modos de ser e estar no atual cenário da comunicação pelos meios digitais, as mudanças cognitivas nas redes sociais, midiatização de eventos e formas de participação, dinâmicas nas formas de consumo do entretenimento, consumo de experiências e relações com o *branding* e colaborações participativas que interferem no modo ser e estar individual do ser humano (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Design da Informação Jornalística (Grid), formado na UFPE, em 2016, agrega pesquisas de infografia, visualização de dados e jornalismo de dados, desenvolvimento de *design* de interface, tipografia, *design* de notícias, aplicativos para dispositivos móveis e jornalismo digital (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). O Grid mantém parceria com a UFSC, UFRGS e UFPB, além de integrar áreas de conhecimento como Comunicação, Design, Ciência da Informação e Ciência da Computação (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Desde 2016, o grupo Núcleo de Pesquisa em Televisão e Novas Mídias (Televisões)/UFF busca compreender a relação entre a televisão e o atual contexto midiático e a dinâmica cultural e social da televisão e das novas mídias audiovisuais, ambas marcadas pela reconfiguração audiovisual e a popularização da cultura digital (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O Grupo de Estudos sobre a Nova Ecologia dos Meios, da Unesp, iniciou em 2016, e objetiva estudar, a partir de um contexto amplo e interdisciplinar, a relação entre sociedade contemporânea e cenários midiáticos, seguindo os conceitos propostos pelos media ecologistas Marshall McLuhan e Neil Postman (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). O grupo pesquisa linguagens, interfaces, ambientes, utilizações e modelos de negócio no campo da mídia e da tecnologia, seja no jornalismo, no audiovisual ou em ambientes que adotam a comunicação midiaticizada como caminho (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

O Comunicação, Design e Tecnologias Digitais começou na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em 2017, e objetiva formar novos pesquisadores em IC e mestrado, promover a divulgação científica e atuar na extensão com palestras e aulas abertas, e produzir protótipos em realidade virtual (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Desde 2018, o grupo Jornalismo Contemporâneo/FCL estuda práticas para a emancipação social na cultura tecnológica (EmancipaJOR) (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024) e já organizou eventos em parceria com a Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNCD) para discutir o Jornalismo contemporâneo, educação midiática e desinformação (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Desde 2019, o grupo Tecnologias, processos e narrativas midiáticas/ESPM, estuda processos, práticas e produções no campo da comunicação midiática num ambiente de tecnologias mutantes (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

1.3.4 Agregações dos processos jornalísticos

O Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais formado em 2020, na UFRN, não oferece muitas informações sobre as suas atividades no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil. Ele se junta aos outros quatro grupos dos anos 2010 que trazem convergência no nome.

Em 2020, o grupo Comunicação e Experimentação Criativa (Conecta) foi criado na UFSM, reunindo estudos sobre comunicação e narrativas midiáticas, variadas dinâmicas comunicacionais e a criação de práticas e processos inovadores de comunicação, em um espaço para produção experimental de produtos comunicacionais gráficos, sonoros, audiovisuais e digitais, voltados à informação, entretenimento e educação com aporte criativo e tecnológico (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Também em 2020, criou-se o grupo Laboratório de Mídias Digitais e Internet (MíDI) na Universidade Federal de Rondônia (Unir) (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). O grupo tem como objetivo formar cientificamente e fixar pesquisadores iniciantes da área da Comunicação em Rondônia, desenvolvendo pensamento crítico, bem como estimulando a produção científica comunicacional no estado, por meio da divulgação científica dos resultados, eventos, parcerias e intercâmbios (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Em 2021, o Núcleo de Estudos em Jornalismo de Dados e Computacional (DataJor) formou-se no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa de Brasília (IDP), e foi criado para estimular a leitura e o debate sobre o uso de dados no jornalismo, compreender as percepções da audiência em relação às publicações nos espaços digitais.¹³

O Grupo de Pesquisa em Processos Jornalísticos e Inovação (Proji), da Universidade Federal do Cariri (UFCA), também é de 2021 (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). Tem como objetivo desenvolver pesquisas teóricas e aplicadas sobre as transformações contemporâneas nos processos jornalísticos com foco nas práticas profissionais e nas tecnologias comunicacionais, nas novas fronteiras abertas por reconfigurações sociais e tecnológicas que afetam o campo do jornalismo, e zonas de interface com áreas do conhecimento que vêm ganhando espaço nos processos de produção da notícia, como o *design* multiplataforma e a ciência da computação (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Três grupos foram criados e cadastrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (2024) em 2022: Bloco de Ações em RAP, Rádio e Ausências Sonoras (Barras), da Unir, nasce com parcerias de instituições de países africanos de língua oficial portuguesa, como a Bloco 4 Foundation de Moçambique, a Universidade Hip Hop em Angola e a Universidade de Santiago em Cabo Verde, que pesquisam sobre o rap, que junto a Comunicação também é atravessado pela convergência; o segundo, Grupo Interdisciplinar de Ensino e Pesquisa em Telejornalismo e Práticas Inclusivas (Gepin), criado na UFMA, fomenta, apoia, aprimora e amplia as pesquisas e práticas educativas, informativas na emissora universitária, TV UFMA; o terceiro, Jornalismo e Inteligência Artificial (JoIA), da UnB, está cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil porém não oferece informações. Sabe-se que a criação se dá pelo tom das discussões mais recentes, que abarcam não só o jornalismo tensionado pela IA, mas também outras práticas sociais.

¹³ Disponível em: <https://www.idp.edu.br/grupos-de-estudo/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

O Grupo de Pesquisa sobre Narrativas Audiovisuais Jornalísticas (GENAJOR) surgiu em 2023 na UFSC e tem por objetivo reunir pesquisadores ocupados com as questões afeitas à narrativa jornalística contemporânea em sua conformação a partir dos registros em áudio e vídeo (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024). As pesquisas buscam investigar narrativas jornalísticas e suas traduções do real, configuradas pela mobilização de recursos audiovisuais e distribuídas para atuação em rede, de forma convergente e digital, buscando compreender suas marcas estéticas, técnicas e éticas (Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, 2024).

Os grupos citados acima são frutos recentes da área do Jornalismo Digital, pelo menos 30 anos, mas que pertencem a uma trajetória de mais de 100 anos de estudos brasileiros do Jornalismo, expostos durante este capítulo contextual. Há mais de três décadas, pesquisadores/as versam sobre a convergência e este é o tema do capítulo seguinte.

Em conclusão, foram apresentados neste capítulo o percurso histórico de formação do campo científico brasileiro focado nos estudos do Jornalismo, desde as primeiras iniciativas no século XIX até atualmente. Em seguida foi discutido os estudos pautados na convergência através do mapeamento dos grupos e linhas de pesquisa criados a partir dos anos 1990, para compreender qual é a origem genética das apropriações teóricas do conceito de convergência do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG e a cartografia dos estudos no Brasil com interesse em tecnologia a partir do mapa dos grupos de pesquisa por região e linha temporal de criação. Os fluxos da agenda de pesquisa estão inseridos em um processo macro guiado pela dinâmica dos atores que o integram.

No capítulo teórico, a seguir, é exposta a trajetória do conceito de convergência e suas conceituações, que foram usadas em estudos dos grupos de pesquisa mapeados acima.

2 CONCEITO DE CONVERGÊNCIA NA COMUNICAÇÃO E JORNALISMO

O capítulo parte de uma revisão bibliográfica de artigos sobre convergência e jornalismo, feita nas principais bases de dados de produção científica (*Scielo, Elsevier, Web of Science*), com o objetivo de desenhar o estado da arte do conceito, um *overview*. A revisão permitiu mapear textos de autores/as da América do Norte, Ásia, Europa e Oceania, portanto, um *corpus* abrangente de artigos (Quinn, 2004a; Singer, 2004a; 2004b; Deuze, 2007; Noguera-Vivo, 2010; Robinson, 2010; 2011; Erdal, 2011; Chouliaraki, 2012; Lin, 2013).

Esse conjunto de textos apresentam apropriações teóricas do conceito convergência feitas nos anos 2000, décadas efervescentes para a conceituação da convergência no mundo. O número de 10 artigos é suficiente para a discussão do *overview*, pois a revisão bibliográfica não priorizou reunir uma grande quantidade de artigos (ainda que, no primeiro filtro, o mapeamento tenha identificado 770 artigos), mas sim selecionar uma literatura qualitativa que oferecesse perspectivas e quadros teóricos sobre a convergência. A análise dos artigos da revisão bibliográfica revela que África e América Latina não influenciam de forma significativa as pesquisas que conceituam a convergência, e sim, Ásia, Europa, Oceania, América do Norte. Esse cenário pode estar associado à colonização dos saberes pelo Norte Global, ao investimento em políticas de pesquisa e ao acesso a referências e produções que não foram traduzidas, fatores que, somados, habitam o campo científico e acadêmico.

Consequente, a etimologia do radical *converg* é abordada com auxílio de dicionários etimológicos da língua portuguesa e da língua latina. Com isso, verifica-se a origem da construção das palavras convergência e convergente, termos usados nos conceitos estudados. Também se verificam diferentes usos da convergência em outras áreas do conhecimento.

Depois, são abordados cânones estrangeiros e nacionais que discutiram o conceito, com o objetivo de demonstrar as diferentes definições atribuídas à convergência. Apresenta-se como o conceito de convergência surgiu nas Ciências Sociais (grande área do Jornalismo) e nas Ciências da Comunicação (área do conhecimento do qual o Jornalismo é subárea), a partir das contribuições de Ithiel de Sola Pool e Henry Jenkins. Após, expõe-se como o conceito de convergência migrou para o Jornalismo (Salaverría 2003; Barbosa, 2008; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), interesse primário desta dissertação.

Todos os autores/as citados são bases teóricas e cânones para a compreensão das principais apropriações teóricas da convergência nas Ciências Sociais, na Comunicação e no Jornalismo. Observa-se que a maioria desses pesquisadores construiu suas formulações conceituais em períodos próximos, especialmente na primeira década dos anos 2000.

Ou seja, embora o conceito de convergência de Jenkins seja um dos mais usados na área do Jornalismo e, por vezes, o único mobilizado, verifica-se que conceitos específicos do Jornalismo já estavam disponíveis antes mesmo de Jenkins publicar seu livro *Convergence Culture* (2006), obra em que apresenta o conceito de cultura da convergência.

Para o capítulo, os e as autoras escolhidas apresentam sinergia na compreensão dos conceitos oriundos da convergência, uma vez que atuam como pares de pesquisa na área da Comunicação e do Jornalismo. Suzana Barbosa, por exemplo, já citou textos de Ramón Salaverría, João Alberto García-Avilés e Pere Masip. Salaverría, por sua vez, já publicou trabalhos com integrantes do GJOL, grupo liderado por Barbosa, Elias Machado, Livia de Souza Vieira e Marco Palacios, entre outros exemplos de relações acadêmicas e científicas. Observa-se, assim, que pesquisadores brasileiros são influenciados por esses autores em suas investigações e vice-versa, como revelam as ementas de disciplinas, as referências de artigos e resumos publicados em anais de eventos, as publicações em periódicos científicos, bem como, o quadro teórico das teses e dissertações analisadas.

Por fim, os e as autoras usadas no *overview*, na descrição etimológica, na discussão sobre a convergência na Comunicação e no Jornalismo oferecem aportes teóricos suficientes, tanto pela qualidade das discussões, quanto por serem prógonos na área do Jornalismo Digital. Mesmo Jenkins e Pool, que não se dedicam especificamente ao Jornalismo, recorrem a ele, em diferentes momentos, como exemplo teórico e prático em suas pesquisas.

2.1 OVERVIEW

A partir de um levantamento bibliométrico realizado no Portal de Periódicos da Capes, o tópico a seguir apresenta uma revisão bibliográfica sobre a convergência no Jornalismo. As bases de dados usadas foram *Scielo*, *Elsevier* e *Web of Science*, consideradas “as mais reconhecidas pela comunidade científica dos estudos de Jornalismo” (Pontes, 2024, p. 83). Foram empregados três campos de pesquisa em cada base de dados, em português (Brasil), inglês e espanhol, com o uso do conector booleano “OR”. As palavras-chave usadas em cada campo foram: em português, ‘*jornali**’ AND ‘*notícia*’ AND ‘*converg**’, em inglês, ‘*journali**’ AND ‘*news**’ AND ‘*converg**’, e, em espanhol, ‘*periodis**’ AND ‘*noticia*’ AND ‘*converg**’. O filtro incluiu somente artigos, uma vez que os livros e as teses usadas no capítulo teórico foram escolhidos de modo qualitativo, conforme explicitado no primeiro parágrafo do capítulo. Além disso, optou-se por artigos publicados em revistas científicas por se situarem no topo da hierarquia da produção bibliográfica acadêmica, considerando a pontuação do Qualis Capes e o processo de revisão por pares realizado por doutores.

Na *Scopus*, utilizou-se o filtro que contempla somente textos da área de “Ciências Sociais”, obtendo-se 366 artigos como resultado, uma vez que não havia a opção “Comunicação” ou “Jornalismo”. Já na *Web of Science*, aplicou-se o filtro “Comunicação”, que resultou em 386 artigos. Por fim, na *Scielo*, utilizou-se igualmente o filtro “Comunicação”, sendo identificados 18 artigos. Um total de 770 artigos.

Os dados encontrados nas bases de dados foram exportados em três arquivos distintos no formato CSV, para uso em planilha de dados. Em seguida, esses dados foram reunidos em uma única planilha e organizados em ordem alfabética. Após isso, na etapa de seleção, excluíram-se os artigos duplicados e aqueles que não apresentavam título ou resumo em suas respectivas colunas, em razão de falhas na exportação das próprias bases científicas, o que impossibilitaria a realização de análises quantitativas e qualitativas. Dos 770 artigos inicialmente reunidos a partir das três bases, após a aplicação dos filtros mencionados, permaneceram 455, um volume considerado expressivo.

Foram necessários mais filtros: restringiram-se os textos a autores/as que apareciam mais de uma vez, seja em coautoria ou individualmente; em seguida, mantiveram-se apenas os textos assinados sozinhos, um recorte que permite reduzir o *corpus* e concentrar a análise qualitativa em um número manejável de artigos, visto que a produção da dissertação não permite ampliar o tempo disponível devido à quantidade de procedimentos metodológicos que devem ser realizados em dois anos de curso de mestrado. Após esses procedimentos, o *corpus* final ficou composto por 32 artigos (Quadro 7), discutidos nos tópicos subsequentes. Todos os textos da revisão bibliográfica permaneceram armazenados em planilhas.

Alguns destes autores/as são referências frequentes em pesquisas do Jornalismo (ex. Deuze, Quinn, Westlund) por isso não é novidade terem aparecido na revisão bibliográfica. Barrios-Rubio (2022; 2024), Dodds (2017; 2019), Erdal (2009; 2011), Fawzy (2019; 2020), Lin (2013; 2014), Noguera-Vivo (2010; 2018), Quinn (2004a; 2004b), Robinson (2010; 2011), Singer (2004a; 2004b) e Westlund (2010; 2013) apareceram duas vezes no *corpus final* da revisão, Deuze (1999; 2004; 2007) e Mortensen (2011; 2012; 2016) apareceram três vezes e Bock quatro (2008; 2011; 2012; 2015).

Além dos artigos individuais, os autores/as também produziram textos em equipe – esses artigos não compõem o *corpus* final. A data de publicação dos textos de cada autor/a são próximas, alguns com intervalos de publicação mais longos e outros mais curtos. Por exemplo, Deuze tem textos em 1999, 2004 e 2007, um intervalo de publicação mais longo. No caso de Quinn (2004a; 2004b) e Singer (2004a; 2004b), os intervalos foram curtos, pois os textos foram publicados no mesmo ano.

Esses fatores não dependem diretamente da produção, já que o fluxo editorial das revistas pode atrasar ou agilizar bastante uma publicação. Ambos os casos, longos e curtos, demonstram uma certa continuidade e foco nos estudos desenvolvidos por cada autor/a, pois continuam muito próximos com poucos anos de diferença entre as publicações. Os únicos textos publicados em datas distantes são de Noguera-Vivo, com um publicado em 2010 e outro em 2018, contextos sociais, políticos, econômicos e culturais diferentes.

Quadro 7 – Revisão bibliográfica na *Scopus*, *Scielo* e *Web of Science*, por ordem alfabética.

Autor (a), ano de publicação e título do artigo
Barrios-Rubio, A. (2022) Transformation of the Colombian Radio in the Informative Sonosphere of the SARS-CoV-2
Barrios-Rubio, A. (2024) Information Consumption Habits of Young Colombian University Students
Bock, M. A. (2008) Together in the scrum: Practice news photography for television, print, and broadband
Bock, M. A. (2011) You really, truly, have to ""be there"": Video journalism as a social and material construction"
Bock, M. A. (2015) Showing versus telling: Comparing online video from newspaper and television websites
Bock, M. A. (2012) Citizen video journalists and authority in narrative: Reviving the role of the witness
Chouliaraki, L. (2012) Re-Mediation, Inter-Mediation, Trans-Mediation: The cosmopolitan trajectories of convergent journalism
Deuze, M. (2007) Convergence culture in the creative industries
Deuze, M. (1999) Journalism and the web: An Analysis of Skills and Standards in an Online Environment
Deuze, M. (2004) What is multimedia journalism?
Dodds, T. (2017) Emergence of rebellious digital press in Chile: Divergence, engagement and impact
Dodds, T. (2019) Reporting with WhatsApp: Mobile Chat Applications' Impact on Journalistic Practices
Erdal, I. J. (2011) Coming to Terms with Convergence Journalism: Cross-Media as a Theoretical and Analytical Concept
Erdal, I. J. (2009) Repurposing of content in multi-platform news production: Towards a typology of cross-media journalism
Fawzy, R. M. (2019) Neoliberalizing news discourse: A semio-discursive reading of news gamification

Autor (a), ano de publicação e título do artigo
Fawzy, R. M. (2020) Let's Play News!: An SFL Approach to Aesthetic Interactivity of Gamified News
Lin, C. C. (2014) Effect of convergence in the transformation of traditional newspapers: A comparative study on the New York Times and the Guardian
Lin, C. C. (2013) Convergence of new and old media: new media representation in traditional news
Mortensen, M. (2016) “The image speaks for itself” – or does it? Instant news icons, impromptu publics, and the 2015 European “refugee crisis”
Mortensen, M. (2012) Metacoverage taking the place of coverage: WikiLeaks as a source for the production of news in the digital age
Mortensen, M. (2011) When citizen photojournalism sets the news agenda: Neda Agha Soltan as a Web 2.0 icon of post-election unrest in Iran
Noguera-Vivo, J. M. (2018) You get what you give: Sharing as a new radical challenge for journalism
Noguera-Vivo, J. M. (2010) Panorámica de la convergencia periodística: los caminos hacia la redacción Google
Quinn, S. (2004a) An intersection of ideals: Journalism, profits, technology and convergence
Quinn, S. (2004b) Newslink Indiana: A learning laboratory for the news industry
Reich, Z. (2016) Comparing News Reporting Across Print, Radio, Television and Online: Still distinct manufacturing houses
Robinson, S. (2010) Traditionalists vs. convergers: Textual privilege, boundary work, and the journalist-audience relationship in the commenting policies of online news sites
Robinson, S. (2011) Convergence Crises: News Work and News Space in the Digitally Transforming Newsroom
Singer, J. B. (2004a) Strange bedfellows? The diffusion of convergence in four news organizations
Singer, J. B. (2004b) More than ink-stained wretches: The resocialization of print journalists in converged newsrooms
Westlund, O. (2013) Mobile news: A review and model of journalism in an age of mobile media
Westlund, O. (2010) New(s) functions for the mobile: a cross-cultural study

Fonte: Autor (2024).

Foi mapeado somente um artigo nos anos 1990. Deuze (1999) versou que a internet estava mudando a profissão, inaugurando o jornalismo online. O objetivo de Deuze era verificar as diferenças entre jornalismo online e jornalismo tradicional, buscando padrões das habilidades do jornalismo online e jornalistas online. Deuze (1999) se apoiou em três palavras-chave, interatividade, personalização e convergência, e propôs que essas palavras e as habilidades/padrões jornalísticos refletem uma tendência global contemporânea em direção ao jornalismo comunitário/jornalismo cívico/jornalismo público, “área que merece ser mais estudada em qualquer análise do jornalismo e da Internet” (Deuze, 1999, p. 1). É um texto inaugural quando se pensa em convergência e jornalismo. Isso porque fazia pouco tempo que a internet e as tecnologias digitais haviam sido absorvidas como objeto de estudo de pesquisa.

A partir dos anos 2000 a quantidade de artigos encontrados aumentou, foram oito nos anos 2000, 21 nos anos 2010 e três artigos na década de 2020. É possível notar que as reflexões dos anos 2000 se concentram em Singer, Quinn e Deuze, dos anos 2010 se concentram em Bock, Dodds, Lin, Mortensen, Noguera-Vivo, Robinson e Westlund e anos 2020, em Barrios-Rubio e Fawzy.

Os temas e objetos de estudo dos artigos abarcam diferentes contextos e faces dos processos jornalísticos, passando pela investigação do radiojornalismo, telejornalismo, audiovisual, fotojornalismo, jornal impresso, portais online, consumo, produção noticiosa e a distribuição de produtos e serviços jornalísticos. Por isso, a partir dessa revisão é possível confirmar as pontuações de Salaverría, García-Avilés e Masip (2010), de que as principais características do conceito de convergência que dificultam a consensualidade são, fundamentalmente: polissemia (vários significados), polimorfismo (as diferentes adaptações no mercado), complexidade e instabilidade dos processos pautados na convergência e, conseqüentemente, as diferentes conceitualizações elaboradas pelos autores/as.

A polissemia foi verificada na revisão dos 32 artigos, ao encontrar o conceito *convergence* sete vezes, *converged newsroom* três vezes, e outros que foram usados mais de uma vez em situações distintas e não necessariamente com definições. Percebeu-se que cada autor/a atribui um significado e/ou uso ao conceito de acordo com seu objeto de pesquisa.

O poliformismo também foi mapeado, na medida em que os conceitos levantados foram aplicados para discutir diferentes campos empíricos de atuação do jornalismo, por exemplo, jornal impresso, sites, rádio, televisão, *mobile news*. Isso acontece porque um mesmo conceito pode ser aplicado para analisar diferentes objetos empíricos, ou seja, isso não significa que o polimorfismo é ruim e desqualificante.

A complexidade e instabilidade dos processos pautados na convergência, incluindo os processos jornalísticos, são possíveis de se verificar na própria realidade da profissão no Brasil (Nicoletti, 2020) e no mundo neoliberal (Dardot; Laval, 2016).

Na revisão dos 32 artigos foram verificados títulos, palavras-chave e resumos. Quinn (2004a), Singer (2004a; 2004b), Deuze (2007), Noguera-Vivo (2010), Robinson (2010; 2011), Erdal (2011), Chouliaraki (2012) e Lin (2013; 2014) são os únicos que usam palavras com o radical *converg* no título, sinalizando que um dos focos do texto é a convergência. Por esse motivo, a discussão qualitativa dos artigos mapeados se concentra em 10 dos 11 artigos citados acima (Quinn, 2004a; Singer, 2004a; 2004b; Deuze, 2007) e 2010 (Noguera-Vivo, 2010; Robinson, 2010; 2011; Erdal, 2011; Chouliaraki, 2012; Lin, 2013) visto que o autor da dissertação não conseguiu acesso a Lin (2014), pois o artigo era pago. A abordagem qualitativa do *overview* não foi prejudicada, pois pelo menos um texto de Lin Chao-Chen foi analisado (Lin, 2013).

2.1.2 Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa

Nos anos 1980, nos estudos de Pool (1983), o jornalismo era apenas um exemplo de mídia transformada pela convergência de modos, e não objeto central das análises dos especialistas em convergência – visto que o interesse era a Comunicação num plano macro. Porém, nos anos 1990 esse cenário mudou, pois o jornalismo online, jornalismo digital, webjornalismo, ciberjornalismo (ex.), recém-criado no mundo, passou a ser cada vez mais circunscrito como um tema de estudo especializado na área de pesquisa do Jornalismo. No Brasil, o movimento de circunscrever este jornalismo como tema de estudo começou nos anos 1990 no grupo GJOL do PósCom/UFBA. Na época, pesquisadores/as que pertenciam a área do Jornalismo passaram por um processo de defesa do jornalismo como objeto específico de estudo, assim como outras subáreas da Comunicação (Melo, 1999; 2012) e as áreas especializadas de estudo, como por exemplo, o Jornalismo Digital.

Como a dissertação busca entender o conceito de convergência, a década de 2000 é um marco teórico. É nesse período que o quadro teórico do conceito convergência envolvendo o jornalismo ganha cada vez mais novas significações a partir de estudos de pesquisadores/as interessados em desenvolver o conceito, no Brasil e no mundo. Dada a importância dos anos 2000 para o conceito de convergência, a discussão qualitativa inicia nesse período. Na época, Singer (2004a; 2004b) versou sobre *newsroom convergence* e *converged newsroom* a partir de uma pesquisa de campo.

Esse tipo de pesquisa está em consonância com o movimento brasileiro de circunscrever o jornalismo como objeto de estudo específico. Isso porque o esforço da autora está ancorado na intenção de descrever e analisar a produção jornalística a partir da observação e entrevista, o que ajuda na hora de explicar e apresentar aos leitores que objeto de estudo específico é esse que os e as pesquisadoras do Jornalismo defendem.

Segundo, porque o esforço da pesquisa de campo auxilia na hora de tensionar e testar os conceitos utilizados por Jane, *converged newsroom* e *newsroom convergence: convergence e converged*, referem-se ao processo geral de convergência que transformava os meios de comunicação em suas diversas faces, e o uso da palavra *newsroom* especifica o objeto de estudo de Singer (2004a; 2004b), que se trata da redação jornalística e as relações dos jornalistas em um contexto de convergência.

Portanto, uma face específica do processo geral de convergência dos meios de comunicação. Singer (2004a; 2004b) estava dentro de redações durante a pesquisa, com dois objetivos principais:

[O primeiro era] problematizar os aspectos da convergência que são mais relevantes para os gestores e funcionários de notícias hoje [2003], enquanto lutam para se adaptar aos desafios de seus hábitos de trabalho, suas zonas de conforto e suas concepções sobre o que fazem e por quê [...] [o segundo objetivo foi explorar a ideia de que] diferentemente das inovações anteriores nas redações impulsionadas pela tecnologia, a convergência é um catalisador para a ressocialização dos jornalistas impressos, que estão sendo solicitados não apenas a mudar a forma como fazem seu trabalho, mas também a reexaminar noções sobre si mesmos como um tipo específico de jornalista (Singer, 2004a, p. 2; Singer, 2004b, p. 1, tradução nossa).¹⁴

A apropriação teórica que a autora faz do conceito de convergência sustenta que a “convergência, em seu contexto atual de mídia, refere-se a alguma combinação de tecnologias, produtos, equipes e geografia entre as províncias anteriormente distintas da mídia impressa, televisiva e on-line” (Singer, 2004a, p. 2, tradução nossa)¹⁵. A autora aplica uma perspectiva sociológica ao se apropriar teoricamente da convergência e defende que a socialização dos jornalistas são fatores a serem considerados na hora de analisar a convergência das redações.

¹⁴ “problematize the aspects of convergence that are most salient to news managers and staffers today as they struggle to adapt to challenges to their work habits, their comfort zones, and their conceptions about what they do and why [...] unlike previous technology-driven newsroom innovations, convergence is a catalyst for the resocialization of print journalists, who are being asked not only to change the way they do their work but also to re-examine notions about themselves as a particular type of journalist” (Singer, 2004a, p. 2).

¹⁵ “Convergence, in its current media context, refers to some combination of technologies, products, staffs and geography among the previously distinct provinces of print, television and online media” (Singer, 2004a, p. 2).

Diferente de Singer, que fez reflexões sobre a convergência nas redações a partir de uma pesquisa de campo, Quinn (2004a) pensou o conceito de convergência a partir de uma abordagem teórica, ao trazer definições de autores/as sobre o que é convergência, apresentar exemplos e oferecer sugestões de como introduzir a convergência em empresas.

Quinn (2004a) pretendia entender a adoção da convergência e tecnologias por empresas jornalísticas nos anos 2000, para isso cruzou quatro tópicos: jornalismo, lucros, tecnologia e convergência – o autor aplica uma perspectiva empresarial ao se apropriar teoricamente da convergência para analisar o jornalismo. Primeiro, tensiona e destaca prós e contras da relação de dependência entre lucro e jornalismo, apontando que problemas surgem quando a relação é desequilibrada. A convergência e a tecnologia entram na discussão a partir da constatação de que as organizações de mídia em todo o mundo estavam adotando várias formas de convergência e, ao longo do caminho, adotando uma série de modelos de negócios e isso, começou a desequilibrar a relação entre lucro e jornalismo (Quinn, 2004a).

Com isso, Quinn (2004a) questionou: gerentes editoriais e jornalistas estão adotando a convergência por motivos comerciais ou para fazer um jornalismo melhor? Ele conclui que uma “convergência bem-sucedida satisfaz os objetivos do bom jornalismo e das boas práticas comerciais” (Quinn, 2004a, p. 109, tradução nossa).¹⁶ Quinn (2004a) enxergava a convergência como um modelo de negócio, na visão empresarial, e como um conjunto de ferramentas que os jornalistas podiam usar, na visão da produção jornalística.

Para Quinn (2004a), a forma de convergência varia de acordo com os valores da organização que a introduz. Ao apresentar sua apropriação teórica acerca da convergência, o autor trouxe pensadores/as que discutiram e definiram diferentes conceituações da convergência, mas não definiu qual conceito de convergência melhor caberia para seu artigo. Nem trouxe o que é convergência em suas próprias palavras. Isso porque o interesse de pesquisa primário de Quinn (2004a) para com a convergência não era este, mas sim discutir uma dicotomia:

Se os gerentes introduzirem a convergência como uma forma de economizar dinheiro, os repórteres poderão ficar muito ocupados para verificar as informações que encontram e recorrer à publicação de material fornecido por profissionais de spin-doctors. Os jornalistas podem ficar tão ocupados fornecendo conteúdo para várias plataformas que simplesmente não têm tempo para refletir ou analisar. Mas, sob uma liderança sábia, a convergência oferece oportunidades de fazer um jornalismo melhor e mais útil socialmente (Quinn, 2004a, p. 121, tradução nossa).¹⁷

¹⁶ “Successful convergence satisfies the twin aims of good journalism and good business practices” (Quinn, 2004a, p. 109).

¹⁷ “If managers introduce convergence as a way to save money, reporters could become too busy to verify the information they find and resort to publishing material supplied by professional spin-doctors. Journalists could

A revisão bibliográfica mapeou mais um texto de Mark Deuze, publicado em 2007. Como visto nos parágrafos iniciais deste *overview*, em 1999, Deuze buscava padrões das habilidades do jornalismo online e jornalistas online. Já em 2007, o objetivo de Deuze (2007) ainda era mapear as práticas emergentes do jornalismo em uma cultura midiática cada vez mais participativa, mas não só do jornalismo, também da publicidade, das comunicações de marketing e das relações públicas.

Interpreta-se que ele adiciona essas outras áreas da Comunicação em sua pesquisa justamente porque um dos efeitos da convergência dos meios de comunicação e *convergence culture* (Jenkins 2004 *apud* Deuze, 2007) foi modificar a posição das funções e das profissões de mídia no mercado de trabalho. Ao ponto em que jornalistas trabalham com atividades publicitárias e de marketing e publicitários trabalham com atividades e práticas jornalísticas.

No que diz respeito ao jornalismo, Deuze (2007) se apoia em Singer para dizer que a identidade profissional dos jornalistas estava mudando no ecossistema midiático online – a temática da identidade profissional tem sido um dos principais interesses de pesquisa de Deuze até os dias atuais.¹⁸ Deuze (2007) se apoia em Henry Jenkins e no conceito de *convergence culture* para explicar esse ecossistema midiático da segunda metade da década de 2000.

Segundo Jenkins (2004, *apud* Deuze, 2007), *convergence culture* trata da reconfiguração na relação entre produtores de mídia e consumidores de mídia, seja a grande mídia ou usuários individuais.

As empresas de mídia estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo de mídia nos canais de distribuição para expandir as oportunidades de receita, ampliar os mercados e reforçar os compromissos dos espectadores. Os consumidores estão aprendendo a usar essas diferentes tecnologias de mídia para colocar o fluxo de mídia sob seu controle e interagir com outros usuários (Jenkins, 2004, p. 37 *apud* Deuze, 2007, p. 246, tradução nossa).¹⁹

Deuze (2007) aplica uma perspectiva cultural ao se apropriar teoricamente da convergência para analisar a mídia num plano macro, com observações sobre o jornalismo.

get so busy providing content for multiple platforms that they simply do not have the time to reflect or analyze. But under wise leadership, convergence offers opportunities to do better and more socially useful journalism” (Quinn, 2004a, p. 121).

¹⁸ Disponível em: <https://digilabour.com.br/pt/trabalho-jornalistico-alem-do-jornalismo-entrevista-com-mark-deuze/>. Acesso em 28 abr. 2025.

¹⁹ “Media companies are learning how to accelerate the flow of media content across delivery channels to expand revenue opportunities, broaden markets and reinforce viewer commitments. Consumers are learning how to use these different media technologies to bring the flow of media more fully under their control and to interact with other users” (Jenkins, 2004, p. 37 *apud* Deuze, 2007, p. 246).

A influência de Pool (1983) para a construção da perspectiva cultural da convergência, explorada por Jenkins, será discutida nos tópicos *O norte-americano Ithiel de Sola Pool, pioneiro da convergência no MIT* e *O norte-americano Henry Jenkins, sucessor da convergência no MIT*, a partir dos conceitos de *intercultural communication*, *free flow*, *convergence of modes* e *convergence culture* que possuem a mesma genética.

A partir da análise dos textos dos anos 2000, percebe-se que a perspectiva empresarial (Quinn, 2004a), cultural (Deuze, 2007) e sociológica (Singer 2004a; 2004b) da convergência já eram discutidas nas pesquisas do Jornalismo desenvolvidas neste período.

Em 2010, Noguera-Vivo (2010) abordou o conceito de *convergencia periodistica* e *convergencia de redacciones*. Ou seja, o movimento de construir conceitos que sejam mais específicos do jornalismo, como *newsroom convergence* e *converged newsroom* (Singer, 2004a; 2004b), continuou nos anos 2010, tanto que Noguera-Vivo usa o conceito de *convergencia periodistica* desenvolvido por Singer (2004a). O autor também se ancora em dois autores conhecidos e um dos principais da área de pesquisa em Jornalismo Digital, John Pavlik e Ramón Salaverría.

Noguera-Vivo (2010) problematizou que no processo de *convergencia tecnológica* e *convergencia dos medios* nas empresas jornalísticas, a perspectiva tecnológica prevalecia e as empresas esqueciam da influência que a audiência poderia ter em um processo de aplicação de modelos de negócio em um ambiente de convergência. Interpreta-se que Noguera-Vivo pensava que as empresas se preocupavam muito com a inserção de tecnologias novas nas redações e na estruturação da redação, seja para criar redações virtuais ou físicas, e muito pouco com o potencial que poderia ser a reestruturação da relação com a audiência através dos novos modos culturais de se comunicar do contexto de convergência.

Apesar de citar a cultura como um fator importante para entender a relação audiência versus jornalismo, entende-se que o autor aplica uma perspectiva empresarial focada na audiência ao se apropriar teoricamente da convergência para analisar estratégias jornalísticas de relação com o público. A preocupação central de Noguera-Vivo (2010) era entender quais eram os limites entre público e jornalistas na web e até se era possível a audiência participar efetivamente do processo de financiamento, produção e distribuição do jornalismo.

Sue Robinson (2010) tratou da relação entre o público e o jornalismo, ao olhar especificamente a dinâmica dos comentários de sites noticiosos online, em um período no qual jornalistas, pesquisadores/as e consumidores/as de notícia se perguntavam qual era o papel do jornalismo na dinâmica.

Nos anos 1990, a preocupação dos e das pesquisadoras era descrever formatos e linguagens daquele jornalismo que estava sendo produzido. No decorrer dos anos 2000, as pesquisas tentavam entender a perspectiva cultural e sociológica que atravessava o jornalismo e o público dentro do processo de convergência. Isso porque, embora já existissem sites e redes sociais nos anos 2000, o uso era pouco expressivo.

A partir dos anos 2010, época de publicação do texto de Robinson (2010), as redes sociais passaram a ser cada vez mais frequentes no dia a dia, o que fez com que a relação entre público e jornalismo ficasse ainda mais próxima do que já foi no século XX. Isso forçou as empresas jornalísticas e jornalistas a repensarem sua relação com o público. Também despertou o interesse dos e das pesquisadoras do Jornalismo de entender quais eram os limites na relação entre público e jornalismo em um ambiente de convergência.

Movido por esse interesse, Robinson (2010) fez uma etnografia para demonstrar um conflito interno significativo entre jornalistas e leitores. “Os “tradicionalistas” – aqueles que querem manter uma relação hierárquica entre jornalistas e público – entraram em conflito com os “*convergers*” – aqueles que achavam que os usuários deveriam ter mais liberdade dentro do site de notícias” (Robinson, 2010, p. 125, tradução nossa).²⁰ É o já conhecido embate entre produtor e consumidor de mídia que aparece em Jenkins (2009), no qual o produtor (grande mídia) que antes tinha o controle hegemônico dos meios de comunicação tem que disputar espaço com os consumidores que agora também são considerados produtores, isso a partir da visão de Jenkins (2009).

Robinson (2010) aplica uma perspectiva contextual ao se apropriar teoricamente da convergência para analisar a relação do público com o jornalismo através dos comentários. Ou seja, ela não desenvolveu um conceito baseado no conceito de convergência. O que Robinson (2010) fez foi propor um conceito a partir do radical *converg*, o conceito *convergers*, que representa os jornalistas que achavam que os usuários deveriam ter mais liberdade dentro do ambiente de comentário dos sites de notícias. Porém, esse conceito não ganhou expressividade nos estudos da área, pelo menos não no âmbito brasileiro.

Robinson (2011) continua discutindo resultados da etnografia feita em Robinson (2010), em 2011 a autora não foca somente na relação jornalista-leitor e avança analisando a convergência no jornalismo a partir de uma perspectiva estrutural (produção, fluxo, local, hierarquias e relações).

²⁰ “This ethnographic examination demonstrated significant internal conflict among both journalists and readers. The ‘traditionalists’ – those who want to maintain a hierarchical relationship between journalists and audiences – clashed with the ‘convergers’ – those who felt users should be given more freedoms within the news site” (Robinson, 2010, p. 125).

Em 2011, Robinson mobilizou os conceitos *converged newsroom*, *digital convergence* e *media convergence* para entender como as adaptações digitais estavam modificando a produção de notícias, o fluxo de trabalho, a organização do local de trabalho, as hierarquias de poder e como essas modificações reestruturaram as relações profissionais. A autora chegou à seguinte conclusão:

A análise revela tensões alimentadas pelo trabalho, à medida que repórteres e seus editores incorporam novas tecnologias em suas rotinas de produção de notícias. É apresentado um diagrama funcional da redação recém-convergente, demonstrando mudanças nas hierarquias de poder que privilegiam os trabalhadores com habilidades tecnológicas envolvidos em domínios digitais. Enquanto isso, repórteres com mentalidade voltada para a mídia impressa se veem cada vez mais isolados na redação, muitas vezes excluídos dos novos espaços de trabalho (Robinson, 2011, p. 1122, tradução nossa)²¹.

Erdal (2011), por exemplo, se apoia nas ideias de Singer (2004a) (que ao que parece é uma referência da área já que seus textos apareceram em Robinson (2010) e Deuze (2004; 2007). Ou seja, é possível observar ligações entre os e as autoras mapeados pela revisão bibliográfica, visto que alguns são pares de pesquisa a partir das citações, bem como, destacar alguns autores/as mais proeminentes na discussão sobre convergência.

O objetivo de Erdal (2011) era discutir o conceito de *convergence journalism* e conceituar o fluxo de conteúdos através das plataformas digitais a partir do que ele chamou de *cross-media*, ou seja, interpreta-se que, para ele, *cross-media* é um processo específico dentro do jornalismo de convergência (*convergence journalism*). Para Erdal (2011), *convergence journalism* é uma crescente cooperação e colaboração entre distintos tipos de redação (telejornalismo, radiojornalismo, impresso, online) e *cross-media* é o processo pelo qual o fluxo dos conteúdos jornalísticos era submetido para transitar entre as plataformas digitais. Nesse processo há duas perspectivas, *news work*, que se trata de estratégias organizacionais para lidar com a convergência durante o trabalho e *news texts*, que é o desenvolvimento de publicações para plataformas de mídia e de novos gêneros através da cooperação e colaboração entre distintivos tipos de redação (Erdal, 2011). Em síntese, entende-se que Erdal (2011) aplica uma perspectiva focada nos processos de produção jornalísticos para se apropriar teoricamente da convergência:

²¹ “The analysis reveals labor-fed tensions as reporters and their editors incorporate new technologies into their news production routines. A working diagram of the newly converged newsroom is put forward, demonstrating changed power hierarchies that privilege laborers with technological skills engaged in digital domains. Meanwhile, reporters with print-cultural mindsets find themselves increasingly isolated in the newsroom, often excluded from new workspaces” (Robinson, 2011, p. 1122).

O jornalismo de convergência pode ser visualizado como contendo um eixo vertical e horizontal. O eixo vertical representa o processo de produção do início ao fim, e está ligado ao conceito estabelecido de *multi-skilling*. O eixo horizontal é formado pelas diferentes plataformas de mídia nas quais uma notícia pode ser veiculada: mídia impressa, rádio, televisão, web e mídia móvel, e pode ser chamado de eixo de *cross-media* do jornalismo de convergência. Para sermos mais precisos para fins teóricos e analíticos, temos que distinguir ainda mais entre comunicação de cross-media e processos de produção de cross-media (Erdal, 2011, p. 11, tradução nossa)²².

Chouliaraki (2012) se propõe a analisar o jornalismo convergente (*convergent journalism*) como uma forma de jornalismo que dá primazia a atos de testemunho conduzidos por cidadãos, em detrimento do ato profissional de informar. Novamente, a possibilidade do cidadão usar a internet com as mesmas capacidades de empresas e publicar nos mesmos lugares que veículos grandes é discutida. “O potencial de solidariedade cosmopolita inerente ao jornalismo convergente reside na inserção da voz comum em uma estrutura mais ampla do jornalismo ocidental” (Chouliaraki, 2012, p. 267, tradução nossa).²³

Em outras palavras, é como se a participação do público prometida pela convergência fosse ilusória, pois não é tão efetiva como seria, por exemplo, uma cobertura jornalística que auxiliasse com conhecimento os grupos ativistas presentes na internet. É a velha decepção com a internet, que no começo prometia ser libertária para seus usuários, mas como sabemos, também foi prejudicial a sociedade. Chouliaraki (2012) já alertava para a supremacia de ideais ocidentais e controle do fluxo de informações por empresas de tecnologia, que moldam os conteúdos consumidos na internet e as pautas que realmente seriam de interesse de todos.

Chouliaraki (2012) se apoia em Mark Deuze e Henry Jenkins. Interpreta-se que a autora faz essas escolhas teóricas porque a perspectiva cultural trabalhada pelos dois autores, Jenkins e Deuze, faz parte da característica cosmopolita, política e ativista do jornalismo convergente. A perspectiva cultural da convergência de Jenkins tem em suas raízes influência das reflexões de Pool sobre ciência política, comunicação e o direito das pessoas de terem voz através dos meios de comunicação, próximo do que Chouliaraki (2012) propõe discutir. Assim, nota-se que a autora aplica uma perspectiva que envolve participação social e política para se apropriar teoricamente da convergência.

²² “convergence journalism can be visualised as containing a vertical and horizontal axis. The vertical axis represents the production process from start to finish, and is linked to the established concept of multi-skilling. The horizontal axis is made up by the different media platforms on which a news story can be realised: print, radio, television, web and mobile media, and can be called the cross-media axis of convergence journalism. In order to be more precise for theoretical and analytical purposes, we have to further distinguish between cross-media communication, and cross-media production processes” (Erdal, 2011, p. 11).

²³ “The potential for cosmopolitan solidarity inherent in convergent journalism, I argue, lies with the insertion of ordinary voice in a broader structure of Western journalism is organised around processes of re-mediation, inter-mediation and transmediation” (Chouliaraki, 2012, p. 267).

Chao-Chen (2013) versou que muito se discutiu sobre a convergência da mídia na era digital atual (2010-2013), mas que um tema raramente discutido era a convergência entre o jornalismo tradicional e as novas mídias. O que Chao-Chen tentava tensionar era o contexto em que as novas mídias (celulares, internet, redes sociais) estavam mudando o modo como o jornalismo tradicional (televisão, rádio, impresso) coletava informações e produzia notícias. A autora divide seus pensamentos e perspectivas sobre a convergência em três áreas de discussão: *convergence in news content* (conteúdo) *convergence of media ownership* (organizações/empresas); *convergence in communication technology* (tecnologias).

O objetivo é conduzir uma investigação sobre o uso dos recursos da nova mídia e determinar como a convergência ocorre e influencia a mídia tradicional. Este artigo conclui que o principal objetivo da nova mídia nas notícias tradicionais é servir como fonte, mais do que definir a agenda ou expressar a opinião pública. Este estudo também conduziu entrevistas aprofundadas com jornalistas para identificar ideias relacionadas. Com base na análise e nas entrevistas, este artigo conclui que as avaliações divergentes sobre a convergência entre a nova e a antiga mídia têm sido motivadas por considerações de mercado. A mídia tradicional utiliza as fontes da nova mídia por razões econômicas e não para melhorar o valor do conteúdo noticioso (Chao-Chen, 2013, p. 185, tradução nossa).²⁴

Hoje em dia não há uma distinção clara entre esse jornalismo tradicional e o jornalismo feito com as novas mídias digitais visto que todos os processos produtivos jornalísticos são tocados por ferramentas comunicacionais digitais, seja na televisão, no rádio, no impresso ou em outros meios. Essa era uma dicotomia muito comum no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 de que as novas mídias digitais inauguraram um modo único e exclusivo de produção e distribuição de notícias (jornalismo digital) - por óbvio os sites jornalísticos são frutos exclusivos dos computadores digitais e da internet, mas eles não são os únicos meios que utilizam de tecnologias digitais para produzir notícia.

A discussão dos resultados da revisão bibliográfica mostrou que independentemente da alternância conceitual que ronda o conceito de convergência e das diversas significações, é possível verificar artigos que direcionam cada vez mais suas reflexões para as especificidades do Jornalismo dentro do universo macro dos estudos acadêmicos sobre a convergência. Vale lembrar que os conceitos sempre estão em construção e migração (Martins; Reis, 2013) e eles são alimentados tanto por perspectivas normativas, quanto pelos debates de senso comum.

²⁴ “The aim is to conduct an investigation about the usage of resources from the new media and to determine how convergence happens and influences traditional media. This paper finds that the main purpose of the new media in the traditional news is to serve as the source, more than to set the agenda or to express public opinion. This study also has conducted in-depth interviews with journalists to identify related ideas. Based on the analysis and interviews, this paper finds that diverging evaluations on the convergence of new and old media have been driven by market considerations. Traditional media uses the new media sources for economic reasons and not to improve the value of the news content” (Chao-Chen, 2013, p. 185).

2.2 ETIMOLOGIA DO RADICAL “CONVERG”

Frente ao uso da palavra convergência nos estudos acadêmicos do Jornalismo, investigou-se a origem da construção da palavra em dicionários etimológicos de língua portuguesa e língua latina. A palavra convergência é uma das derivações do radical *converg*, mas não foi possível cravar a data de criação. No entanto, foi possível localizar o período.

Segundo Cunha (1982; 2012), a palavra convergência tem origem etimológica na França, e o francês vem do latim. Na França, em 1813, já era usado o verbete *convergente*, em 1833 entra em voga o verbete oriundo do francês *converger*, derivado do latim *con-vergere*, que significa “tender ou dirigir-se para o mesmo ponto” (Cunha, 1982; 2012, p. 973). Os dicionários etimológicos mostram que em 1836 a palavra convergência já era usada, *convergence* em francês, que é a junção do radical do verbete *convergir* e do sufixo *ência* (Cunha, 1982; 2012, p. 973). Pensando no verbete *convergente*, que parece ter sido o primeiro a ser usado com o radical *converg*, segundo a Oxford Languages²⁵, ele é um adjetivo uniforme de dois gêneros, com origem etimológica em 1789, que se refere a algo que converge, diferente de um adjetivo biforme que muda, por exemplo, bonito e bonita. Então, quando dizemos que algo converge, estamos nos referindo a uma qualidade e potencialidade daquela coisa em se integrar a outras coisas e não de ser um binômio. Por isso, o uso de binômios para falar de transformações no jornalismo pode confundir pesquisadores/as, pois a indústria jornalística vai muito além do embate entre o famigerado jornalismo tradicional e o jornalismo alternativo há na verdade integração entre diferentes âmbitos de produção.

A convergência é usada em várias áreas de ensino, experimentação, pesquisa e estudo. Por exemplo, na Biotecnologia, uma das áreas da Biologia, a convergência tecnológica é pensada como um “avanço do conhecimento e da inovação em um determinado grau de complexidade que não permite isolar a ciência, técnica, tecnologia e sociedade. [...] tecnologias emergentes, têm o potencial de contribuir no desenvolvimento de áreas totalmente novas da tecnologia e da ciência” (Rebolho, 2023, p. 22). Um avanço que pode criar um ecossistema de empreendedorismo que, por sua vez, “ocorre como um processo gradual, pautado por uma transformação social, cultural, política, econômica e mercadológica” (Rebolho, 2023, p. 22). Para Rebolho (2023), a convergência é um processo que gera produtos, avanços e inovações na ciência e tecnologia, a partir da aplicação técnica de tecnologias que devem ser pensadas por diversos atores (quádrupla hélice).

²⁵ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 16 jul. 2025.

De acordo com a Oxford Languages, na Física, que estuda a natureza e seus fenômenos, convergência é a propriedade de um sistema de partículas ou de um feixe de radiação cujas trajetórias ou raios convergem para um único ponto. Conceito frequentemente usado nos estudos de Óptica, subárea da Física, para se referir a algo como uma potência, palavra que também aparece nos estudos do Jornalismo e Comunicação. Na Geometria, área da Matemática, convergência é quando a propriedade das retas tende para o mesmo ponto

Assim, no início do século XVIII, o clérigo William Derham (1657-1735) referiu-se pela primeira vez aos conceitos de “convergência” e “divergência” para descrever os mecanismos adaptativos da visão em diferentes animais, em seu tratado *Physico-Theology Or, A Demonstration Of The Being And Attributes Of God From His Work Of Creation* (1713). No século XIX, o conceito de convergência também foi adotado por teóricos da matemática, como o alemão Karl Weierstrass (1815-1897), o irlandês George Stokes (1819-1903) ou o também alemão Philipp Ludwig von Seidel (1821-1896), entre outros. Até mesmo a própria Teoria da Evolução, formulada por Charles Darwin (1809-1882) em *A Origem das Espécies* (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 42, tradução nossa).²⁶

Mas há uma pergunta inicial, quando a palavra convergência começou a ser usada por pesquisadores/as das Ciências Sociais e Comunicação? Como chegou à área do Jornalismo? Para responder, os próximos tópicos trazem uma breve apreensão teórica sobre as primeiras teorizações da convergência nas Ciências Sociais, Comunicação e Jornalismo.

2.3 CONVERGÊNCIA E COMUNICAÇÃO

Discute-se aqui o conceito pioneiro, *convergence of modes*, proposto nas Ciências Sociais nos anos 1980 pelo estadunidense Pool (1983), e o conceito oriundo dos anos 2000, cultura da convergência (Jenkins, 2009), catapultado na academia na área da Comunicação pelo estadunidense Henry Jenkins, inspirado no conceito de Pool (1983). Até chegar às conceituações sobre a convergência desenvolvidas na área do Jornalismo.

²⁶ “Así, a principios del siglo XVIII, el clérigo William Derham (1657-1735) se refirió por primera vez a los conceptos de «convergencia» y «divergencia» para describir los mecanismos adaptativos de la visión en diferentes animales, en su tratado *Physico-Theology Or, A Demonstration Of The Being And Attributes Of God From His Work Of Creation* (1713). En el siglo XIX, el concepto de convergencia también fue adoptado por teóricos de las matemáticas, como el alemán Karl Weierstrass (1815-1897), el irlandés George Stokes (1819-1903) o el también alemán Philipp Ludwig von Seidel (1821-1896), entre otros. Incluso la propia teoría de la evolución, formulada por Charles Darwin (1809-1882) en *El origen de las especies*” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 42).

2.3.1 O norte-americano Ithiel de Sola Pool, pioneiro da convergência no MIT

Para entender o processo de desenvolvimento do conceito de convergência na área das Ciências Sociais, viu-se necessário mapear as pesquisas ambientadas nos Estados Unidos por Ithiel de Sola Pool, pois foi um dos primeiros pesquisadores a abordar o conceito de convergência nessa grande área (Jenkins, 2009). Ele nasceu no fim da Primeira Guerra Mundial e estudou os processos comunicacionais de 1935, ano em que se formou como estudante secundarista (Frederick, 1981), até sua morte, em 1984.

O pesquisador desenvolveu seus estudos a partir da Ciência Política, Ciências da Comunicação e das Ciências Sociais, pensando em políticas comunicacionais internas dos Estados Unidos e causas e efeitos culturais dos processos comunicacionais estabelecidos através do uso das novas tecnologias digitais de informação e comunicação (Frederick, 1981). Pool é de uma era chamada *Mass Communication Research*,²⁷ pensando a dimensão política e tecnológica das relações comunicacionais. Na década de 1940, analisou as propagandas nazistas e comunistas da II Guerra Mundial e ajudou a desenvolver ferramentas metodológicas da área da Comunicação para análises de conteúdo; em 1952 recebeu o título de Doutor em Ciência Política pela Universidade de Chicago; os estudos de Pool desta época, em conjunto com outros pesquisadores, resultaram em livros que serviram de base teórica para as futuras análises da Guerra Fria; nos anos 1950, Pool firmou-se internacionalmente como estudioso de análise de propaganda e de metodologias de análise de conteúdo (Frederick, 1981). Vale lembrar que o pesquisador, pela posição de relevância dentro da política, desenvolvia a maioria das suas pesquisas pensando nos interesses dos serviços de inteligência dos Estados Unidos (Frederick, 1981).

Várias pesquisas de Pool ocorreram durante a Guerra Fria (1947-1991) (Frederick, 1981), período que diferentes disciplinas científicas passaram por um processo de ideologização, comunista e capitalista, que condicionaria o destino das futuras gerações (Meditsch, 1999). “Estes efeitos e desdobramentos foram muito grandes, principalmente em áreas estratégicas, do ponto de vista militar, como é a área da comunicação social” (Meditsch, 1999, p. 1). Segundo Frederick (1981), Pool defendia que as Ciências Sociais eram importantes para os serviços de inteligência, pois ajudavam os Estados Unidos a conhecerem o resto do mundo.

²⁷ A Pesquisa de Comunicação de Massa (*Mass Communication Research*) iniciou nos Estados Unidos em 1920 e esteve centrada nos estudos sobre a interação entre os meios de comunicação de massa e os comportamentos dos indivíduos na sociedade, com duas escolas, Escola de Chicago e Escola de Palo Alto. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/teorias-da-comunicacao/>. Acesso em 16 jul. 2025.

Esse resto de mundo tinha nome, eram os estados comunistas da Guerra Fria aliados à União Soviética, e países latino-americanos, caribenhos, asiáticos e africanos. Muitas abordagens de Análise de Conteúdo de suas pesquisas olhavam o resto do mundo como estranho: “A sociedade camponesa vietnamita, argumentou ele, sempre foi brutal e violenta. Sem estradas, telefones e autoridades organizadas [...] nenhum controle pode ser exercido sobre indivíduos violentos” (Frederick, 1981, p. 6, tradução nossa).²⁸

Pode-se dizer que Pool pensava na Análise de Conteúdo e entrevistas com pessoas como estratégia de controle. O autor tinha como objeto de estudo qualquer comportamento humano, “porque todo comportamento humano tem que transparecer através do processo de interação entre as pessoas, os processos de comunicação” (Pool, 1980 *apud* Frederick, 1981, p. 1, tradução nossa).²⁹

Nos anos 1950, enquanto fazia parte do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Pool inclinou suas pesquisas à cultura e deu atenção ao processo de *Intercultural Communication* (Frederick, 1981), que seria a relação de pessoas e grupos com diferentes culturas, parecido com a dimensão cultural proposta pelo conceito cultura da convergência de Jenkins (2009). Jenkins (2009) afirmou se inspirar em Pool e no conceito *convergence of modes*, que problematiza a mudança cultural que ocorria na relação entre público, meios de comunicação e tecnologia, para tecer suas conceituações acerca da cultura da convergência. Portanto, é possível interpretar que os estudos de Pool sobre a *Intercultural Communication* estão nas bases do conceito de cultura da convergência, mesmo que implicitamente, pois foi a partir desses estudos que Pool desenvolveu reflexões acerca do conceito de *convergence of modes*, retrabalhado por Jenkins nos anos 1990 e 2000.

Pool aplicou as metodologias de Análise de Conteúdo da Comunicação em pesquisas que buscavam entender as opiniões e atitudes das pessoas quando se relacionavam com outras e outros. Assim como outros autores/as dos anos 1960, o pesquisador percebe que suas pesquisas tratavam de dois fenômenos interrelacionados: a comunicação política interna e a modernização da mídia no mundo em desenvolvimento. Ele chega a esta noção a partir de pesquisas que desenvolveu no período eleitoral de 1959 e 1960 nos Estados Unidos, nas quais percebeu o crescente impacto da televisão, simbolismo de modernidade na época, na comunicação política interna americana (Frederick, 1981).

²⁸ “Vietnamese peasant society, he argued, has always been brutal and violent. Without roads, telephones and organized authorities - certainly a communication analysis - no controls can be exercised on violent individuals” (Frederick, 1981, p. 6).

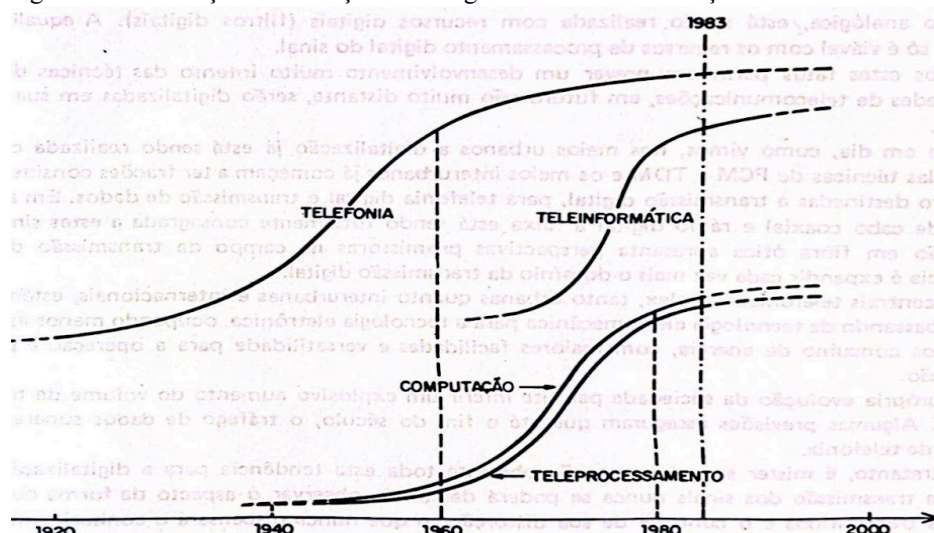
²⁹ “[...] any human behavior, because every human behavior has to transpire through the process of interaction between people, the processes of communication” (Pool, 1980 *apud* Frederick, 1981, p. 1).

Em síntese, os interesses de Pool em tecnologias, nas diferentes culturas, nos comportamentos sociais, nas questões de políticas comunicacionais, desenvolvidas, principalmente, entre a década de 1940 e 1980, são a bacia semântica e fulcro do conceito de *convergence of modes*, que ele proporia nos anos 1980. Frederick (1981) versa que Pool tinha grande interesse nas “novas tecnologias”. Os trabalhos de Pool tratavam de uma sociedade que começava a conhecer as tecnologias eletrônicas e digitais ancoradas em sistemas de comunicação de longa distância conhecidos como sistemas de telecomunicações.

Na área da telegrafia, o interesse do homem se voltou logo para a comunicação dos sinais mais importantes da vida cotidiana – a palavra falada e a imagem – e a tecnologia se orientou no sentido de instalar sistemas tais que reproduzem na saída uma réplica do sinal na entrada [analógico]. [...] com o avanço da tecnologia e tendo em vista resolver os casos em que a transmissão analógica era inviável praticamente, bem como ampliar o espectro de possibilidades tecnológicas, surgiram os sistemas digitais (Ribeiro; Barradas, 1980, p. 8).

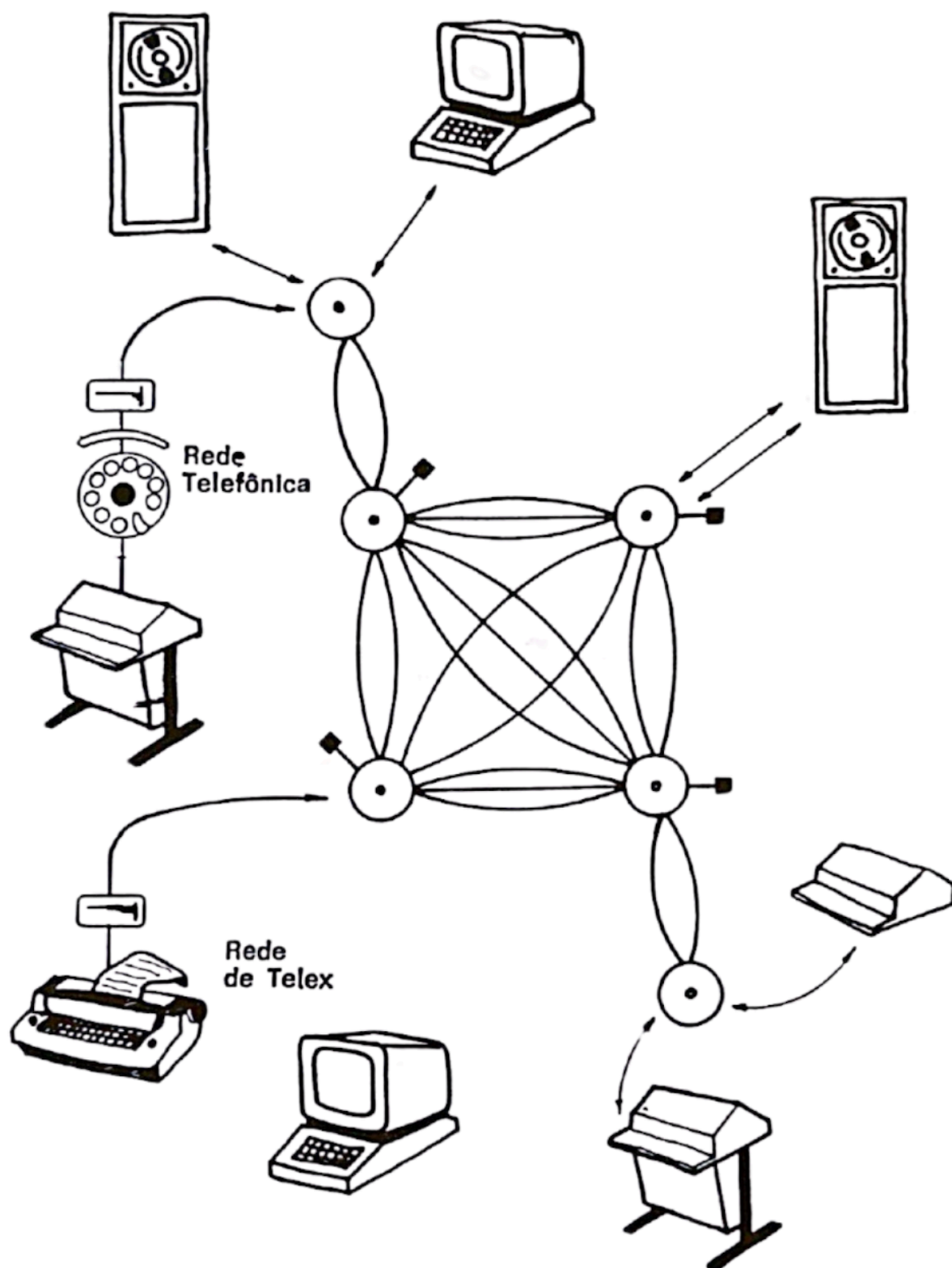
Ribeiro e Barradas já visavam que com o “desenvolvimento da tecnologia digital deixou de haver uma nítida separação das redes entre si, por causa da forte tendência do aproveitamento da infraestrutura comum” (1980, p. 938). As tecnologias digitais que usavam sistemas analógicos-digitais de infraestrutura comum eram um modo de baratear a operação das telecomunicações, permitindo cada vez mais a transmissão e processamento de dados. Uma das soluções para fluir esse processo foram as redes de computadores, que permitiam a comunicação entre terminais ou computadores com características diferentes (Oliveira, 1986). Um primeiro sinal de convergência na área da Comunicação, pois as mesmas linhas que eram usadas para transmitir ondas de rádio passaram a transmitir dígitos. Um processo de integração de tecnologias usando infraestrutura comum – Figura 4 e 5 e Anexo A.

Figura 4 – Aceleração da evolução tecnológica das Telecomunicações até os anos 1980.



Fonte: Ribeiro e Barradas (1980).

Figura 5 – Exemplo de rede de computadores dos anos 1980.



Fonte: Oliveira (1986).

Nos anos 1970 e 1980 a sociedade passou por uma acelerada transformação tecnológica, do analógico para o digital, que não se limitaria aos subterrâneos da técnica e se desdobrariam em dimensões econômicas, sociais e políticas e transformação cultural (Ribeiro; Barradas, 1980). Em 2025, a digitalização já é uma realidade e a retórica de Henry Jenkins, no início dos anos 2000, é bem parecida com a dos brasileiros, Ribeiro e Barradas (1980). Porém, nos anos 1970 e 1980, os efeitos das tecnologias digitais no cotidiano ainda não eram tão perceptíveis, por isso a partir desse período se passa a estudar e criticar as causas e efeitos desse processo e, com isso, o paradigma tecnológico começava a se formar:

Conforme destaca Berger (2001, p. 256-257), as pesquisas voltadas à comunicação de massa [...] passavam pelo comprometimento político: era preciso denunciar o funcionalismo, a televisão comercial, os fluxos internacionais da notícia, as histórias em quadrinho[s], as políticas de comunicação (ou a falta delas), as corporações multinacionais, a Indústria Cultural, a estrutura transnacional de informação, o cinema de Hollywood, a manipulação ideológica, a publicidade e as pesquisas de opinião, as novas tecnologias, a miséria da informação, o imperialismo cultural [...] a crítica principal aos meios de comunicação de massa: de serem meros instrumentos de transmissão, de tratarem os destinatários como receptores passivos e de impossibilitaram relações dialógicas (Oliveira, 2021, p. 71).

A proposição da convergência, justamente nesse período, a partir da perspectiva da Comunicação, visava um mundo “multipolar” (Frederick, 1981), depois de anos de tensão política polarizada. No Brasil e em vários países latinos, o processo de transição de ditadura militar para um sistema democrático aconteceu neste período. Em contrapartida, Pool enxergava a soberania cultural de um país como algo que subtrai e esgota a cultura, ele defendia o *free flow* (fluxo livre) de ideias, a favor dos Estados Unidos (Frederick, 1981).

O diálogo com os estudos no âmbito da cultura e da ciência política passam a integrar a genealogia da convergência. A ideia do *free flow* aproxima-se da concepção do conceito de *convergence of modes*, nos anos 1980, ao defender que a cultura tinha que circular, as pessoas tinham que se conectar (Frederick, 1981). Isso em um contexto de uma transformação cultural (Ribeiro; Barradas, 1980) no qual redes de computadores foram criadas justamente para ofertar conexão e “distribuir meios de acesso, em que usuários, em uma localidade qualquer, possam acessar outros que se encontrem em localizações diferentes” (Oliveira, 1986, p. 84). Porém, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e a apropriação dos meios de produção e circulação não são domínio de todos os países.

A respeito da perspectiva política, Pool (1983) disse que a liberdade civil mudou nos anos 1980, pois durante mais de 500 anos, países lutaram pelo direito de imprimir e falar sem censura, mas as *new technologies of electronic communication* e *electronic modes of communication*, não regulamentadas como as mídias tradicionais, estavam mudando isso.

Pool (1983) frisou duas coisas, que essa discussão era latente nos anos 1980, mas o entendimento sobre era quase nulo, e que o direito de publicar, garantido pela Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos, podia estar em perigo pela falta de compreensão dos usos dos novos meios eletrônicos.

Quando fios, ondas de rádio, satélites e computadores se tornaram os principais veículos de discurso, a regulamentação parecia ser uma necessidade técnica. E assim, à medida que o discurso flui cada vez mais através desses meios eletrônicos, o crescimento de cinco séculos de um direito inalterado dos cidadãos, de falar sem um controle, pode estar em perigo (Pool, 1983, p. 1, tradução nossa)³⁰

Os primeiros exemplos do perigo estão no jornalismo. “Um jornal distribuído por um teletexto é uma extensão da impressão, e portanto, tão livre quanto outros jornais, ou é uma transmissão, e portanto, está sob o controle do Governo?” publicou em um jornal o presidente da *American Federal Communications Commission* (FCC) (Pool, 1983, tradução nossa)³¹. “A tradicional Primeira Emenda da liberdade de imprensa vai ser aplicada aos sinais enviados por linhas telefônicas ou cabos televisivos?” (Pool, 1983) (repórter citada).

As mudanças surgiram a partir da convergência de mecanismos de distribuição de notícias e informações da indústria, pois um vídeo dos anos 1980 podia ter as cores, sons e efeitos tridimensionais ou sintéticos que quisesse, e podia ser visto em qualquer local que se desejasse (Pool, 1983). Entretanto, ao mesmo tempo, a indústria estabeleceu “estúdios, teatros, carreiras, sindicatos, financiamento e práticas publicitárias, todos concebidos para utilizar a tecnologia existente. Neste caso, a mudança ocorre, mas as instituições estabelecidas limitam a sua direção e o seu ritmo” (Pool, 1983, p. 6, tradução nossa).³²

Indústria e instituições fazem parte do mercado que introjeta as tecnologias na sociedade, não é a tecnologia em si. Aqui temos o primeiro sinal de embate entre produtor e consumidor, ideia central para Jenkins. Pool (1983) não considerava as tecnologias e a convergência como autônomos, mas sim revestidos de camadas políticas e mercadológicas. “A transformação eletrônica dos meios de comunicação não ocorre num espaço vazio, mas num contexto legal e histórico específico” (Pool, 1983, p. 6-7, tradução nossa)³³.

³⁰ “When wires, radio waves, satellites, and computers became major vehicles of discourse, regulation seemed to be a technical necessity. And so, as speech increasingly flows over those electronic media, the five-century growth of an unabridged right of citizens to speak without control may be endangered” (Pool, 1983, p. 1).

³¹ “Is a newspaper distributed via teletext an extension of print media, and therefore as free as other newspapers, or is it a broadcast, and therefore under government control?” (Pool, 1983).

³² “studios, theaters, career lines, unions, funding, and advertising practices, all designed to use the technology that is in place. Change occurs, but the established institutions are a constraint on its direction and pace” (Pool, 1983, p. 6).

³³ “The electronic transformation of the media does not occur in a vacuum, but within a specific legal and historical context” (Pool, 1983, pp. 6–7).

Pool (1983) versa que o *convergence of modes* perturba os sistemas já estabelecidos e questões que pareciam estar resolvidas há séculos estão a ser reabertas, por vezes, não de uma forma dialogável e democrática.

Um processo denominado “convergência de modos” está borrando as linhas entre os meios de comunicação, mesmo entre as comunicações ponto-a-ponto, como o correio, o telefone e o telégrafo, e as comunicações de massas, como a imprensa, a rádio e a televisão. Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas de rádio – pode transportar serviços que, no passado, eram fornecidos de formas separadas. Por outro lado, um serviço que era prestado no passado por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – pode agora ser prestado de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação de um para um que costumava existir entre um meio e a sua utilização está a desaparecer (Pool, 1983, p. 23, tradução nossa)³⁴

Apresentada a trajetória e conceito de Pool, discute-se agora a principal obra do estadunidense Henry Jenkins – que se inspira em Pool para desenvolver suas conceituações – publicada em inglês em 2006 e traduzida para o português em 2009, no livro *Cultura da Convergência*. Os livros de Jenkins foram publicados em um período em que já tínhamos muitas respostas para dúvidas do século XX. Embora não tenha inaugurado o conceito, ele é um dos autores mais expressivos quando se fala de convergência.

2.3.2 Henry Jenkins, o norte-americano sucessor da convergência no MIT

Este tópico apresenta um pensamento norte-americano proposto por Jenkins, a partir dos anos 1990, com estudos da mídia, cultura popular e cultura digital. Jenkins é bacharel em Ciência Política e em Jornalismo pela Universidade do Estado da Geórgia – o que o aproxima de Pool, que também tinha formação em Ciência Política –, mestre em Estudos de Comunicação pela Universidade de Iowa e doutor em Artes da Comunicação pela Universidade de Wisconsin-Madison. Os interesses dele são os processos comunicacionais, mídia, interfaces entre política, educação, jornalismo, artes, cultura e entretenimento. O autor desenvolveu suas conceituações da convergência entre 1993 e 2009 a partir dos estudos de Mídia Comparada do MIT, uma IES privada famosa por treinamento, pesquisa científica e tecnológica desde o século XIX, especialmente, a serviço dos Estados Unidos durante a I e II Guerra Mundial – Pool também trabalhou na MIT.

³⁴ “A process called “convergence of modes” is blurring the lines between media, even between point-to-point communications, such as mail, telephone, and telegraph, and mass communications, such as print, radio, and television. A single physical medium – be it wires, cables, or radio waves – can carry services that, in the past, were provided in separate ways. Conversely, a service that was previously provided by a single medium – be it broadcasting, print, or telephony – can now be provided in several different physical forms. Thus, the one-to-one relationship that used to exist between a medium and its use is disappearing” (Pool, 1983, p. 23)

Segundo Jenkins (2009), o conceito de convergência não é novo, o que há de novo são os significados, antes dos anos 2000, os significados da convergência já eram discutidos por deterministas, positivistas, críticos (ex.). Portanto, as discussões acerca da convergência são temporais e processuais. Os significados da convergência também eram discutidos em diversos espaços para mencionar reformulações nas telecomunicações, tais como, na universidade, Estado, centros de pesquisa das forças armadas, universo de usuários e consumidores, nas dinâmicas de diversos mercados de serviço e produto e nas estruturas de departamentos de empresas privadas, no campo jornalístico de produção de notícias.

Cultura da Convergência (Jenkins, 2009) é considerado cânone quando se pretende discutir a convergência conceitualmente, pois a obra consegue amarrar e discorrer sobre os significados desse conceito, propagar-se na academia e vender. Período no qual os pesquisadores/as faziam esforço de ir além de compreender o maquinário, observando relações sociais, políticas, econômicas e culturais que atravessam as tecnologias digitais e a internet. Isso porque as dúvidas não eram exclusivas dos campos acadêmico e científico, mas também eram do mercado e dos mais variados ciclos sociais (ex. escolas, família, Estado). As pessoas queriam entender o novo cenário sociotécnico de integração de mídias digitais às impressas, de conexão e interação ubíqua via internet, da multimídia, hipermídia, transmídia e dos hipertextos. Assim, o autor traz definições conceituais a partir de movimentos de convergência no contexto da perspectiva cultural, dispostas no Quadro 8 – os conceitos estavam dispostos no glossário e foram organizados em quadro pelo autor da dissertação.

Quadro 8 – Conceituações presentes no glossário do livro “Cultura da Convergência” de Henry Jenkins.

Conceito	Significado
Convergência	Mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais no modo como as mídias circulam em nossa cultura;
	Fluxo de conteúdos através de várias plataformas de mídia;
	Cooperação entre múltiplas indústrias midiáticas;
	Busca de novas estruturas de financiamento das mídias que recaiam sobre os interstícios entre antigas e novas mídias;
	Comportamento migratório da audiência, que vai a quase qualquer lugar em busca das experiências de entretenimento que deseja;
	Situação em que múltiplos sistemas de mídia coexistem e em que o conteúdo passa por eles fluidamente;
	Processo contínuo ou uma série contínua de interstícios entre diferentes sistemas de mídia, não uma relação fixa;

Convergência alternativa	Fluxo informal e às vezes não autorizado de conteúdos de mídia quando se torna fácil aos consumidores arquivar, comentar os conteúdos, apropriar-se deles e colocá-los de volta em circulação
Convergência corporativa	Fluxo comercialmente direcionado de conteúdos de mídia
Convergência cultural	Mudança na lógica pela qual a cultura opera, com ênfase no fluxo de conteúdos pelos canais de mídia
Convergência tecnológica	Combinação de funções dentro do mesmo aparelho tecnológico
Convergência das mídias	Convergência entre múltiplas plataformas de mídia

Fonte: Jenkins (2009).

Jenkins parece ter percebido essa demanda de discussão e, em 2006, crava na introdução do livro noções sobre a cultura da convergência: as velhas e novas mídias colidem; a mídia corporativa e a mídia alternativa se cruzam; o produtor e o consumidor de mídia interagem. No livro, apoia-se em três conceitos-chave: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva de Pierre Lévy. Embora cite a imprensa, o foco de Jenkins é a Mídia e não o jornalismo (Jenkins, 2009).

O próximo tópico avança para autores/as que centralizam seus estudos e pesquisas sobre convergência no Jornalismo, em diálogo com o recorte desta pesquisa que tem como objeto apropriações teóricas do conceito de convergência, especialmente, os específicos do Jornalismo, em teses e dissertações de Jornalismo.

2.4 CONVERGÊNCIA E JORNALISMO

Os espanhóis Salaverría (2003), García-Avilés e Masip (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010) e a brasileira Barbosa (2008) foram usados como base teórica nesta dissertação para entender como os conceitos de convergência específicos do Jornalismo foram construídos. Abordam-se tais autores/a, pois são um dos principais construtores deste tipo de conceito no campo de estudo especializado do Jornalismo Digital, especialmente no Brasil, país no qual esta dissertação foi produzida, embora não sejam os únicos. Apesar de terem textos atuais (década de 2020), foram escolhidos textos dos anos 2000 porque são os mais referendados nas teses e dissertações do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, de acordo com o levantamento desta pesquisa, e porque são obras conceituadas quando a convergência estava no centro dos debates. Para compreender como conceitos de convergência do Jornalismo foram apropriados teoricamente nos programas é necessário estudar os conceitos apropriados.

2.4.1 A Processualidade Teórica da Convergência no Brasil

A revisão de pesquisas brasileiras pioneiras que se destacam quando a abordagem são as transformações técnicas e sociais do jornalismo, mostram que Claudia Quadros, Elias Machado, Elizabeth Saad, Luciana Mielniczuk, Suzana Barbosa, Marcos Palacios, entre outros importantes pesquisadores/as brasileiros de diversos estados e cidades, foram precursores no estudo do Jornalismo Digital no país. São pesquisadores de um período em que a discussão acadêmica sobre a convergência ficava latente, na transição do século XX para o século XXI. Essas contribuições fazem parte em sua maioria, mas não somente, do grupo da UFBA, GJOL, fundado por Palacios e Machado – o único grupo da área do Jornalismo Digital criado nos anos 1990 (conforme visto no primeiro capítulo).

Dentre esse grupo de autores/as prógonos, Barbosa destaca-se e é escolhida para o recorte do capítulo teórico, pois traz em artigos e trabalhos solos proposições e definições do conceito de convergência específicos do Jornalismo (ex. convergência jornalística) que são usados frequentemente na área do Jornalismo Digital. Outros autores/as se ocupam de estudar o Jornalismo Digital, mas não necessariamente focaram em definir conceitos com radical *converg.* Por exemplo, entre as diferentes pesquisas que Mielniczuk produzia, estudou principalmente o webjornalismo, já Palacios estudou majoritariamente a relação da convergência e da memória, e assim por diante com outros autores/as da área do Jornalismo.

Os conceitos de Barbosa carregam algumas características: Barbosa faz parte e segue a agenda da área do Jornalismo Digital, inclusive, contribuindo para a concepção desta agenda; participa e coordena o GJOL, junto a Livia de Souza Vieira, Machado (coordenador emérito) e Palacios (coordenador emérito/consultor sênior), portanto, as características do grupo são imprimidas nos seus conceitos; Palacios e António Fidalgo (estágio doutoral) orientaram Barbosa e contribuíram no processo de formação acadêmica da pesquisadora, imprimindo suas características nas pesquisas de Barbosa e vice-versa.

Barbosa é “professora Associada do Departamento de Comunicação e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) da Faculdade de Comunicação da UFBA (FACOM/UFBA)” (Suzana Oliveira Barbosa, 2025, p. 1). Barbosa é graduada em Jornalismo (1993) pela FACOM-UFBA, mestre (2002) e doutora (2007) pelo PósCom-UFBA (Suzana Oliveira Barbosa, 2025). Barbosa pesquisa jornalismo digital, em redes digitais, em base de dados, móvel e convergente, inovação no jornalismo, plataformização do jornalismo (Suzana Oliveira Barbosa, 2025) e inteligência artificial e suas implicações no jornalismo (Pinto; Barbosa, 2024).

A autora já realizou diferentes estágios doutorais e pós-doutorais e ministrou aulas como professora visitante e adjunta, sempre buscando abarcar a pesquisa e ensino em Jornalismo Digital, no Brasil ou no exterior: 1) em 2023, fez pós-doutorado na ECA-USP, importante espaço para a pesquisa em Jornalismo no Brasil, pois foi o primeiro programa de pós-graduação brasileiro da área da Comunicação no país, sob a supervisão de Elizabeth Saad, que também pesquisa o Jornalismo Digital; 2) foi professora visitante na Universidad Carlos III de Madrid, em 2023, com bolsa do Programa Capes Print UFBA, o que mostra mais uma vez a relação dela com a Espanha, o que pode ter motivado as suas pesquisas que usam autores/as espanhóis, além de outros autores/as de diferentes países; 3) realizou estágio doutoral no Laboratório de Comunicação e Conteúdos Online (LabCOM), da Universidade da Beira Interior (Portugal), sob a orientação do Professor António Fidalgo, local no qual desenvolveu parte de sua tese, intitulada de “Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos” e defendida em 2007³⁵; 4) fez pós-doutorado na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, através do Programa de Cooperação Brasil-Espanha (financiado pelo MEC/CAPES/DGU e Ministerio de Educación y Ciencia de España), tendo como supervisores os professores Xosé López García e José Pereira Fariña, que também estudam o Jornalismo Digital no âmbito espanhol; 5) atuou entre 2008 e 2010 como professora adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFF, onde lecionou disciplinas sobre hipertexto, hiperídia, reportagem virtual e atuou na linha de pesquisa Jornalismo Digital e Convergência de Meios (Suzana Oliveira Barbosa, 2025).

“É a pesquisadora líder do Projeto de Pesquisa #AcesseJOR: protocolo de inovação social para o jornalismo digital (Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No.18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes)” (Suzana Oliveira Barbosa, 2025, p. 1) e também coordenou o Projeto Laboratório de Jornalismo Convergente (MCTI/CNPq/MEC/CAPES 22/2014), entre 2014 e 2017, ambas as atividades auxiliaram/am na inserção do Jornalismo Digital como tópico de inovação dentro do sistema nacional de ciência e tecnologia, representado pelo CNPq e Capes. “Entre 2020 e 2024, atuou na coordenação e na vice-coordenação do GT Estudos de Jornalismo da Compós” (Suzana Oliveira Barbosa, 2025, p. 1), sendo uma das representantes da pesquisa em Jornalismo Digital dentro do GT do maior evento da pós-graduação brasileira em Comunicação.

³⁵ Em 2008, recebeu o Prêmio Adelmo Genro Filho concedido pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) de "Melhor Tese de Doutorado em Jornalismo" (Suzana Oliveira Barbosa, 2025).

Parte do movimento proposto nesta dissertação já foi feito por Quadros, Mielniczuk e Barbosa em 2006, em um artigo publicado na E-Compós,³⁶ que abordava os estudos sobre Jornalismo Digital no Brasil, também publicado em inglês na BJR.³⁷ A diferença é que aqui o foco é somente os conceitos da convergência e seus usos nas pesquisas da UFSC e UEPG.

O texto escolhido para abordar as conceituações feitas por Barbosa acerca da convergência é de 2008, da revista *Textual & Visual Media: revista de la Sociedad Española de Periodística*, e traz a definição do conceito de convergência jornalística (Barbosa, 2008):

Integração entre meios distintos, produção de conteúdos combinando multiplataformas para publicação e distribuição, convergência estrutural com a reorganização das redações e a introdução de novas funções para os jornalistas, uso associado de tecnologias da informação, softwares, sistemas inteligentes, audiência ativa, exploração do potencial interativo, hipertextual e multimídia da internet, e também a construção de narrativas jornalísticas em conformidade com tais recursos. Mais que uma palavra da moda ou justificativa para sobrecarga de trabalho e cortes nas equipes, a convergência jornalística é uma oportunidade para renovar o jornalismo e atualizá-lo frente às demandas do público do século XXI (Salaverria, 2003, 2005b, 2007) (Barbosa, 2008, p. 88).

A autora publicou diversos artigos nos primeiros anos do século XXI, frutos de sua tese de doutorado e também da pesquisa realizada no mestrado. Escolheu-se este artigo de 2008 para mostrar como o conceito de convergência jornalística foi construído por Barbosa, pois representa o fim de dois ciclos importantes para a autora (tese, dissertação), portanto, traz junção conceitual dessas fases e apresenta o início de uma nova fase consolidada.³⁸ Também porque é o primeiro artigo da autora, dos listados no seu Lattes no tópico de produção científica (categoria artigos completos em periódicos), que traz uma definição de convergência específica do Jornalismo. Outro motivo, é porque diferente do início dos anos 2000, no qual Barbosa era mestranda, em 2008 ela já era doutora, portanto, tinha mais experiência. Também porque é nos anos próximos a 2008 que a convergência atinge o seu pico de discussão, lembrando que o conceito de cultura da convergência (Jenkins, 2009), o mais usado na Comunicação, foi proposto e ganhou alcance acadêmico nessa mesma época.

De qualquer forma, a partir dessa primeira publicação notável sobre o conceito de convergência jornalística e o jornalismo feito a partir das bases de dados, fruto de quase 10 anos de pesquisa (tese, doutorado) Barbosa continuou desenvolvendo o conceito nos anos seguintes (Barbosa, 2009; 2013).

³⁶ Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/119>. Acesso em: 17 jul. 2025.

³⁷ Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/87/87>. Acesso em: 17 jul. 2025.

³⁸ Relato de Barbosa: “A abordagem toma como parâmetro o Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), configurado a partir da investigação doutoral (2007), agora em fase de aperfeiçoamento, testes e potencialização com a realização do estágio de pós-doutorado” (Barbosa, 2008, p. 89).

O trecho a seguir representa bem qual era a posição e a genética de Barbosa ao abordar o conceito de convergência jornalística em 2008:

Para além de uma mudança de cariz tecnológico, com o predomínio do digital como matriz, mais certo é dizer que vivemos a cultura da convergência, a qual altera as relações não apenas entre tecnologias existentes, mas também entre indústrias, mercados, gêneros, audiências e consumo dos meios (Jenkins, 2004). Representa, ademais, a reconfiguração do poder da mídia, o redesenho da estética e da economia dos meios (Barbosa, 2008, p. 88).

Compreendendo a convergência jornalística como uma das sub convergências ora em desenvolvimento, a análise aqui realizada está em sintonia com os trabalhos de investigadores que a reconhecem como um processo (Henkins, 2004; Boczkowski, 2004, 2006; Lawson Borders, 2006; Domingo *et al*, 2007; Salaverría, García-Avilés, Masip, 2007; García-Avilés *et al*, 2007), e cujo conceito alude à integração de meios de comunicação tradicionalmente separados afetando a empresas, tecnologias, profissionais — e aos usuários — em todos os níveis de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo (Salaverría, García-Avilés, Masip, 2007:19; García-Avilés *et al*, 2007:02) (Barbosa, 2008, p. 88).

Primeiro, notou-se que Jenkins, Salaverría, García-Avilés e Masip são mobilizados por Barbosa, um exemplo que mostra a genética do conceito de convergência na área da Comunicação e Jornalismo, e legitima a divisão lógica estabelecida neste capítulo teórico que: 1) parte de Pool (Ciências Sociais); 2) passa por Jenkins (Comunicação); 3) e adentra a dimensão do Jornalismo. Outros exemplos, mostram que a autora também mobilizou Stephen Quinn, Roger Fidler, Mark Deuze, Machado, Palacios, Mielniczuk, Pavlik, Saad – autores/as que hora ou outra já foram operacionalizados pela presente dissertação, que segue a mesma genética de Barbosa, com seus traços específicos.

2.4.2 A Processualidade Teórica da Convergência na Europa

Em 2003, perto de completar 10 anos da primeira publicação científica de Salaverría, o autor publicou um ensaio inaugural para os estudos da convergência no Jornalismo, intitulado de “*Convergencia de los medios*” e publicado na *Revista Latinoamericana de Comunicación* (Chasqui), de Quito – um exemplo da relação do autor com a América Latina, relação que se estenderia aos autores/as do GJOL e outros grupos do Brasil. Neste ensaio, o autor procurou discutir que quando se estuda a evolução da *convergencia multimedia* nos meios de comunicação é comum encontrar trabalhos reducionista que partem somente da dimensão tecnológica dos processos de convergência (Salaverría, 2003).

Para Salaverría (2003), ao se estudar o jornalismo tendo como marco teórico a convergência é necessário considerar outros aspectos, por exemplo, o profissional, que se divide em quatro dimensões: 1) empresarial; 2) tecnológica; 3) profissional; 4) comunicativa.

1. Empresarial: “Essa dimensão inclui o estudo da dinâmica da multiplicação da mídia dentro de um grupo de comunicação, bem como as maneiras pelas quais essas mídias se coordenam entre si econômica e editorialmente” (Salaverría, 2003, p. 32, tradução nossa).³⁹
2. Tecnológica: “Adoção de sistemas de gerenciamento de conteúdo e a proliferação de novos dispositivos de recepção digital acrescentam uma segunda dimensão essencial, neste caso tecnológica, ao processo de hibridização” (Salaverría, 2003, p. 33, tradução nossa)⁴⁰.
3. Profissional: “agora é necessário trabalhar mais rápido (para oferecer novidades a partir da edição da Internet), conhecer novas técnicas de pesquisa para o uso de fontes digitais e dominar códigos textuais e audiovisuais para a produção de conteúdo multimídia” (Salaverría, 2003, p. 33, tradução nossa).⁴¹
4. Comunicativa: “até o advento da Internet, não havia nenhuma plataforma que possibilitasse a disseminação de mensagens jornalísticas combinando códigos textuais e audiovisuais e com a qual o usuário pudesse interagir. Nesse sentido, a revolução digital abriu novos horizontes para a expressão jornalística: ela impôs o desafio de criar uma nova retórica jornalística multimídia (Salaverría, 2003, p. 34, tradução nossa).⁴²

³⁹ “Esta dimensión comprende el estudio de las dinámicas de multiplicación de medios en el seno de un grupo de comunicación, así como los modos en los que esos medios se coordinan entre sí en lo económico y en lo editorial” (Salaverría, 2003, p. 32).

⁴⁰ “la adopción de los sistemas de gestión de contenidos y la proliferación de nuevos dispositivos receptores digitales añade una segunda dimensión esencial, en este caso tecnológica, en el proceso de hibridación entre medios” (Salaverría, 2003, p. 33).

⁴¹ “Los nuevos entornos profesionales han hecho que los periodistas, particularmente en los periódicos, vean cómo su trabajo se ha hecho más exigente: ahora es preciso trabajar más deprisa (para ofrecer avances informativos desde la edición en Internet), conocer nuevas técnicas de investigación para el uso de las fuentes digitales, y dominar los códigos tanto textuales como audiovisuales para la elaboración de contenidos multimedia” (Salaverría, 2003, p. 33).

⁴² “Hasta la llegada de Internet, no existía ninguna plataforma que permitiera difundir mensajes informativos en los que se combinaran códigos textuales y audiovisuales, y con los que, además, el usuario pudiera interactuar. La revolución digital ha abierto en este sentido nuevos horizontes a la expresión periodística: ha planteado el reto de crear una nueva retórica periodística multimedia” (Salaverría, 2003, p. 34).

Em síntese, a construção conceitual de Salaverría (2003) mostra que o autor entendia que a convergência, quando vista a partir da lente da atividade jornalística, afetava o processo de produção (empresarial, tecnológica, profissional), distribuição (empresarial, comunicativa, tecnológica) e consumo (comunicativa, tecnológica) de notícias.

Embora o autor tenha lançado essas ideias através de um ensaio, nota-se que suas propostas são baseadas em exemplos empíricos assentados na realidade e nem um pouco utópicos. Nos anos seguintes, Salaverría (2010) continuou desenvolvendo e sofisticando seus conceitos, se ancorando nesta primeira perspectiva lançada em 2003, sozinho e em parcerias de pesquisa (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010).

Salaverría, García-Avilés e Masip são contemporâneos e desenvolveram diferentes pesquisas juntos no decorrer dos últimos 20 anos. Em 2010, os três autores publicaram um artigo no livro “*Convergencia digital*” no qual trouxeram a definição conceitual de convergência jornalística de 2007 citada acima. Desde então, esse tem sido um dos artigos mais citados para definir o conceito de convergência jornalística no Brasil (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), muito pela visão crítica que ele tem com a conceituação da convergência – o criticismo dos autores inspirou a problemática desta dissertação. Também porque ele oferece uma síntese do que seria o processo de convergência jornalística e avança do tom ensaístico do texto de 2003. Ou seja, ao comparar a definição de 2003 e 2007, há uma diferença, mesmo sendo publicadas em datas parecidas, isso porque os estudos avançaram neste intervalo de tempo.

Salaverría possui graduação e doutorado em Jornalismo pela Universidade de Navarra (Unav), na Espanha. É professor titular da Faculdade de Comunicação da Unav (Costa, 2014), e desde 2024, é membro da Academia Europeia (MAE). Suas pesquisas se concentram no jornalismo digital e seus efeitos na profissão, fenômeno que Salaverría estuda desde os anos 1990, e na desinformação, que é tema de suas pesquisas mais recentes.⁴³

García-Avilés é jornalista e professor de Jornalismo na Universidade Miguel Hernández, em Elche. Possui doutorado em Comunicação e bacharelado em Jornalismo pela Universidade de Navarra, além de bacharelado em Artes Liberais pela Universidade de Dublin. Foi professor visitante na Escola de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade de Columbia (Nova York), na Universidade de Sheffield (Reino Unido) e na Universidade de Klagenfurt (Áustria). É professor do programa de doutorado em Ciências Sociais e Jurídicas (UMH) e do programa de mestrado em Inovação em Jornalismo (UMH) (Grupo de Investigación GICOV, 2025. p. 1).

⁴³ Disponível em: <https://www.salaverria.es/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

Pere Masip é licenciado em Geografia e História (1986-1991) e bacharel em Biblioteconomia e Documentação (1987-1990) pela Universitat de Barcelona, mestre em Comunicação Social (1999) e doutor em Jornalismo pela Universitat Ramon Llull (2007), em Barcelona.⁴⁴ É professor sênior da Faculdade de Comunicação Blanquerna da Llull e lidera o grupo de pesquisa Digilab. Seus interesses são o jornalismo on-line e o impacto das tecnologias digitais no jornalismo.⁴⁵

Para concluir este tópico e o capítulo como um todo é citada uma periodização dos estudos da convergência no jornalismo. Salaverría, García-Avilés e Masip (2010) versam que em sua história de três décadas (1980-2010), a teoria da convergência no jornalismo passou por uma evolução que pode ser dividida em três principais escolas de pensamento:

1. Convergência como produto: designa o processo de digitalização, “sem considerar suas possíveis implicações em áreas relacionadas, como a configuração dos negócios ou o perfil dos jornalistas. [...] uma visão relativamente reducionista com ressonâncias de determinismo tecnológico” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 45, tradução nossa).⁴⁶
2. Convergência como sistema: “Essa visão resulta em uma visão poliédrica da convergência, em que diferentes esferas se interconectam e influenciam umas às outras” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 45-46, tradução nossa).⁴⁷
3. Convergência como processo: “além de assumirem o caráter sistêmico da convergência, interpretam-na como um processo longitudinal, composto por vários estágios que visam à integração” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 47, tradução nossa).⁴⁸

⁴⁴ Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/pere-masip-masip-49255345/details/education/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Pere-Masip>. Acesso em: 21 jul. 2025.

⁴⁶ “sin contemplar sus eventuales implicaciones en ámbitos aledaños, como la configuración empresarial o el perfil de los periodistas. [...] una visión relativamente reduccionista y con resonancias de determinismo tecnológico” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 45).

⁴⁷ “Esta visión da como resultado una visión poliédrica de la convergencia, donde diversas esferas se interconectan y se influyen mutuamente” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 45-46).

⁴⁸ “además de asumir el carácter sistémico de la convergencia, la interpretan como un proceso longitudinal, constituido por diversas etapas que tienen como meta la integración” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 47).

Em conclusão, assim como os demais autores/as trabalhados neste capítulo, Barbosa, Salaverría, García-Avilés e Masip são prestigiados na comunidade científica internacional do Jornalismo. Os espanhóis e a brasileira têm diversas publicações acadêmicas sobre a convergência e outros temas. O que qualifica e legitima o trabalho dos autores/a é a amplitude e aderência de suas pesquisas e ideias.

Isso não significa que só porque um autor/a é mais citado ele é o melhor em tal assunto, mas sim que os seus pares de pesquisa legitimam suas ideias, criticamente e com parcimônia. Ao longo das décadas de 2000 e 2010, a preocupação em esclarecer conceitualmente o cenário de convergência foi um dos temas dos estudos dos autores/a. Com esse esforço contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas brasileiras e estrangeiras, visto que é possível verificá-los em diversas referências bibliográficas de teses, dissertações e artigos. Ou seja, o acúmulo de produção científica dos autores/a tem sido útil às pesquisas do Jornalismo.

Mais uma vez cita-se que no universo de pesquisa da convergência seja no Jornalismo ou Comunicação há uma infinidade de referências bibliográficas precedentes que não caberia abordar no tempo de produção de uma dissertação (dois anos). De qualquer forma, recomenda-se a leitura dos textos originais abordados neste capítulo teórico (Pool, 1983; Barbosa, 2008; Jenkins, 2009; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), inclusive, indica-se que se faça um passeio pelas referências bibliográficas deste artigos e livro caso o interesse seja conhecer as vertentes teóricas de pesquisa da convergência.

3 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa se estrutura em dois tópicos. Primeiro, discute-se a base teórico-metodológica que sustenta o trabalho no tópico *Pesquisa da Pesquisa*. Olha-se para pesquisadores/as que utilizaram das estratégias metodológicas da Pesquisa da Pesquisa (Lopes, 1988; Silva, 1989, 2019; Maldonado *et al.*, 2011; Pontes, 2009; Almeida, 2018) para desenvolver suas investigações, ao mesmo tempo em que desenvolviam suas próprias orientações sobre tais estratégias, devolvidas como insumo para o arcabouço teórico da Pesquisa da Pesquisa. A Pesquisa da Pesquisa como estratégia metodológica oferece chaves para mapear movimentos de utilização de conceitos (Pontes, 2009), portanto, ela é útil para cumprir com o objetivo geral da dissertação: compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. Não é uma simples revisão bibliográfica, trata-se de estratégia metodológica que vai além de catalogar textos, atendendo ao interesse de demonstrar como diferentes pesquisadores/as organizam seus conceitos, de modo que seja possível “notar como o jornalismo é encarado enquanto objeto de pesquisa” (Pontes, 2009, p. 177). Portanto, é uma pesquisa básica e teórica, pois avalia conceitos e construções teóricas. Na seção seguinte *Filtrando Teses e Dissertações*, descreve-se o processo de categorização dos trabalhos a partir do conceito de convergência e as escolhas feitas para selecionar as dissertações e teses que compõem o *corpus* empírico analisado – este movimento cumpre o segundo objetivo específico da dissertação.

3.1 PESQUISA DA PESQUISA

A pesquisadora pioneira a realizar uma revisão sistematizada de teses e dissertações brasileiras em Comunicação é Gislene da Silva (Almeida, 2018), em 1989, tendo como objeto empírico a Comunicação Rural.⁴⁹ O feito ocorreu por meio da Pesquisa da Pesquisa, uma abordagem “que estuda como um campo de conhecimento científico vai sendo esculpido pelo gesto teórico-metodológico de cada produção acadêmica em particular” (Silva, 2019, p. 7). Seu trabalho foi inspirado na tese de doutorado em Ciências da Comunicação, defendida em 1988, por Maria Immacolata V. de Lopes, na ECA-USP, um ano antes da defesa de Silva. O modelo elaborado por Silva (2019), que contempla momento das opções, atualização e teorização, é baseado no modelo de Lopes (1988) – Anexo D.

⁴⁹ Silva defendeu a dissertação *Do detalhe ao Talhe: dissertações-teses em Comunicação Rural; uma revisão 1978-1988*, com orientação do Dr. Wilson da C. Bueno, em 1989, na Universidade Metodista de São Paulo.

Anos depois, Maldonado *et al.* (2011) cunhou o termo Pesquisa da Pesquisa em suas investigações acadêmicas e científicas, que percorrem caminhos semelhantes aos de Silva (1989; 2019) e Lopes (1988; 2001). A dissertação segue a mesma metodologia empregada pelos pesquisadores/as. Observa-se, pelo menos nos últimos 30 anos, um crescimento de pesquisas preocupadas com a revisão reflexiva acerca da produção de conhecimento científico, assim como é feito nesta dissertação, visto “a validade agora [2019], do estudo metodológico empreendido naquele momento [1989]” (Silva, 2019, p. 15). É válido aplicar essa tendência no objeto de estudo desta dissertação pois, atualmente, as modificações do jornalismo são voláteis, assim como os conceitos, por isso demandam acompanhamento e revisão.

A Pesquisa da Pesquisa, ancorada em outras técnicas metodológicas, oferece chaves para investigar o desenvolvimento do campo científico que abriga as pesquisas da área. Há exemplos desse modelo de pesquisa no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, cada um com suas motivações e objetivos gerais e específicos, mas ambos focados em teses e dissertações. Pontes (2009), então mestrando da primeira turma do PPGJor-UFSC, entre 2007 e 2009, buscou nas teses brasileiras em história do jornalismo de programas de pós-graduação em Comunicação, as estratégias teóricas e metodológicas utilizadas para unir história e jornalismo. Dez anos após Pontes (2009), Almeida (2018) investigou a mulher na pesquisa em jornalismo, nas teses e dissertações de programas de pós-graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil, entre 1972 e 2015,⁵⁰ durante a sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UEPG.

A fim de corroborar com essas investigações acima, que se baseiam na Pesquisa da Pesquisa e que têm como objeto dissertações e teses, tenta-se entender quais apropriações teóricas acerca do conceito de convergência são feitas pelos pesquisadores/as do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. Esse movimento é importante, na medida em que possibilita investigar quais escolhas teóricas foram feitas pelos produtores das teses e dissertações analisadas aqui ao estudarem seus objetos empíricos ancorados nas discussões teóricas da convergência. “Nesse aspecto, o exercício é crítico, uma vez que [...] opções teórico-metodológicas incidem no conceito de jornalismo” (Pontes, 2009, p. 178), que cruza-se com outras conceituações oriundas de diferentes linhas e áreas de pesquisa.

⁵⁰ Felipe Simão Pontes foi orientando de Gislene Silva no Mestrado em Jornalismo da UFSC, entre 2008 e 2009. Gabriela Almeida foi orientada por Felipe Pontes, em 2018, quando era mestranda na UEPG.

Por exemplo, o conceito de convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010) é uma articulação conceitual entre produção noticiosa e convergência. Porém, não é o único usado para se referenciar a este processo; há outros, como a convergência de redações. Ou seja, às vezes um conceito explica um processo, às vezes outro, o que pode causar confusão conceitual com as diversas conceituações vindas da convergência, como mencionado na *Introdução*. Acontece que na maioria das vezes, mesmo quando há uma definição objetiva por parte do autor/a, também há uma disparidade de critérios, e frente à disparidade das definições existe, ao contrário, um acentuado consenso na hora de selecionar o termo que as designa: convergência (Salaverria, García-Avilés e Masip, 2010). Conscientes do problema terminológico, autores propõem outros termos: “cooperação, coexistência, coordenação, fusão, confluência, como formas de concretizar modalidades específicas ou estágios da convergência, entendida como um processo” (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010, p. 43-44). Nisto há grandes chances de se confundir a especificidade do objeto de estudo do Jornalismo, e de seus conceitos, em meio às disparidades conceituais.

Por isso, novamente, afirma-se que a proposta da dissertação é importante, pois ajuda no processo de legitimação do Jornalismo. Uma profissão e uma área de pesquisa precisam de conceitos que ajudem a justificar sua importância social e explicar cientificamente seus processos e especialidades. Uma das motivações de Silva (1989) era problematizar a despreocupação com a especificidade da Comunicação nas análises sociológicas, que tinha implicações profundas. A despreocupação reflete a carência de um quadro teórico adequado “que permita tratar a comunicação no nível em que se põe e, a partir desse nível [...] propicie a formulação de inferências sociologicamente relevantes” (Silva, 2019, p. 18).

Adota-se a preocupação de Silva (1989), olhando o Jornalismo, a partir da noção de que o campo jornalístico possui seus princípios de prática, assim, seus conceitos devem ser estreitos a tais propriedades, pois, o que interessa ao campo são as especificidades da prática jornalística. Desse modo, as conceituações ligadas à produção jornalística sendo flexionadas pelo componente tecnológico precisam de exercício crítico e revisão conceitual para sofisticar os estudos da área, assim como é proposto nesta dissertação. Assim, afirma-se que “não nos interessa diretamente [...] [o jornalismo] enquanto dimensão genérica da sociedade, mas sim a análise de uma manifestação historicamente específica desse processo” (Silva, 2019, p. 18). Porém, esta exigência não se limita ao uso da teoria para analisar uma interface física, que fazendo uma pesquisa empírica se estaria salvo do descolamento da realidade. Pode indicar também, que até ensaios e trabalhos teóricos/bibliográficos devem estar atentos ao mundo empírico do objeto de estudo.

3.2 FILTRANDO TESES E DISSERTAÇÕES

O caminho inicial para a definição do objeto de estudo consistiu em decidir qual conceito seria analisado dentre os diversos utilizados para abordar as mudanças no jornalismo nos últimos 30 anos, como webjornalismo, ciberjornalismo e jornalismo convergente (Anexo B). Optou-se por analisar exclusivamente definições de conceitos oriundos do radical *converg.* Assim, tanto no capítulo teórico desta dissertação quanto na análise, o foco concentrou-se na discussão teórica de conceitos derivados exclusivamente da convergência.

Para a seleção das dissertações e teses, realizou-se a leitura dos metadados das pesquisas, incluindo título, resumo, palavras-chave e sumário de todos os trabalhos disponíveis nos sites dos programas. Buscou-se conhecer as pesquisas desenvolvidas pelos programas, observando os objetos empíricos, os contextos abordados, as problemáticas e os objetivos das investigações, a partir desses elementos introdutórios dos textos.

Esse primeiro contato foi orientado para a identificação dos elementos centrais de cada pesquisa, guiado por um propósito definido, pois, conforme Galliano (1979), o leitor deve compreender, avaliar, discutir e aplicar o que lê. Para isso, tornaram-se necessárias camadas de seleção capazes de filtrar e qualificar a leitura do objeto empírico final, bem como de organizar as categorias de análise, em um processo “que requer atenção especial, profunda concentração mental e que é realizada por necessidade de saber” (Galliano, 1979, p. 71-73). Por esse motivo, a etapa de seleção foi extensa e se prolongou por quase dois anos.

O primeiro critério estabelecido, após essa de leitura, foi: 1) analisar apenas as dissertações defendidas entre 2009 e 2023, e as teses defendidas entre 2017 e 2023, do PPGJor-UFSC, e as dissertações defendidas entre 2015 e 2023 no PPGJor-UEPG. Tal delimitação justificou-se pelo fato de que, quando o autor da dissertação ingressou no mestrado (março de 2023), as dissertações e teses previstas para defesa em 2024 e 2025 ainda estavam em produção, enquanto as defendidas em 2023 encontravam-se em tempo hábil para análise.

O segundo critério consistiu em: 2) aplicar uma revisão bibliométrica às 168 dissertações (2009-2023) e às 37 teses⁵¹ (2017-2023) do PPGJor-UFSC e 56 dissertações (2015-2023) do PPGJor-UEPG, utilizando como palavra indexadora o radical *converg.*

⁵¹ Marcionize Bavaresco e Suelyn da Luz aparecem no site do PPGJor-UFSC na lista de teses defendidas em 2023, porém as teses foram publicadas no site depois da coleta feita aqui. Provavelmente, as teses estavam em processo de correção após a banca de defesa e foram publicadas em 2025.

[As dissertações foram] abertas uma a uma e na ferramenta CTRL+F do *notebook*, que permite localizar determinada palavra no documento digital, digita-se a palavra *converg*. A intenção era ter como resultado palavras derivadas do radical *converg*, como *convergência*, *convergente*, *convergem* e nomenclaturas em língua estrangeira (Santos; Rocha; André, 2023, p. 8).

As dissertações e teses que deram resultados a partir da pesquisa da palavra *converg* passaram por um segundo momento, a avaliação de como o termo foi usado. Os trabalhos foram separados em três categorias: 1) dissertações que citam o conceito de convergência; 2) dissertações que não citam o conceito de convergência; 3) dissertações que não citam a convergência mas dão pistas sobre a temática.⁵² O uso da palavra convergência no senso comum incluiu os trabalhos na segunda categoria. Interessa para a dissertação os trabalhos da primeira categoria. De 56 dissertações da UEPG, e 168 da UFSC, 22 e 64 citam a convergência. De 21 teses da UFSC, 14 citam.

O terceiro critério estabeleceu que: 3) só foram analisados os trabalhos que traziam o conceito na discussão teórica. Isso porque o objetivo geral da dissertação é compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG – e não metodologicamente e/ou analiticamente. Então, no terceiro passo foram identificados os trabalhos que usaram o conceito na seção de referencial ou discussão teórica. Diferente da primeira etapa, que observou título, palavras-chave, resumos e sumários, a terceira olhou somente para a introdução e sumário dos trabalhos que citam a convergência, selecionados na segunda etapa. Isso foi feito para identificar quais eram os capítulos contextuais, teóricos, metodológicos e analíticos, a partir do sumário e/ou da descrição dos capítulos feita pelo próprio autor ou autora na introdução. As dissertações e teses que traziam o conceito na introdução, capítulo metodológico ou analítico foram retiradas do *corpus* final.

De 64 dissertações da UFSC e 22 da UEPG que citam a convergência, 48 e 14 citam no capítulo teórico. Às 14 teses da UFSC que citam a convergência não receberam o terceiro filtro, pois foram selecionadas a partir do quarto critério.

O quarto critério definiu que dos trabalhos que citam no referencial, interessavam para a análise os que foram orientados pelos professores/as da UFSC que participaram da Linha 2 focada em tecnologia, até 2012, ou após a mudança da linha, ou participaram dos grupos presentes na linha 2, GIPTele, Hipermídia e Linguagem, Genajor e Girafa: Cárlica Emerim, Fabiana Piccinin, Raquel Longhi, Rita Paulino, Stefanie Carlan, Tattiana Teixeira, Valci Zuculoto, Antônio Brasil, Elias Machado e Eduardo Meditsch.

⁵² Esta etapa gerou um artigo com resultados parciais apresentado no GP Teorias do Jornalismo no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na PUC-Minas, Belo Horizonte-MG. Disponível em: sistemas.intercom.org.br.

Na UEPG, escolheram-se as dissertações que foram orientadas por professores/as que participam da Linha 1 – Processos de Produção Jornalística, a qual abarca os grupos de pesquisa Lógicas, GEMIDI e O Conhecimento no Jornalismo; visto que a linha 2, na UEPG, é focada em política, cultura e jornalismo com perspectiva de gênero. A Linha 1 da UEPG compreende os seguintes docentes: Cintia Xavier, Graziela Bianchi, Maria Lúcia Becker, Paula Melani Rocha, Felipe Pontes, Ivan Bomfim, Marcelo Bronosky e Rafael Schoenherr. Na UFSC e UEPG esses são os grupos com maior aderência à convergência; os docentes citados são os que mais orientaram dissertações que citam a convergência no referencial.

Após a aplicação do quarto critério o resultado foi: de 48 dissertações da UFSC e 14 da UEPG que citam a convergência no referencial teórico, 40 e 10, respectivamente, foram orientadas por alguns dos docentes do quarto critério. Das 14 teses da UFSC que citam a convergência, todas foram orientadas pelos docentes citados no quarto critério.

O quinto critério definiu que: 5) só foram analisadas as dissertações e teses que nomeiam o título de um capítulo ou tópico teórico com o radical *converg* – uma maneira de confirmar que o foco do autor ou autora da dissertação, naquele trecho teórico específico, era discutir a convergência. Visto que o objetivo geral aqui é compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente nos trabalhos da UFSC e UEPG.

Tal critério foi estabelecido de acordo com a Pesquisa da Pesquisa: atentar para o percurso que cada investigador e investigadora realiza para construir o referencial teórico e problematizar os paradigmas e modelos teóricos, “explicitando-os na sua configuração interna [análise dos referenciais] [...] e vinculando-os às suas fontes de conhecimento precedentes e contemporâneas” (Pontes, 2009, p. 177). Com esse critério, o *corpus* ficou composto por 3 dissertações da UEPG e 16 dissertações e 2 teses da UFSC.

Após selecionados os trechos teóricos a serem analisados das 2 teses e 19 dissertações, os documentos foram impressos em papel A4. Leu-se cada um dos trechos e os conceitos relacionados à convergência que eram fundamentos em autores ou autoras foram grifados em vermelho com caneta acrílica. As citações do radical *converg* que eram autorais (citação de artigos dos próprios pesquisadores) foram desconsideradas. Quando o conceito usado era de algum autor ou autora brasileira foi grifado em verde e quando era estrangeiro foi grifado em rosa. Os conceitos foram sistematizados em uma planilha CSV (Figura 6).

Figura 6 – Dados das três dissertações selecionadas no PPGJor-UEPG (exemplo).

IES	TESE/DISSERTAÇÃO	AUTOR/A	CONCEITO	REFERÊNCIA	usa o radical "jor", "jour" e/ou "redaç", "news"
PPGJor-UEPG	Dissertação	Sabino (2019)	convergência	Tárcia (2015)	
			cultura da convergência	Jenkins (2006)	
			convergência	Salaverría e Negredo (2008)	
			convergência	Salaverría (2010)	
			convergência jornalística	Agnez (2011)	

Fonte: Autor (2025).

O sexto critério definiu que: 6) só foram analisadas as dissertações e teses que apresentaram definições de conceitos de convergência compostos pelos radicais *jor*, *jour*, *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news*. Esses conceitos foram identificados em vermelho na planilha e foram os únicos abordados na análise (ex. convergência jornalística). Ou seja, se uma tese ou dissertação não citou nenhum conceito com os radicais *jor*, *jour*, *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news*, foi excluída do *corpus* empírico final.

Muitos autores/as citados nas teses e dissertações analisadas são importantes para as discussões teóricas sobre convergência. Porém na presente análise focou-se nos trechos que conceituam a convergência. Acontece que tais autores/as importantes podem ter sido citados nos trabalhos analisados mas o trecho não correspondia à definição de convergência. Por exemplo, se um autor de uma dissertação citou Salaverría 50 vezes e nenhuma das citações apresentou o radical *converg* e a definição do conceito, não foi considerado tal trecho na análise, mesmo que Salaverría seja um dos principais pesquisadores internacionais que conceitua a convergência jornalística. Estabeleceu-se esse critério, pois o objetivo é traçar o quadro teórico dos conceitos específicos do Jornalismo. Muitos intelectuais conceituam o jornalismo em um ambiente de convergência usando conceitos gerais (ex. convergência midiática, convergência de linguagens), e não há problema nisso, pois esses conceitos também devem ser usados para explicar como os processos comunicacionais se atravessam com o jornalismo. Na análise se faz o esforço de estreitar o quadro teórico para o que é próprio do Jornalismo, a fim de cumprir com o terceiro e último objetivo específico que busca traçar o quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo nos trabalhos selecionadas nos únicos programas públicos de pós-graduação acadêmica *stricto sensu* em Jornalismo do Brasil, PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG.

Após isso, verificou-se se os conceitos – compostos pelos radicais *jor*, *jour*, *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news* – estavam referenciados corretamente. Algumas dissertações e teses citavam tais conceitos no corpo do texto dos tópicos teóricos analisados, ancoradas em autores/as, porém eles não apareciam nas referências bibliográficas. Essas citações foram desconsideradas pela análise pois são falhas no processo de produção das teses e dissertações analisadas.

Por exemplo, o autor ou autora até escolheu tais referências para montar seu quadro teórico no “momento das opções” (Silva, 2019), no entanto, no momento da “atualização” e “teorização” (Silva, 2019) não recolheu sua bibliografia corretamente e esqueceu de listar a referência no seu conjunto de bibliografias, o que não consoma o seu quadro teórico por completo, pois a citação está sem referência, portanto, não é fidedigna. Embora pareça um erro ingênuo, a ciência exige isto.

O *corpus* empírico final é composto por 6 dissertações (Weber, 2011; Flores, 2012; Silva, 2013; Sousa, 2013; Bertolini, 2014; Thibes, 2014;) e 1 tese do PPGJor-UFSC (Lenzi, 2017) orientadas por docentes da Linha 2 e 2 dissertações do PPGJor-UEPG (Sabino, 2019; Lucena, 2020) orientadas por docentes da Linha 1. Todos os trabalhos citam nos capítulos teóricos (que trazem no título palavras com o radical *converg*) definições de conceitos de convergência compostos pelos radicais *jor*, *jour*, *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news*.

Foram analisadas algumas estruturas dos trabalhos a partir do seguinte roteiro: 1) qual foi a apropriação teórica (qual conceito foi usado) e em qual trecho; 2) qual era o objetivo e objeto e/ou problema; 3) quais são as características específicas do trabalho 4) no que o autor ou autora avança a partir da apropriação teórica da convergência que fez em seu trecho teórico; 5) quais discussões analíticas e tensionamentos críticos sobre a apropriação teórica feita podem ser elaborados pela presente dissertação?

4 QUADRO TEÓRICO DA CONVERGÊNCIA

As 6 dissertações (Weber, 2011; Flores, 2012; Silva, 2013; Sousa, 2013; Bertolini, 2014; Thibes, 2014) e 1 tese do PPGJor-UFSC (Lenzi, 2017) e as 2 dissertações do PPGJor-UEPG (Sabino, 2019; Lucena, 2020) analisadas aqui apresentam as seguintes características (Quadro 9). Quando o/a discente não participou de nenhum grupo no PPG considerou-se o grupo que o orientador/a participa (*), houve casos em que ambos participaram do mesmo grupo (**).

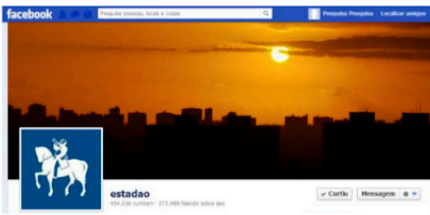
Quadro 9 - Características dos trabalhos analisados.

Autor(a) (ano) Orientador(a)	Título	Grupos de pesquisa	Trecho com <i>converg</i>	Radicais <i>jor, jour, periodis</i> elou <i>redac, redaç e news</i>
Weber (2011) Raquel Longhi	Formatos hipermidiáticos e redes sociais: apropriações em três webjornais de referência	Hipermídia e Linguagem-UFSC**	Fazer jornalismo no cenário da convergência	convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010)
Flores (2012) Raquel Longhi	Apropriações do Twitter pelo jornalismo de moda no Brasil	Hipermídia e Linguagem-UFSC**	Jornalismo contemporâneo, um cenário convergente ; Jornalismo convergente	convergência jornalística (Salaverria; Negredo, 2008) convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006)
Sousa (2013) Raquel Longhi	A dinâmica da notícia nas redes sociais na internet	Hipermídia e Linguagem-UFSC**	O jornalismo no contexto da convergência	convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010) convergência jornalística (Barbosa, 2009) jornalismo convergente (Kolodzy, 2006) jornalismo convergente (Wilkinson; Grant; Fisher, 2009)
Silva (2013) Raquel Longhi	A reconfiguração da leitura na webnotícia: aspectos sociocognitivos e culturais	Hipermídia e Linguagem-UFSC*	Convergência Digital , Inteligência Coletiva e Interatividade	convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010)
Thibes (2014) Eduardo Meditsch	A produção jornalística em webrádios públicas catarinenses: os casos da rádio AL e da Rádio Ponto	Girafa-UFSC*	As webrádios no contexto da convergência ; Convergência jornalística	convergência jornalística (Barbosa, 2008)
Bertolini (2014) Raquel Longhi Rita Paulino	O Título Jornalístico Na Internet	Hipermídia e Linguagem-UFSC**	Mídia múltipla e convergente	convergência jornalística (Barbosa, 2009) convergência jornalística (Scolari, 2008)
Lenzi (2017) Raquel Longhi	Inversão de papel: prioridade ao digital como um novo ciclo de inovação para jornais de origem impressa	Hipermídia e Linguagem-UFSC**	A convergência como desafio moderno	convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009) convergência de redações (García-Avilés <i>et al.</i> 2009; 2014)
Sabino (2019) Marcelo Bronosky	As mídias sociais no contexto das rotinas produtivas: tensões, dinâmicas e critérios de noticiabilidade na redação do Jornal Gauchazh	Gemidi Lógicas*	Redações jornalísticas em convergência	convergência jornalística (Salaverria, 2003)
Lucena (2020) Cintia Xavier Ivan Bomfim	O uso das métricas de audiência no webjornalismo do Amapá: um estudo sobre a redação virtual do site SelesNafes.com	Gemidi** (Bomfim) Lógicas* (Xavier)	Novos formatos de produção no processo de convergência jornalística	convergência jornalística (Salaverria, 2009)

Fonte: Autor (2025).

Os objetos empíricos da tese e dissertações analisadas estão expostos no Figura 7.

Figura 7 – Objetos empíricos da teses e das dissertações analisadas.

2011	Sites jornalísticos (Weber, 2011)    Clarín.com, Argentina. NYTimes.com, EUA. FinancialTimes.com, Reino Unido.
2012	Perfis de jornalismo no Twitter (Flores, 2012)  Chic.com.br @sitechic São Paulo Site especializado, Brasil.  Vogue Brasil @VogueBRoficial São Paulo Revista impressa, Brasil.  Jorge Wakabara @wakabara São Paulo Editor-chefe Lilian Pacce, Brasil.  Ela @CadermoEla Rio de Janeiro Caderno Ela/O Globo, Brasil.  Jana Rosa @janessacamargo São Paulo Repórter Perua MTV Brasil.  Iesa Rodrigues @iesarodrigues São Paulo Editora de moda do Jornal do Brasil  Susana Barbosa @SusanaBarbosa São Paulo - Brasil Editora de moda da revista Elle Brasil.  GNT Fashion @gntfashion São Paulo Programa de TV, Grupo Globo, Brasil.
2013	Postagens do Twitter e Facebook (Sousa, 2013)   Perfil do Twitter (X) do jornal Estadão, Brasil. Perfil do Facebook do jornal Estadão, Brasil. Processo de leitura de notícias no contexto digital (Silva, 2013)  Imagem gerada com uso de Inteligência Artificial (Magic Media, Canva).
2014	Títulos jornalísticos na versão impressa e digital (Bertolini, 2014)   Site do jornal Folha de S. Paulo, Brasil. RadioAL, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Brasil. Rádio Ponto, Curso de Jornalismo da UFSC, Brasil.

2017

Gestores de empresas jornalísticas (Lenzi, 2017)

EL PAÍS*El País*, Espanha.**GAZETA DO POVO**

Gazeta do Povo, Brasil.

FOLHA DE S. PAULO
★ ★ ★

Folha de S. Paulo, Brasil.

EL MUNDO*El Mundo*, Espanha.

Zero Hora, Brasil.



O Estado de S. Paulo, Brasil.

Clarín*Clarín*, Argentina.

O Globo, Brasil.

2019

Site jornalístico (Sabino, 2019)



Zero Hora, Brasil.

2020

Site jornalístico (Lucena, 2020)

SelesNafes.com
sempre conectado

SelesNafes.com, Brasil.

Fonte: Autor (2025).

Os objetos empíricos analisados são da América Latina (Brasil, Argentina), Europa (Espanha, Reino Unido) e América do Norte (Estados Unidos). Este dado vai ao encontro de outro: os quadros teóricos ancorados nos conceitos da convergência específicos do Jornalismo são formados em sua maioria a partir de autores/as da Europa (José García-Avilés, Pere Masip, Ramón Salaverría, Samuel Negredo, Klaus Meier, Andy Kaltenbrunner), América do Norte (August Grant, Douglas Fisher, Janet Kolodzy, Jeffrey Wilkinson) e América Latina (Suzana Barbosa).

Interpreta-se que os conceitos de convergência foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG, de um modo, em que os produtores/as das dissertações e tese analisadas observaram seus objetos empíricos usando autores/as das mesmas regiões geográficas de origem dos objetos empíricos analisados. Ou seja, conceitos carregam em sua genética e processo construtivo certas características, no caso do exemplo citado, a partir de uma dimensão geográfica – como foi previamente discutido no tópico *Pesquisa brasileira especializada no Jornalismo Digital*.

Como já mencionado, entende-se que muitos autores/as citados nas teses e dissertações analisadas são importantes para discussões teóricas sobre convergência, porém nesta análise focou-se nos trechos que definem conceitos da convergência específicos do Jornalismo. Tais autores/as podem ter sido citados nos trabalhos analisados, mas o trecho não trazia nenhuma definição conceitual. Partindo disto, constatou-se que os quadros teóricos dos trabalhos analisados vão além de conceituações gerais (ex. convergência tecnológica, convergência de mídia) e se apropriam de conceitos específicos do Jornalismo, como os mapeados aqui: convergência jornalística, convergência no jornalismo, jornalismo convergente, convergência de redações.

Conceitos gerais são todos aqueles que explicam o processo de convergência como um todo (importação de conceitos de outras disciplinas) e também, mas não somente, a partir das especificidades do Jornalismo, por exemplo, convergência tecnológica, convergência midiática, convergência de conteúdos, convergência de linguagens. Conceitos específicos do Jornalismo são todos aqueles que conceituam o processo de convergência a partir das particularidades e padrões do jornalismo (ex. convergência jornalística, convergência no jornalismo, jornalismo convergente, redação convergente, convergência de/das redações). Assim, a convergência é o conceito guarda-chuva que abriga as diversas ramificações dos conceitos específicos do Jornalismo. A Figura 8 sistematiza conceitos gerais, conceitos sem definição e conceitos específicos do Jornalismo com definição (colorido), que foram citados nos trechos dos trabalhos de análise.

Figura 8 – Quadro teórico da convergência dos trabalhos analisados no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG (conceitos gerais/conceitos específicos do Jornalismo).

2011

Weber (2011)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Salaverría; García Avilés; Masip, 2010)

convergência (Bolter; Grusin, 2000; Gordon, 2003; Jenkins, 2008; García-Avilés *et al.*, 2010)
cultura da convergência (Jenkins, 2008)
convergência de meios (Scolari, 2008)

2012

Flores (2012)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Salaverría; Negredo, 2008)

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO (Kolodzy, 2006)

convergência (Jenkins, 2009)
cultura da convergência (Jenkins, 2009)
convergência jornalística (Bardoel; Deuze, 2001; Gordon, 2003;
Machado; Palacios, 2003; Quinn, 2005; Saad, 2008; Díaz Noci; Palacios, 2009)

2013

Sousa (2013)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Barbosa, 2009; Salaverría; García Avilés; Masip, 2010)

JORNALISMO CONVERGENTE (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009)

convergência (Jenkins, 2009; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010; Primo, 2013)
convergência tecnológica (Salaverría, 2010)
convergência empresarial (Salaverría, 2010)
convergência profissional (Salaverría, 2010)
convergência de conteúdo (Salaverría, 2010)

Silva (2013)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Salaverría; García Avilés; Masip, 2010)

cultura da convergência (Jenkins, 2008)
convergência midiática (Jenkins, 2008)

2014

Bertolini (2014)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi e Rita Paulino
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Scolari, 2008; Barbosa, 2009)

convergência tecnológica (Kolodzy, 2006; Salaverría, 2010)
convergência empresarial (Salaverría, 2010)
convergência profissional (Salaverría, 2010)
convergência (Kolodzy, 2006; Erdal, 2009)
convergência de mídias (Kolodzy, 2006)
convergência de conteúdo (Kolodzy, 2006)
cultura da convergência (Jenkins, 2006)

Thibes (2014)
Orientador: Eduardo Meditsch
Girafa

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Barbosa, 2008)

convergência tecnológica (Kochhmann; Freire; Lopes, 2011; Barbosa, 2013)
convergência (Costa, 2008; Salaverría; García Avilés, 2008)
convergência jornalística (Salaverría; García-Avilés, 2008)
convergência empresarial (Salaverría; García-Avilés, 2008)
convergência profissional (Salaverría; García-Avilés, 2008)
convergência de conteúdo (Salaverría; García-Avilés, 2008)
convergência estrutural (Barbosa, 2008)

2017

Lenzi (2017)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hipermissão e Linguagem

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO (Kolodzy, 2009)

CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES (García-Avilés; Carvajal; Kaltenbrunner; Kraus; Meier, 2009; García-Avilés; Kaltenbrunner; Meier, 2014)

cultura da convergência (Jenkins, 2009)
convergência física (Deuze, 2004; 2007; 2009)
convergência de identidade (Deuze, 2004; 2007; 2009)
convergência da experiência (Deuze, 2004; 2007; 2009)
convergência midiática (Deuze, 2007)
convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009)
convergência de linguagens (Salaverría, 2016)
redações convergentes (Salaverría, 2016)
convergência operacional/de operações (Saad, 2003)
convergência das redações (Negredo; Salaverría, 2009; García Avilés *et al.*, 2009; 2014; Serva, 2014)
convergência jornalística (García Avilés, 2006)
convergência da mídia (Jin, 2013)
de-convergence (Jin, 2013)
convergência cultural (Deuze, 2004; 2007; 2017)
convergência tecnológica (Deuze, 2004; 2007; 2017)
convergência (Saad, 2003; Salaverría, 2003; 2008; 2016; Deuze, 2004; 2007; 2009; 2017; Kolodzy, 2006;
Kischinhevsky, 2009; Jenkins, 2009; Negredo; Salaverría, 2009; Doyle, 2013; Menke *et al.*, 2016)

2019

Sabino (2019)
Orientador: Marcelo Engel Bronosky
Gemidi e Lógicas

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Salaverría, 2003, *apud* Agnez, 2011)

convergência (Tárcia, 2015)
cultura da convergência (Jenkins, 2006)
convergência (Salaverría; Negredo, 2008)
convergência (Salaverría, 2010)

2020

Lucena (2020)
Orientadores: Cintia Xavier e Ivan Bomfim
Gemidi e Lógicas

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA (Salaverría, 2009)

convergência tecnológica (Jenkins, 2009)
cultura da convergência (Jenkins, 2009)
convergence continuum (Dailey *et al.*, 2003 *apud* Barbosa, 2013)

Fonte: o Autor (2025).

Os conceitos específicos são o foco da análise apresentada nos subtópicos a seguir.

4.1 CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO

Na sua dissertação, Flores (2012) se apropria do conceito de convergência no jornalismo a partir de Kolodzy (2006), no trecho *Jornalismo convergente*. Já Lenzi (2017) se apropria do mesmo conceito e autora na sua tese no trecho *A Convergência Como Desafio Moderno*, porém adiciona um texto publicado posteriormente, em 2009. Ambos foram orientados por Raquel Longhi e participaram do HiperMídia e Linguagem enquanto produziam os trabalhos. Ou seja, a apropriação de Janet Kolodzy tem sido algo próprio do grupo HiperMídia e Linguagem, principalmente pela influência dos quadro teóricos propostos por Longhi, visto que Kolodzy só aparece em trabalhos de participantes do grupo HiperMídia e Linguagem que foram orientados por Longhi (Flores, 2012; Sousa, 2013; Lenzi, 2017). A Figura 9 mostra a definição dos conceitos que Flores (2012) e Lenzi (2017) usam.

Figura 9 – Convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009).

2012

Flores (2012, p. 52)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
HiperMídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO= converg*+ência+jornal*+ismo
(Kolodzy, 2006, p. 4)

“Quando se trata de jornalismo, convergência significa uma nova maneira de pensar, produzir e distribuir notícias, usando todo o potencial das mídias para alcançar um público diverso e crescentemente disperso. A convergência redireciona a missão principal do jornalismo – informar o público sobre seu mundo da melhor forma possível” (tradução de Flores [2012])

2017

Lenzi (2017, p. 52)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
HiperMídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO= converg*+ência+jornal*+ismo
(Kolodzy, 2009, p. 37-38)

“Convergência no jornalismo significa o encontro de jornalistas e certos tipos de jornalismo que têm operado em esferas separadas – jornais, revistas, rádio, televisão e on-line – para fornecer notícias de qualidade em todos os formatos diferentes. Essa união pode envolver recursos e informações compartilhados. Pode envolver a elaboração conjunta de reportagens e a produção de projetos. Pode envolver “bandas de um homem só” ou “jornalistas mochila” – uma pessoa fazendo a produção de notícias para todos os formatos diferentes. Pode envolver a narrativa multimídia on-line ou o que poderia ser chamado de “apresentação convergente”. Pode envolver algumas ou todas essas variações” (tradução de Lenzi [2017]).

Fonte: Autor (2025).

Nota-se que aqui acontece uma dinâmica de apropriação semelhante a da UEPG (Sabino, 2019; Lucena, 2020) na qual um mesmo conceito foi apropriado em trabalhos distintos a partir de textos diferentes. Por exemplo, assim como Salaverría desenvolveu o conceito de convergência jornalística entre 2003 (Sabino, 2019) e 2009 (Lucena, 2020), Kolodzy estudou o conceito de convergência no jornalismo em diferentes momentos, entre 2006 e 2009. Ou seja, há continuidade nos conceitos apropriados.

O conceito de convergência no jornalismo de 2006 é mais breve do que o de 2009. Em 2006, Kolodzy tratou do conceito de convergência no jornalismo, referindo-se às transformações na maneira de pensar, produzir e distribuir notícias usando o potencial da mídia para buscar audiência a partir de uma perspectiva que prevê informar da melhor forma. Já em 2009, Kolodzy preenche lacunas ao adicionar exemplos do que se tratava essa nova maneira e forma de produzir notícia e de que potencial midiático e público estava se falando.

O objetivo de Flores (2012) era compreender e delinear as apropriações do Twitter [atual X] pelo jornalismo de moda brasileiro para fins jornalísticos. Para isso, Flores (2012) analisou perfis jornalísticos do X: Vogue Brasil (revista impressa); Caderno Ela (O Globo); GNT Fashion (programa de TV); Chic (site especializado); Susana Barbosa (editora de moda da revista Elle Brasil); Iesa Rodrigues (editora de moda do Jornal do Brasil); Janaína Rosa (repórter Perua MTV) e Jorge Wakabara (editor-chefe do site Lilian Pacce).

No que Flores (2012) avança a partir do conceito de convergência no jornalismo? Interpreta-se que Flores (2012) se apropriou de Kolodzy, que versou que o jornalismo deveria usar “todo potencial das mídias para alcançar um público diverso e crescentemente disperso” (Kolodzy, 2006, p. 4, *apud* Flores, 2012), pois o Twitter na época era uma rede social que crescia cada vez mais em número de usuários em detrimento de outras mídias, portanto, possuía um público diverso e crescentemente disperso, oferecendo oportunidade de exploração jornalística. Em suma, além do conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006), Flores (2012) também se apropriou do conceito de convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008), portanto, a autora faz um movimento teórico que direciona sua pesquisa ao Jornalismo e não fica só nos conceitos gerais da convergência.

O objetivo de Lenzi (2017) era compreender como empresas jornalísticas de origem impressa estavam reagindo diante das mudanças no jornalismo, e como estavam planejando seus próximos passos, tendo como objeto empírico gestores de empresas jornalísticas que foram entrevistados: os espanhóis *El País* e *El Mundo*, o argentino *Clarín*, e os brasileiros Folha de S. Paulo, Gazeta do Povo, O Estado de S. Paulo, O Globo e Zero Hora.

Além do conceito de Kolodzy (2006; 2009), Lenzi (2017) trouxe mais de 10 autores/as diferentes que citam a convergência, entre conceitos gerais (ex. convergência tecnológica, convergência midiática) e do Jornalismo (ex. convergência jornalística). Lenzi (2017) possui o quadro teórico mais diversificado entre os trabalhos da UFSC e da UEPG. Por isso, é notável o movimento de Lenzi (2017) – primeira tese defendida no PPGJor-UFSC. Em 2016, antes de defender sua tese, Lenzi participou como pesquisador visitante do *Center for Internet Studies and Digital Life*, da Unav, na Espanha, sob orientação de Salaverría (Alexandre Lenzi, 2025). Portanto, podemos afirmar que as noções que Lenzi (2017) desenvolve sobre a convergência, tem certo grau de influência das pesquisas de Salaverría.

No que Lenzi (2017) avança a partir do conceito de convergência no jornalismo? Durante a construção do seu tópico *Convergência como desafio moderno*, Kolodzy (2009) é a primeira autora que Lenzi (2017) apresenta que trata do jornalismo, a autora discute em seu conceito que a convergência pode ser uma oportunidade de melhorar a qualidade da notícia. Por sua vez, Lenzi (2017) deve ter se apoiado nela e nessa perspectiva, pois também analisava a qualidade do jornalismo online a fim de investigar boas práticas jornalísticas que poderiam ser repassadas a futuros profissionais. Ao discutir a convergência, Lenzi fez um caminho que direciona a discussão às especificidades dos conceitos do Jornalismo, tal como o de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009).

Quais discussões analíticas e tensionamentos críticos sobre as apropriações teóricas do conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009) da dissertação e tese analisada (Flores, 2012; Lenzi, 2017) podem ser elaboradas pela presente dissertação? Em conclusão, o conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009) oferece uma definição contextual e não técnica sobre o jornalismo a partir da perspectiva da convergência, visto que a definição não sintetiza e sim contextualiza a ideia que o conceito procura descrever. Então o conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009) não é generalista, mas sim contextualizador.

Talvez por isso ambos, Flores (2012) e Lenzi (2017), não usaram somente esse conceito contextual e adicionaram mais conceitos a seus quadros teóricos a fim de explicar outras facetas da convergência na atividade jornalística, por exemplo, o conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014) usado por Lenzi (2017) e convergência jornalística (Salaverría; Negrodo, 2008) por Flores (2012).

4.2 CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA

Como visto no tópico *Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa*, Noguera-Vivo (2010) abordou a *convergencia periodistica*, o que mostra que o movimento que começou nos anos 2000 de construir conceitos de convergência do Jornalismo (ex. *newsroom convergence* [Singer, 2004a], *convergencia periodistica* [Noguera-Vivo, 2010]) continuou nos anos 2010, tanto que Noguera-Vivo (2010) usa o conceito de *convergencia periodistica* desenvolvido por Singer (2004).

Mais uma vez, o exemplo demonstra que há continuidade no desenvolvimento dos conceitos de convergência do Jornalismo. Embora Salaverría, García-Avilés e Masip (2010) apontem que as principais características da convergência que dificultam sua consensualidade são as próprias conceitualizações dos autores/as, a análise mostra que são essas mesmas tentativas que ajudam na sofisticação do conceito.

Foram analisadas 2 dissertações do PPGJor-UEPG, Sabino (2019) e Lucena (2020). Ambos os mestrados citaram definições de convergência jornalística, portanto o movimento dos anos 2000 de construir conceitos específicos do Jornalismo também continuou na UEPG nos anos 2010 e 2020.

Os dois mestrados tiveram como objeto empírico redações com características convergentes, isso aconteceu porque: 1) ambos participaram do Gemidi, que pesquisa a convergência e jornalismo, inclusive a partir de pesquisas que analisam redações jornalísticas; 2) foram orientados por coordenadores (Cintia Xavier, Marcelo Bronosky) do Lógicas, que tem como um dos seus principais objetos de estudo as redações jornalísticas em seus diversos modelos (ex. rádio, televisão, online, impresso).

Sabino (2019) se apropriou do conceito de convergência jornalística no tópico *Redações Jornalísticas em Convergência: aproximações do conceito nas rotinas de produção e distribuição de notícias*. O conceito de convergência jornalística em que Sabino (2019) se apoiou foi desenvolvido por Salaverría (2003), mas Sabino (2019) não acessou o texto original, ele replicou o conceito a partir de Agnez (2011). Lucena (2020) também se apropria do conceito de convergência jornalística no seu quadro teórico, no tópico *Novos formatos de produção no processo de convergência jornalística*. O conceito que Lucena (2020) usa também foi desenvolvido por Salaverría (2009), porém é uma atualização do conceito usado por Sabino (2019), que utilizou um texto de 2003 enquanto Lucena apropriou-se de um texto de 2009.

A Figura 10 expõe o quadro teórico da convergência nos trabalhos do PPGJor-UEPG.

Figura 10 – Convergência jornalística (Salaverría, 2003; Salaverría, 2009).

2019

Sabino (2019, p. 21-22)
Orientador: Marcelo Engel Bronosky
Gemidi e Lógicas

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Salaverría, 2003, *apud*. Agnez, 2011, p. 80)

"1) **empresarial**: discute a apropriação da internet pelas instituições jornalísticas dentro do espaço organizacional;
2) **tecnológica**: entende os novos modelos de rotinas e produção das notícias a partir das tecnologias, seja no seu modo de produção ou distribuição;
3) **profissional**: entende-se as mudanças do exercício da profissão, na qual o jornalista desempenha novos saberes e permite-se a realizar multifunções;
4) **dimensão comunicativa**: onde abrem-se novos formatos de linguagens na quais devem se adaptar aos novos meios digitais" (tradução de Agnez [2011]).

2020

Lucena (2020, p. 33-34)
Orientadores: Cintia Xavier e Ivan Bomfim
Gemidi e Lógicas

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Salaverría, 2009, p. 7)

"A convergência jornalística é um processo multidimensional que, propiciado pela ampla implantação de tecnologias digitais, afeta atualmente as empresas de mídia e segundo as quais as áreas tecnológica, empresarial, profissional e de conteúdo dessas empresas vivenciam os respectivos fenômenos de movimentação, caracterizado por uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens previamente desintegradas" (tradução de Lucena [2020]).

Fonte: Autor (2025).

O objetivo geral de Sabino (2019) era compreender dinâmicas do compartilhamento de notícias e modos de produção nas mídias sociais nos ambientes de rotinas produtivas do jornal GauchaZH (Zero Hora) e a intenção do trecho teórico era debater o processo de convergência que a partir dos anos 1990 alterou lógicas dos veículos de comunicação: "neste trabalho abordaremos o termo do jornalismo e convergência [...] a partir da inserção [das mídias sociais] nas rotinas produtivas do jornal Zero Hora (GauchaZH) (Sabino, 2019, p. 19).

Com isso, Sabino (2019) apresenta sua escolha pela lente teórica da convergência e expõe que era possível pesquisar as rotinas produtivas do jornalismo a partir do conceito de convergência: as discussões teóricas sobre a convergência ajudam a compreender "as transformações nas redações, as novas rotinas de trabalho e os novos fluxos de produção e circulação de conteúdo jornalístico [...] [o termo convergência] não deixa de se enquadrar entre a melhor definição para explicar os processos atuais [2019] nas salas de redações" (Sabino, 2019, p. 18-19).

Há duas características possíveis que influenciam Sabino (2019): 1) Marcelo Engel Bronosky, orientador de Sabino (2019), é um dos coordenadores do grupo de pesquisa Lógicas do PPGJor-UEPG – junto a Cintia Xavier, orientadora de Lucena (2020) – que justamente estuda lógicas e rotinas de produção, circulação e consumo do jornalismo; 2) Sabino (2019) debate lógicas do jornalismo a partir da discussão sobre convergência, uma das temáticas de investigação do grupo GEMIDI do PPGJor-UEPG, do qual Sabino (2019) ingressou enquanto cursava o mestrado.

No que Sabino (2019) avança a partir das suas apropriações? A definição de convergência jornalística (Salaverría, 2003) que lista dimensões da convergência jornalística e em quais mudanças elas acarretam, pode ser resumida da seguinte maneira:

1. Inserção da internet nas empresas jornalísticas (empresarial);
2. novos modelos de rotinas de produção e distribuição da notícia (tecnológica);
3. mudanças nas demandas de saberes/funções dos profissionais (profissionais);
4. novos formatos de linguagens digitais (comunicativa).

A definição por dimensões busca dar conta de abarcar as mudanças feitas pela convergência em todas as fases dos processos jornalísticos. O que Sabino (2019) quer indicar em consonância com Salaverría (2003) é que a convergência transforma todas as etapas do processo de produção, por isso, ele analisa da produção ao compartilhamento.

A apropriação teórica de Sabino (2019) também fala sobre a convergência como um imperativo de exploração de mercado e apropriação tecnológica. “Com as novas possibilidades tecnológicas, os meios de comunicação veem-se obrigados a satisfazer o público presente nos ambientes digitais. Por isso, adaptam os processos de produção e organizam-se de novas maneiras nas redações” (Sabino, 2019, p. 21). O autor quer dizer que o cenário mercadológico e tecnológico mudou e as empresas têm que se adaptar, querendo ou não, caso queiram competir pela audiência e capital.

Lucena (2020) se apoia na seguinte problemática: “sabendo que a verificação das métricas pode ampliar ou diminuir a qualidade dos conteúdos de acordo com as escolhas editoriais, [...] o resultado da audiência aferida [por essas métricas] influencia na prática dos jornalistas que atuam no SelesNafes.com?” (Lucena, 2020, p. 15). Para responder, o objetivo da mestranda foi “compreender a organização de lógicas entre as métricas de audiência e a rotina de produção do SelesNafes.com” (Lucena, 2020, p. 15).

Semelhante a Sabino (2019), Lucena (2020) alinha seu objeto de estudo e ancoragem teórica às discussões do GEMIDI e do Lógicas durante o mestrado. Há algumas características que influenciam o quadro teórico de Lucena (2020): 1) Cintia Xavier, orientadora de Lucena (2020), é uma das coordenadoras do Lógicas do PPGJor-UEPG que estuda as lógicas de produção, circulação e consumo do jornalismo, alinhando com o objetivo de Lucena (2020) de compreender as “lógicas” e a “rotina” de um site de notícias; 2) Lucena (2020) foi co-orientada por Ivan Bomfim que, como visto, é um dos coordenadores do grupo de pesquisa GEMIDI, grupo no qual Lucena (2020) ingressou enquanto cursava o mestrado; Lucena (2020) investiga as lógicas do jornalismo a partir da convergência um dos temas do GEMIDI.

No que Lucena (2020) avança a partir do conceito de convergência jornalística? A apropriação que Lucena (2020) fez de Salaverría (2009) é um pouco diferente do texto de Salaverría (2003) usado por Sabino (2019). Ao invés de Salaverría trazer a definição em tópicos que significavam as diferentes dimensões, como fez em 2003, em 2009, traz uma síntese da definição de convergência jornalística. O exercício de sintetizar e descrever um fenômeno através de um conceito mostra o esforço de abstração teórica que Salaverría desenvolveu entre 2003 e 2009. Pode-se dizer que:

1. As duas primeiras dimensões da convergência jornalística de Salaverría (2003) (empresarial, tecnológica) estão sintetizadas nas três primeiras linhas da definição de convergência jornalística de Salaverría (2009);
2. As duas últimas dimensões (profissional, comunicativa) estão sintetizadas nas três últimas linhas da definição de Salaverría (2009).

Das 7 dissertações da UFSC, 6 citam definições de convergência jornalística, portanto o movimento dos anos 2000 de construir conceitos específicos do Jornalismo também continuou na UFSC em 2010. A primeira apropriação é de Weber (2011) que usou Salaverría, García-Avilés e Masip (2010), assim como Sousa (2013) e Silva (2013). Flores (2012) que já havia se apropriado de Kolodzy (2006) em seu quadro, complementa-o com a convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008). Sousa (2013) apropriou-se de Barbosa (2009) igual a Bertolini (2014), que também apropriou-se de Scolari (2008). Thibes (2014) se apropriou de Barbosa (2008). Thibes (2014) foi a única que não foi orientada por Longhi e não pertence ao Hiperfídia e Linguagem.

Thibes (2014) foi orientada por um dos coordenadores do Girafa, Eduardo Meditsch. Os dados também mostram que Weber (2011), Flores (2012), Sousa (2013), Silva (2013) e Bertolini (2014) receberam orientação de Longhi e que Weber (2011), Flores (2012), Sousa (2013) e Bertolini participaram do Hiperfídia e Linguagem com cadastro no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil.

A Figura 11 expõe as apropriações teóricas do conceito de convergência jornalística nos trabalhos do PPGJor-UFSC de Weber (2011) e Flores (2012).

Figura 11 – Convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010; Salaverria; Negredo, 2008).

2011

Weber (2011, p. 22)

Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Salaverria; García Avilés; Masip, 2010, p. 59)

"A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitada pela implantação generalizada das tecnologias digitais da telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma" (tradução de Weber [2011], Sousa [2013] e Silva [2013]).

2012

Flores (2012, p. 79)

Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Salaverria; Negredo, 2008, p. 102)

"A convergência jornalística refere-se a um processo de integração de meios de comunicação tradicionalmente separados que afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e o público em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo" (tradução de Flores [2012]).

Fonte: Autor (2025).

O objetivo de Weber (2011) era investigar como o webjornalismo de referência se apropria das redes sociais da internet (RSIs) através de produtos hiperfidiáticos que se relacionam, de diferentes maneiras, com as RSIs. Tendo como objeto empírico os sites jornalísticos *Clarín.com* (Argentina), *FinancialTimes.com* (Reino Unido) e *NYTimes.com* (EUA). Weber (2011) parte da ideia de que o jornalismo feito na internet é diferente de outros meios e reconfigurou as lógicas de consumo cultural. Weber (2011) cita a convergência jornalística no capítulo *Fazer jornalismo no cenário da convergência*, pois é ela que descreve como o webjornalismo se apropria das RSIs para produzir notícias hiperfidiáticas, ou seja, Weber (2011) cruza os conceitos de webjornalismo, convergência jornalística e hiperfídia.

No que Weber (2011) avança a partir da convergência jornalística? Weber (2011, p. 25) versa que a convergência incide no produto jornalístico e os principais condicionantes da produção na convergência são:

1. Mudanças no ambiente de trabalho a partir da integração de redações;
2. renovação do perfil profissional do jornalista;
3. novas ferramentas de produção e formatos;
4. participação e as exigências de uma nova audiência;
5. leitores/usuários de linguagens digitais e interativas.

Como visto no tópico *Convergência no jornalismo*, Flores (2012) já havia usado o conceito contextual de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006) em seu quadro teórico e o complementou com a convergência jornalística (Salaverría; Negredo, 2008) a fim de explicar outras facetas da convergência na atividade jornalística. No que Flores (2012) avança a partir da convergência jornalística? Flores (2012) se apropria destes conceitos do Jornalismo olhando especificamente para a dimensão do público/consumo, pois sua dissertação tem como base de fundo o consumo de jornalismo de moda via Twitter [X]. É depois destas apropriações que discorrem sobre a dimensão do público/consumo na convergência, que Flores (2012) afirma que o público desempenha um importante papel na reconfiguração do jornalismo contemporâneo:

1. “A convergência jornalística [...] afeta o [...] público em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo” (Salaverría; Negredo, 2008, p. 102);
2. “[convergência no jornalismo é] uma nova maneira de [...] alcançar um público diverso [...] informar o público sobre seu mundo da melhor forma possível” (Kolodzy, 2006, p. 4).

A Figura 12 sistematiza as apropriações teóricas do conceito de convergência jornalística nos trabalhos da UFSC de Sousa (2013) e Silva (2013). Sousa (2013) analisou como se dá a dinâmica da notícia nas redes sociais, a partir das particularidades desses espaços, os quais podem condicionar a forma de apresentação e o conteúdo das postagens e as ações participativas dos usuários. O objeto empírico foram postagens de 2013 do Twitter e Facebook do jornal Estadão sobre o incêndio na Boate Kiss, Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Figura 12 – Convergência jornalística (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010; Barbosa, 2009).

2013

Sousa (2013, p. 40); Silva (2013, p. 89)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Salaverría; García Avilés; Masip, 2010, p. 59)

“A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitada pela implantação generalizada das tecnologias digitais da telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma” (tradução de Sousa [2013] e Silva [2013]).

Sousa (2013, p. 40)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiperfídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Barbosa, 2009, p. 3-4)

“Integração entre meios distintos; a produção de conteúdos dentro do ciclo contínuo 24/7; reorganização das redações; jornalistas que são capazes de tratar a informação – a notícia – de maneira correta seja para distribuir no impresso, na web, nas plataformas móveis, etc; a introdução de novas funções além de habilidades multitarefas para os jornalistas; comunidade/audiência ativa atuando segundo o modelo Pro-Am (profissionais em parceria com amadores); emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hiperfídia para a criação de narrativas jornalísticas originais”

Fonte: Autor (2025).

Sousa (2013) cita a convergência jornalística e em que ela avança? Antes de usar a convergência jornalística, citou o conceito de jornalismo convergente (analisado no tópico *Jornalismo convergente*) e versou que em 2013 o público tinha acesso a notícias rapidamente (consumo) através das redes sociais (suporte). Portanto, no trecho *O jornalismo no contexto da convergência*, citou o jornalismo convergente (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009) que discute a relação do público, do consumo e dos suportes no processo de produção.

Interpreta-se que logo após Sousa (2013) usar o conceito de jornalismo convergente para apontar que, se no contexto da convergência mudam os suportes, o consumo e a produção noticiosa também mudam, a autora traz os conceitos de convergência jornalística, pois eles discutem essas faces (suporte, consumo, público, empresa) e outras (profissional, conteúdo) “em todas as fases de produção, circulação e consumo” (Sousa, 2013, p. 41):

1. Suporte: “esse processo aponta para aspectos relacionados às tecnologias”;
2. Empresarial: “aos veículos noticiosos, à organização das redações”;
3. Profissional: “aos profissionais”;
4. Público/Consumo: “às audiências”;
5. Conteúdo: “aos conteúdos”.

Silva (2013) fez uma pesquisa bibliográfica e teórica que objetivou discutir as transformações no processo de leitura de notícias no contexto digital. Silva (2013) se apropria do conceito de convergência jornalística (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010), no trecho *Convergência digital, inteligência coletiva e interatividade*, ao discorrer sobre as remodelações no consumo de jornalismo que transformam o processo de leitura das notícias:

1. Agora o processo de leitura não acontece somente no papel, pois os conteúdos são distribuídos em “múltiplas plataformas” (ex. redes sociais, sites, televisão) (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 59);
2. através de “linguagens próprias” (ex. vídeo, som, texto, gráfico) (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 59).

No que Silva (2013) avança a partir do conceito de convergência jornalística? Como o objetivo de Silva (2013) era discutir a face do jornalismo que diz respeito especificamente ao processo de leitura das notícias, a autora adicionou ao lado da convergência jornalística os conceitos de convergência digital, inteligência coletiva de Pierre Lévy e interatividade de Henry Jenkins. Interpreta-se que Silva (2013) usou esse conjunto de conceitos porque juntos dão conta de explicar mudanças específicas do processo de leitura (convergência digital, inteligência coletiva, interatividade) da notícia (convergência jornalística). Após apropriar-se teoricamente do conceito de convergência jornalística e cruzá-lo com outros conceitos, Silva (2013) também avançou na discussão sobre a convergência ao versar que ela:

1. “Sugere um espaço coletivo no qual os conhecimentos [inclusive o adquirido através do consumo de notícias] são compartilhados em rede”;
2. “e a leitura [das notícias] acontece a partir da interação com as interfaces gráficas” (Silva, 2013, p. 89).

A Figura 13 traz as apropriações teóricas do conceito de convergência jornalística nos trabalhos do PPGJor-UFSC de Bertolini (2014) e Thibes (2014). Bertolini (2014) teve como objetivo abordar os títulos jornalísticos na internet e impresso a fim de registrar algumas das suas principais características. Seu objeto de análise foram 210 títulos das editorias de Poder, Internacional, Mercado, Cotidiano e Ilustrada, publicadas na versão impressa e no site do jornal Folha de S. Paulo, na penúltima semana de agosto de 2013.

Figura 13 – Convergência jornalística (Barbosa, 2008; 2009; Scolari, 2008).

2014

Bertolini (2014, p. 86)

Orientadora: Raquel Ritter Longhi e Rita Paulino
Hipermídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Barbosa, 2009, p. 3)

"Integração entre meios distintos; a produção de conteúdos dentro do ciclo contínuo 24/7; reorganização das redações; jornalistas que são capazes de tratar a informação – a notícia – de maneira correta para impresso, web, plataformas móveis; introdução de novas funções além de habilidades multitarefas para os jornalistas; comunidade/audiência ativa atuando segundo o modelo Pro-Am (profissionais em parceria com amadores); interatividade, hipertexto e hipermídia para a criação de narrativas jornalísticas originais".

Bertolini (2014, p. 85–86)

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Scolari, 2008, p. 207)

"No ambiente da convergência jornalística, o profissional deve ter pelo menos três polivalências: funcional ou tecnológica (base do profissional multimídia), temática (sai de cena o setorista e entra o generalista) e midiática (trabalha para vários meios ao mesmo tempo)".

Thibes (2014, p. 55)

Orientador: Eduardo Meditsch
Girafa

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística
(Barbosa, 2008, p. 88)

"Integração entre meios distintos, produção de conteúdos combinando multiplataformas para publicação e distribuição, convergência estrutural com a reorganização das redações e a introdução de novas funções para os jornalistas".

Fonte: Autor (2025).

Bertolini (2014) citou o conceito de convergência jornalística no trecho *Mídia múltipla e convergente*, pois é em meio aos condicionantes descritos e definidos pelos conceitos de Scolari (2008) e Barbosa (2009) nos quais os títulos jornalísticos, objeto empírico de Bertolini (2014), são produzidos para a internet. No que Bertolini (2014) avança a partir das suas apropriações teóricas? O autor comparou “títulos jornalísticos, da mesma notícia, publicados simultaneamente na internet e em jornal impresso” (Bertolini, 2014, p. 33) para registrar características dos títulos na web e impresso. Consequentemente, em ambos os conceitos apropriados são descritos profissionais que produzem para diferentes meios (web, impresso):

1. “Jornalistas que são capazes de tratar [...] – a notícia – de maneira correta para impresso, web, plataformas móveis; introdução de novas funções além de habilidades multitarefas para os[as] jornalistas” (Barbosa, 2009, p. 3);
2. “o profissional deve ter [...] polivalências: [...] profissional multimídia [...] trabalha para vários meios ao mesmo tempo” (Scolari, 2008, p. 207).

Após citar Scolari (2008) e Barbosa (2009), Bertolini (2014) se apropriou de Kolodzy que também foi usada por Flores (2012), Sousa (2013) e Lenzi (2017). Bertolini (2014) também se apropriou de Ivar John Erdal, que foi citado na seção *Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa*. Como visto no tópico teórico, por exemplo, Erdal (2011) se apoia nas ideias de Singer (2004a), Deuze (2004; 2007) entre outros autores/as que apareceram na revisão bibliográfica desta dissertação, e em Kolodzy (2006), que foi uma das autoras mais apropriadas nos trabalhos da UFSC a partir dos conceitos de jornalismo convergente (Kolodzy, 2006) e convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009). Há ligações entre os autores mapeados pela revisão, que por sua vez, aparecem nas apropriações teóricas de Bertolini (2014) e também em outros trabalhos.

O objetivo de Erdal (2011) era discutir o conceito de *convergence journalism* e conceituar o fluxo de conteúdos através das plataformas digitais a partir do que ele chamou de *cross-media*. Para Erdal (2011), *convergence journalism* é a crescente cooperação e colaboração entre distintos tipos de redação (ex. telejornalismo, impresso, web) (Deuze, 2004, *apud* Erdal, 2011), portanto, em consonância com o objetivo de Bertolini (2014) de analisar distintos tipos de redação (web, impresso). Já *cross-media* (Erdal, 2011) é o processo pelo qual o fluxo dos conteúdos jornalísticos eram submetidos para transitar entre as plataformas, também em consonância com o objetivo de Bertolini (2014) que observou como o mesmo título era usado na web e no impresso, portanto, o fluxo no qual os títulos jornalísticos eram submetidos para transitar entre a plataforma impressa e da web.

Thibes (2014) e Bertolini (2014) foram os únicos mestrados do PPGJor-UFSC selecionados pelo recorte que usaram somente pesquisadores da América Latina (Barbosa, 2008; 2009; Scolari, 2008) para abordar conceitos que possuem algum dos radicais do recorte (*jor*; *jour*; *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news*), como o de convergência jornalística da brasileira Suzana Barbosa (2008; 2009) e do argentino Carlos Scolari (2008).

Thibes (2014) foi a única mestranda que não teve ligação com o grupo Hipermídia e Linguagem. Thibes (2014) não participou do grupo Girafa com cadastro no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, mas foi orientada por um dos coordenadores, Eduardo Meditsch, que lidera o grupo junto a Valci Zuculoto. Assim, os pesquisadore/as do Girafa influenciaram o quadro teórico de Thibes (2014). O grupo, criado em 2012, pesquisa o radiojornalismo e Thibes (2014) foi uma das primeiras do PPGJor-UFSC a defender a sua dissertação a partir de relações estabelecidas com o Girafa. Thibes (2014) analisou rotinas de produção e programação de webrádios públicas catarinenses, Rádio Ponto, do Curso de Jornalismo da UFSC, e Rádio Al, da Assembleia Legislativa de Santa Catarina.

Thibes (2014) citou o conceito de convergência jornalística no tópico *Convergência jornalística*, endereçando e estreitando a discussão do tópico ao Jornalismo, e em que avança a partir desta apropriação? O conceito de Barbosa (2008) define que o processo de convergência jornalística é:

1. Integração entre meios distintos;
2. produção de conteúdos combinando multiplataformas para publicação e distribuição;
3. convergência estrutural com a reorganização das redações;
4. introdução de novas funções para os jornalistas.

Acontece que em 2014, ano da defesa de Thibes, Suzana Barbosa já havia publicado um texto atualizado no qual traz a definição de convergência jornalística (Barbosa, 2009) – novamente, verifica-se uma sofisticação e evolução através do trabalho de pesquisa de Barbosa (2008; 2009), no exercício de descrição dos conceitos adotados pelos mestrados – que foi citado por Sousa (2013) e Bertolini (2014). O que já era descrito no conceito de convergência jornalística de Barbosa em 2008 e que aparece novamente em 2009:

1. Integração dos meios;
2. reorganização das redações;
3. novas funções para jornalistas;
4. produção e distribuição para diferentes plataformas (impresso, web, móveis).

O que não foi descrito no conceito em 2008 e que foi exposto em 2009:

5. Produção no ciclo 24/7;
6. criação de comunidades ativas e interatividade;
7. hipertexto e hipermídia para criação de narrativas jornalísticas.

Após a apropriação de Barbosa (2008), Thibes (2014) tece considerações autorais sobre a convergência em diálogo com outro texto de Barbosa (2013) que não faz parte do recorte desta análise: a internet e a web foram cruciais “para a realização da convergência jornalística [...] uma realidade presente [...] “de atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos, marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição, e distribuição dos conteúdos” (Barbosa, 2013, p. 33 *apud* Thibes, 2014, p. 55-57).

Segundo a mesma autora (Barbosa, 2013, *apud* Thibes, 2014), todos os tipos de formatos de conteúdos e as rotinas de produção estão inseridas no contexto da convergência tecnológica. A ideia de Barbosa (2013) de que os formatos e as rotinas de produção (convergência jornalística) estão inseridos no contexto amplo da convergência tecnológica, está em consonância com as posições e as ideias defendidas por esta dissertação de que: as pesquisas do Jornalismo que se pautam no marco teórico da convergência podem formar quadros teóricos ancorados em conceitos gerais que explicam o processo de convergência como um todo (ex. convergência tecnológica) e conceitos específicos do Jornalismo que citam a convergência a partir dos princípios do jornalismo (ex. convergência jornalística). É preferível que os conceitos específicos do Jornalismo estejam presentes nas pesquisas do Jornalismo que usam o marco teórico da convergência.

Quais discussões analíticas e tensionamentos críticos sobre as apropriações teóricas do conceito de convergência jornalística (Salaverría, 2003; Scolari, 2008; Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2008; 2009; Salaverría, 2009; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010) das dissertações analisadas (Weber, 2011; Flores, 2012; Silva, 2013; Sousa, 2013; Bertolini, 2014; Thibes, 2014; Sabino, 2019; Lucena, 2020) podem ser elaborados por esta dissertação?

As dissertações da UEPG (Sabino, 2019; Lucena, 2020) não usaram a definição do conceito de convergência com os radicais *jor*, *jour*, *periodis* e/ou *redac*, *redaç* e *news* a partir de autores/as brasileiros. Embora Sabino (2019) tenha citado autoras brasileiras, nenhuma trazia definições de conceito. Autores brasileiros foram citados mais para discutir outros temas do Jornalismo Digital e não a definição de conceitos da convergência. As dissertações da UEPG também apresentaram pouca variedade de autoras e autores no seu quadro teórico que definiram conceitos de convergência específicos do Jornalismo, em ambos os trabalhos foi usado o mesmo autor (Salaverría) mesmo que a partir de textos diferentes (Salaverría, 2003; 2009). Os trabalhos da UEPG tratam de um conceito de convergência específico do Jornalismo (convergência jornalística), porém não exploram outros conceitos. Isso pode ter acontecido por diversos motivos, que não cabe a esta dissertação elencar.

Como visto acima, a apropriação dos quadros teóricos pode ser influenciada pelas tradições dos grupos de pesquisa, pelos orientadores/as e escolhas dos/as discentes: se um discente participa de grupo *x* que lê autores/as *a* e *b*, ele/a até pode usar outros autores (*y* e *z*), mas ele/a tem mais chance de se apropriar teoricamente de autores *a* e *b* do que *y* e *z*; e se mesmo assim se apropriar de *y* e *z* ainda terá em sua genealogia o conhecimento de *a* e *b* inter cruzado com *y* e *z*.

Identifica-se que há uma clara sintonia do quadro teórico das dissertações da UEPG com as discussões travadas nos grupos de pesquisa (GEMIDI; Lógicas) e a genealogia dos quadros teóricos precedentes dos orientados e orientadores produtores das dissertações, pois as duas dissertações alinham-se às discussões teóricas com mais um interesse dos pesquisadores.

É um padrão do PPGJor-UEPG, GEMIDI e Lógicas da UEPG e do Hiperfídia e Linguagem da UFSC, usar Salaverría (e seus pares de pesquisa europeus José García-Avilés, Pere Masip e Samuel Negredo) como base teórica para definir o conceito de convergência jornalística. O grupo Hiperfídia e Linguagem e o Girafa da UFSC têm o padrão de usar Suzana Barbosa.

Os resultados mostram que Salaverría tem sido o autor mais explorado nas discussões sobre o conceito de convergência jornalística nas dissertações brasileiras dos PPGs acadêmicos em Jornalismo. Seja na UEPG, onde Sabino (2019) utilizou Salaverría (2003) e Lucena (2020) se apropriou de Salaverría (2009), em que ambos preferiram usar textos solos de Salaverría. Seja na UFSC, onde os mestrados preferiram se apropriar somente textos de Salaverría em coautoria com outros pesquisadores célebres da área do Jornalismo (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010; Salaverría; Negredo, 2008).

Bertolini (2014) foi o único que adicionou uma definição de convergência jornalística em seu quadro que não fosse só a de Salaverría ou Barbosa, discutindo o conceito da convergência jornalística a partir de Scolari.

Para entender melhor as apropriações de Salaverría e seu pares de pesquisa é necessário notar que os textos usados foram publicados em datas próximas e propõem discutir a convergência jornalística, textos solos e em coautoria: Salaverría (2003); Salaverría e Negredo (2008); Salaverría (2009); Salaverría, García-Avilés e Masip (2010). Esse era um dos principais temas de pesquisa de Salaverría e outros pesquisadores espanhóis próximos a ele e à discussão da convergência na época (ex. Masip, García-Avilés, Negredo).

Na verdade, durante os anos 2000, como visto em outros tópicos da dissertação, a convergência foi interesse de estudo de muitos pesquisadores/as. Isso porque o conceito vinha sendo usado e desenvolvido desde os anos 1980 (Pool, 1983), na academia e no mercado, e no decorrer dos anos 1990 em diante começou a ser usado cada vez mais como marco de pesquisas interessadas em descrever as mudanças tecnológicas da comunicação e do jornalismo. Com isso, nos anos 2000, por exemplo, Barbosa (2008; 2009) e Salaverría (2003; 2009) trataram de discutir as propriedades conceituais da convergência.

Em todas as quatro definições (Salaverría, 2003; Salaverría; Negredo, 2008; Salaverría, 2009; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010) há algumas palavras-chave: empresarial, empresa, produção, distribuição, profissão, profissional, multidimensional, multifunções, linguagem, saberes e/ou métodos. Entende-se que essas palavras-chave são usadas para dar conta de explicar quais setores das três principais dimensões dos processos jornalísticos são afetados pela convergência jornalística. Nota-se que hora ou outra esses setores vão se cruzar, por exemplo, é necessário um profissional que domine saberes e métodos jornalísticos para pensar estratégias de distribuição dos produtos e vice-versa.

1. Produção (ex. produção, profissão, profissional, multifunções, saberes, métodos);
2. Distribuição (ex. empresarial, empresa, distribuição, linguagem);
3. Consumo noticioso (ex. multidimensional).

De qualquer modo, o conceito de convergência jornalística proposto por Salaverría (2003) e o proposto por Salaverría e Negredo (2008) é mais breve em comparação com o proposto por Salaverría (2009) e Salaverría, García-Avilés e Masip (2010). Isso porque Salaverría e seus pares de pesquisa avançaram na conceituação da convergência jornalística entre 2008 e 2010. É importante considerar que o mercado vivencia um processo constante de transformações em decorrência da apropriação tecnológica.

Em 2008, Salaverría e Negredo mostraram que a convergência jornalística era:

1. Integração dos meios de comunicação;
2. afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e público;
3. em todas as fases da produção, distribuição e consumo.

Em 2010, Salaverría, García-Avilés e Masip sofisticaram o conceito exemplificando o que era a integração: “integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas” (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010, p. 59). Ou seja, a integração seria o processo imperativo da convergência e ela afeta todos os âmbitos que se relacionam e cruzam com as fases de produção, distribuição e consumo da notícia. Frisa-se que é comum o uso do conceito de convergência dos meios de comunicação para se referir ao processo de integração de ferramentas, espaços, métodos e linguagens, mas o processo de convergência dos meios de comunicação não é o único que se relaciona com o processo de convergência jornalística.

Talvez por isso Salaverría, García-Avilés e Masip (2010) não citam o conceito convergência dos meios de comunicação e usam a palavra integração, pois sabem que ele não representa todo o processo de convergência jornalística, e sim que é uma das partes que flexionam a atividade jornalística. Então, para não confundir o leitor e a processualidade do quadro teórico, a troca de convergência por integração é mais objetiva – convergência nem sempre é sinônimo de integração.

As 4 dissertações da UFSC que citaram Salaverría (Weber, 2011; Flores, 2012; Sousa, 2013; Silva, 2013) foram produzidas em períodos próximos, portanto, todos tiveram acesso aos conceitos atualizados. Por exemplo, acredita-se que a escolha pelo conceito mais breve deu-se porque Flores (2012) deve ter feito outro caminho no desenvolvimento de seu referencial teórico e não porque um é melhor que o outro. Weber (2011) defendeu a dissertação um ano após a publicação do conceito de convergência jornalística que ela se apropriou (Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010). Entende-se que enquanto Weber (2011) desenvolvia o trabalho teve contato com o conceito de convergência jornalística atualizado e o aplicou, algo positivo para o quadro teórico.

No que diz respeito a Barbosa, a autora é líder do pioneiro grupo de pesquisa GJOL da UFBA que abrigou os primeiros brasileiros a estudarem o Jornalismo Digital (Palacios; Machado, 2003). Observou-se que as duas primeiras dissertações do PPGJor-UFSC que abordaram a temática do Jornalismo Digital foram produzidas com contribuições do grupo GJOL da UFBA (Leonardo Feltrin Foletto e Vivian de Azevedo Virissimo, ambos de 2009), isso porque o orientador destes dois trabalhos foi Elias Machado, um dos fundadores do GJOL junto a Palacios (que como visto foi orientador de Barbosa na dissertação e tese defendida no POSCom da UFBA). Machado trabalhou no POSCom-UFBA entre 1993 e 2006, e a partir de 2006 passou a fazer parte do corpo docente do Departamento de Jornalismo da UFSC e participou da equipe fundadora do PPGJor-UFSC (Elias Machado Gonçalves, 2025).

Como visto no início do capítulo teórico, Barbosa, por exemplo, citou em sua tese (Barbosa, 2007) textos de Salaverría. Mas na tese de Machado e na dissertação de Barbosa (2002), por exemplo, não aparece Salaverría. Ele aparece só na tese de Luciana Mielniczuk. Isso porque mesmo que Salaverría seja um dos primeiros autores europeus conhecidos internacionalmente por definir o conceito de convergência jornalística, ele não é anterior aos brasileiros. Os brasileiros e o espanhol são contemporâneos nos estudos do Jornalismo Digital.

Os brasileiros são sim influenciados pelos europeus, mas isso não significa que não foram desenvolvidas pesquisas brasileiras durante o mesmo período de produção de Salaverría. Machado, por exemplo, defendeu sua tese em 1999 e a desenvolveu durante boa parte dos anos 1990, mesmo período em que Jenkins, Salaverría e Pavlik desenvolviam suas pesquisas. Barbosa desenvolveu sua dissertação e tese entre 2000 e 2007, mesmo período em que textos de Salaverría e Jenkins eram publicados com temáticas parecidas às de Barbosa.

Foram apropriados dois textos de Barbosa (2008; 2009). Os dados demonstram a importância do GJOL em pesquisas sobre convergência e justificam o porquê de Suzana Barbosa aparecer nos quadros teóricos do PPGJor-UFSC. Em 2008, Barbosa (2008) desenvolveu uma definição do conceito de convergência jornalística que abordava as transformações no jornalismo a partir das remodelações:

1. Dos meios;
2. dos conteúdos;
3. das plataformas de publicação e distribuição;
4. das empresas e das redações;
5. das novas funções jornalísticas.

Já em 2009 Barbosa (2009) sofisticou o conceito de convergência jornalística, que aborda transformações no jornalismo a partir das mudanças:

1. Dos diferentes meios e plataformas;
2. dos conteúdo;
3. da redação;
4. da profissão jornalística;
5. da audiência (interatividade);
6. da narrativa (hipertexto, hipermídia).

O conceito de convergência jornalística, o mais usado de acordo com a análise, foi profícuo para a pesquisa em Jornalismo durante os anos, pois começou sendo explorado de modo breve ainda no início dos anos 2000, mas se desenvolveu na medida em que os estudos científicos avançaram e a noção de senso comum sobre a convergência já era mais objetiva para a sociedade. Fenômenos da convergência que não eram tão visíveis passaram a ser mais perceptíveis no cotidiano, demandando atualizações dos conceitos.

4.3 JORNALISMO CONVERGENTE

O conceito de jornalismo convergente apareceu na revisão bibliográfica desta dissertação, como visto no tópico *Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa*. Lilie Chouliaraki (2012) se propôs a analisar o jornalismo convergente (*convergent journalism*) como uma forma de jornalismo que dá espaço a atos de testemunho conduzidos por cidadãos – lembrando que há outras perspectivas teóricas sobre o jornalismo convergente.

Esses espaços ficaram cada vez mais acessíveis a partir da criação das redes sociais que oferecem ferramentas, problematizadas por Chouliaraki (2012) como exposto em *Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa*, nas quais as pessoas podem compartilhar testemunhos. Novamente, a possibilidade do cidadão de ter o poder de usar a internet com as mesmas capacidades de empresas e publicar nos mesmos lugares em que os veículos grandes é discutida.

Sousa (2013), da UFSC, foi a única das pesquisas analisadas de ambos os programas que se apropriou teoricamente do conceito de jornalismo convergente (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009) (Figura 14) no trecho teórico *O jornalismo no contexto da convergência*.

Figura 14 – Jornalismo convergente (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009).

2013

Sousa (2013, p. 38-39)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hipermedia e Linguagem

JORNALISMO CONVERGENTE= jornal*+ismo+converg*+ente
(Kolodzy, 2006, p. 21-24)

“O jornalismo convergente fornece notícias e informações em mais de um formato, usando os pontos fortes de cada um para melhor servir o público de notícias [...] Tem como objetivo abordar a crescente fragmentação da audiência, ao trabalhar com o avanço da consolidação da propriedade dos grandes grupos de mídia [...] A convergência redireciona o jornalismo à sua missão principal – informar o público sobre seu mundo, da melhor forma possível” (tradução de Sousa [2013])

Sousa (2013, p. 39)

JORNALISMO CONVERGENTE= jornal*+ismo+converg*+ente
(Wilkinson; Grant; Fisher, 2009. p. 3)

“Mídias de distribuição múltipla estão disponíveis para qualquer história, abrangendo diversas mídias de impressão, de difusão e mídias emergentes que incluem telefones celulares, quadros de mensagem, etc” (tradução de Sousa [2013])

Fonte: Autor (2025).

Sousa (2013) não usa Chouliaraki (2012), porém as autoras seguem um caminho de pesquisa semelhante. Sousa (2013) analisou a dinâmica da notícia nas redes sociais digitais a partir das particularidades desses espaços que condicionam a forma de apresentação, conteúdo das postagens e as ações participativas dos usuários. O interesse de Sousa (2013) pelas ações participativas dos usuários vai ao encontro das intenções do conceito de jornalismo convergente proposto por Chouliaraki (2012). Mais uma vez é possível visualizar a processualidade da construção dos conceitos de convergência do Jornalismo durante os anos, usando o exemplo de Sousa e Chouliaraki dos anos 2010.

O objeto empírico de Sousa (2013) foram postagens no Twitter e Facebook do portal jornalístico Estadão que foram analisadas a partir das seguintes categorias: apresentação, conteúdo das postagens e as ações participativas dos usuários. Isso porque Sousa (2013) defende que os suportes tecnológicos (apresentação) mudaram a partir dos anos 1990 e com isso a produção da notícia (conteúdo das postagens) e o consumo (participação dos usuários) também foram transformados nos anos seguintes, por exemplo, em 2013 o público tinha acesso a notícias rapidamente através das redes sociais (Sousa, 2013).

No que Sousa (2013) avança a partir das suas apropriações? Entende-se que Sousa (2013) citou o jornalismo convergente de Kolodzy (2006) pois ele discute a relação público-consumo-suporte e traz uma definição instrumental de jornalismo convergente, já o conceito de Wilkinson, Grant e Fisher (2009) é mais contextual e explicativo.

Sousa (2013) se apropriou do jornalismo convergente (Kolodzy, 2006) pois estava em consonância com seu objetivo de analisar a dinâmica da notícia nas redes sociais, a partir das particularidades desses espaços que condicionam a forma de apresentação e conteúdo das postagens e as ações participativas dos usuários. O jornalismo convergente é útil para o objetivo, pois “fornece notícias e informações em mais de um formato, usando os pontos fortes de cada um [...] [e] tem como objetivo abordar a crescente fragmentação da audiência” (Kolodzy, 2006, p. 21-24), o que vai ao encontro do objetivo de Sousa (2013) em abordar a forma, conteúdo e a participação dos usuários.

O conceito desenvolvido por Wilkinson, Grant e Fisher (2009) é mais breve que o de Kolodzy (2006), mas não menos importante. O conceito é mais breve porque Kolodzy (2006) foca em três dimensões, formato/meio, público/audiência e empresarial, já Wilkinson, Grant e Fisher (2009, p. 3) endereçam-se somente à dimensão da distribuição ao apontar que jornalismo convergente significa que: “mídias de distribuição múltipla estão disponíveis para qualquer história, por exemplo, mídias de impressão, de difusão e mídias emergentes”.

Quais discussões analíticas e tensionamentos críticos sobre a apropriação teórica feita por Sousa (2013) podem ser elaboradas por esta dissertação? Sousa (2013) assenta a discussão falando que as redes sociais na internet (ambiente no qual ela coletou seu objeto empírico) fazem parte do atual cenário do jornalismo convergente, portanto, são um dos condicionantes para o jornalismo convergente existir.

Embora já existissem experiências de redes sociais eletrônicas antes de 1990, as redes sociais acessadas em aparelhos digitais conectados à internet fomentados a partir dos anos 1990 e inseridos no cotidiano com mais frequência nos anos 2000 são diferentes e possuem um caráter cultural e social. Visto que elas permitem trocas e interações comunicacionais entre pessoas de modo instantâneo e ubíquo, especialmente por causa do suporte tecnológico da internet.

No tópico teórico desta dissertação, *Um conceito com mil e uma utilidades – Oceania, América do Norte, Europa*, mostrou-se que nos anos 2000 a perspectiva cultural (Deuze, 2007) e sociológica (Singer 2004a; 2004b) da convergência já eram discutidas nas pesquisas do Jornalismo desenvolvidas neste período. As perspectivas dessas pesquisas eram inspiradas nas mudanças dos modos culturais (cultural) e relacionais (sociológica) de se comunicar em atividades profissionais ligadas à área da Comunicação e no consumo de notícias e conteúdos informativos.

4.4 CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES

O conceito de convergência de redações apareceu na revisão bibliográfica desta dissertação a partir de Singer (2004a; 2004b) que versou sobre o conceito de *newsroom convergence* e Noguera-Vivo (2010) que citou o conceito de *convergencia de redacciones*. Mais uma vez é possível verificar uma processualidade na construção dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo a partir dos anos 2000. Como verificado no tópico teórico *Um conceito com mil e uma utilidades*, o esforço dos autores/as que desenvolveram esses conceitos estava ancorado na intenção de descrever a produção jornalística, o que ajuda na hora de explicar e apresentar aos leitores que objeto de estudo específico é esse que os e as pesquisadoras do Jornalismo defendem. Especialmente no Brasil, país no qual a área de pesquisa do Jornalismo passava (década de 2000) por um processo de circunscrição da atividade jornalística como objeto de estudo específico. Neste período, o termo integração de redações era comum nas pesquisas da área.

Portanto, as pesquisas partiam do ponto central de produção da notícia, as redações. O conceito de convergência de redações explica justamente quais eram as mudanças na redação nos anos 2000 e descreve a produção jornalística da época. Autores/as brasileiros e estrangeiros perceberam que começavam a surgir novos e diferentes modelos de redação. A última apropriação teórica analisada usou o conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014) (Figura 15) desenvolvido por García-Avilés e seus pares de pesquisa entre o final da década de 2000 e o início dos anos 2010.

Lenzi (2017) foi o único que se apropriou do conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014), no tópico teórico *A convergência como desafio moderno*. O objetivo de Lenzi (2017) era mapear boas práticas jornalísticas a partir da compreensão de como empresas jornalísticas de origem impressa estavam reagindo diante das mudanças no jornalismo e quais eram os planos futuros. Seu objeto foi a realização de entrevistas com gestores de empresas.

Figura 15 – Convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014).

2017

Lenzi (2017, p. 63)
Orientadora: Raquel Ritter Longhi
Hiper mídia e Linguagem

CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES= converg*+ência+redações
(García-Avilés; Carvajal; Kaltenbrunner; Kraus; Meier, 2009;
García-Avilés; Kaltenbrunner; Meier, 2014)

Três modelos de convergência de redações:

- 1) **Integração plena:** a infraestrutura para produção multiplataforma concentra-se em uma única redação, controlada por um sistema central de notícias e de gestão do fluxo informativo. Nesta plena integração, os jornalistas deveriam receber a devida formação para se adaptar à produção multimídia;
- 2) **colaboração entre redações:** jornalistas trabalham em seções e redações diferentes, mas estão conectados por meio dos seus coordenadores multimídia ou de certas rotinas colaborativas ao longo do fluxo informativo. Neste modelo, existe um intercâmbio de conteúdos e uma comunicação constante entre as equipes responsáveis pelos diferentes suportes, contudo não há necessariamente uma integração da redação;
- 3) **coordenação de suportes isolados:** não há uma organização da integração no fluxo de trabalho, existe apenas uma colaboração voluntária de cada jornalista no processo de elaboração das notícias; (replicado da citação indireta de Lenzi [2017])

Fonte: Autor (2025).

No que Lenzi (2017) avança a partir do cruzamento do seu objetivo, objeto empírico e da apropriação teórica do conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014)? Lenzi (2017) iniciou a discussão do tópico *A convergência como desafio moderno* a partir de observações autorais sobre o que são as redações convergentes. Diferente de dissertações que não criam conceito, teses podem desenvolver e propor conceitos, o que é o caso de Lenzi (2017) ao discutir as redações convergentes:

[...] manter uma equipe multimídia capacitada para informar em diferentes formatos a serem divulgados em distintas plataformas. Em um mesmo grupo, jornalistas produzem conteúdos em textos, fotos, áudios, vídeos e infográficos que alimentarão sites de notícias e empresas de segmentos tradicionais (impresso, rádio ou TV, ou até mesmo ambos) (Lenzi, 2017, p. 50).

Portanto, começa o texto endereçando que sua discussão sobre convergência parte de um lugar e esse lugar é a redação jornalística. Para analisar a redação jornalística usando o marco teórico da convergência, Lenzi (2017) aplica um olhar amplo e outro específico sobre os conceitos da convergência: Lenzi (2017) fez um caminho que parte de Henry Jenkins e suas perspectivas “culturais” e Mark Deuze e seus pontos de vista “o da produção e o do consumo” (Lenzi, 2017, p. 50), passa por outros conceitos gerais da convergência e direciona a discussão aos conceitos específicos do Jornalismo, o de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009) e convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014). Também desenvolve uma problemática: “o principal alerta é para o risco de transformar a convergência em uma justificativa para cortes de gastos e redução de pessoal, afetando também a qualidade do material” (Lenzi, 2017, p. 50). Como visto no tópico *Convergência no jornalismo*, a intenção de Lenzi (2017) era verificar a qualidade do material jornalístico.

Analisando especificamente o conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014), a sua definição foi dividida em três modelos de convergência de redações: 1) Integração plena; 2) Colaboração entre redações; e a 3) Coordenação de suportes isolados.

1. O primeiro modelo define que diferentes etapas do processo de produção podem se integrar em uma única redação e a formação de jornalistas é um fator importante para atuarem com a produção jornalística multimídia. Interpreta-se que se trata de um estágio avançado do processo de convergência de redações.
2. O segundo modelo define que diferentes setores de uma mesma empresa podem colaborar, mas não necessariamente se integram, ou seja, o segundo modelo é mais sazonal e ocasional.
3. O terceiro modelo não tem um fluxo único e uma rotina e acontece a partir de uma colaboração voluntária, portanto, é o modelo mais volátil entre os três.

Esses modelos foram criados a partir da análise de redações da Áustria, Espanha e Alemanha e “não existem de forma pura” pois “em uma mesma empresa, pode-se encontrar exemplos distintos” (García-Avilés *et al.* 2009, *apud* Lenzi, 2017, p. 63). Será se esses exemplos podem ser aplicados em diferentes países ou só valem para os países europeus?

Especificamente para o Brasil a apropriação teórica que Lenzi (2017) fez do conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014) faz sentido, pois no país há:

1. Redações focadas exclusivamente na produção multimídia, por exemplo, em nível nacional tem-se o site G1 do Grupo Globo e regionalmente o site ARede e DC+; embora no Brasil não seja exigido o diploma para exercício da função de jornalista, há disponível nas universidades brasileiras, privadas e públicas, formação em Jornalismo.
2. Talvez o segundo modelo (setores colaboram mas não necessariamente se integram) seja um dos mais comuns no país, pois parece ser mais fácil fazer com que setores já existentes comecem a trabalhar em conjunto em momentos específicos do que mudar a estrutura organizacional inteira em prol da convergência.
3. O terceiro modelo é semelhante ao segundo, porém mais ordinário, na medida em que na maioria das vezes a colaboração de redações (segundo modelo) acontece a partir de decisões em reuniões e são bem destacadas no processo de produção; já o terceiro modelo acontece em momentos específicos e breves da produção, é oportuno. Na maioria das vezes acontece a partir da colaboração isolada de profissionais.

É importante frisar que García-Avilés também auxiliou no desenvolvimento do conceito de convergência jornalística (Salaverria; García-Avilés; Masip, 2010) junto a outros pares de pesquisa, como discutido no tópico desta dissertação, *Convergência jornalística*. Um dos focos da sua trajetória foi desenvolver conceitos de convergência do Jornalismo, inclusive a partir de uma perspectiva crítica que García-Avilés chamou de “mitos sobre a convergência jornalística” (García-Avilés, 2006, *apud* Lenzi, 2017, p. 60).

Quais discussões analíticas e tensionamentos críticos sobre as apropriações teóricas de Lenzi (2017) podem ser elaboradas por esta dissertação? Como visto, Lenzi (2017) buscou em suma verificar a qualidade do material jornalístico online usando como marco teórico o conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009), convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014) e também outros conceitos gerais da convergência, por exemplo, Henry Jenkins e suas perspectivas “culturais” e Mark Deuze e seus pontos de vista sobre a “produção” e “consumo” (Lenzi, 2017, p. 50). O conceito de convergência no jornalismo (Kolodzy, 2009) é contextualizador e descreve que a convergência pode ser uma oportunidade de melhorar a qualidade da notícia a partir de uma nova maneira de produzir. O conceito de convergência de redações (García-Avilés *et al.* 2009; 2014) é técnico e oferece modelos.

4.5 CONCEITOS DE CONVERGÊNCIA ESPECÍFICOS DO JORNALISMO

Em conclusão, os principais resultados da análise mostram que o quadro teórico de convergência empregado nos trabalhos recortados e selecionados no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG possui 4 conceitos específicos do Jornalismo que ilustram fenômenos que transformaram o jornalismo, as empresas jornalísticas, os jornalistas, as notícias, os processos jornalísticos, a pesquisa científica da área e o ensino nos últimos 30 anos. São eles:

1. Convergência jornalística (Salaverría, 2003; Scolari, 2008; Salaverría; Negredo, 2008; Barbosa, 2008; 2009; Salaverría, 2009; Salaverría; García-Avilés; Masip, 2010);
2. Convergência no jornalismo (Kolodzy, 2006; 2009);
3. Jornalismo convergente (Kolodzy, 2006; Wilkinson; Grant; Fisher, 2009);
4. Convergência de redação (García-Avilés *et al.* 2009; 2014).

Cada um dos conceitos, exceto o quarto, possui diferentes definições: o primeiro conceito possui sete definições feitas por diferentes autores/as; o segundo possui duas definições feitas pela mesma autora; o terceiro possui duas definições feitas por diferentes autores/as, somando 12 definições no total. As conceitualizações foram publicadas entre 2003 e 2014, pelos espanhóis José García-Avilés, Pere Masip, Ramón Salaverría e Samuel Negredo, o alemão Klaus Meier e o austríaco Andy Kaltenbrunner – que desenvolveram o conceito convergência de redações, com García-Avilés observando redações jornalísticas da Áustria, Espanha e Alemanha –, os norte-americanos August Grant, Douglas Fisher, Janet Kolodzy e Jeffrey Wilkinson e a brasileira Suzana Barbosa (Figura 16).

É preferível que os conceitos de convergência específicos do Jornalismo apareçam nas pesquisas que circunscrevem o jornalismo como objeto de estudo. Após cruzar a discussão elaborada no capítulo teórico *Conceito de convergência na Comunicação e Jornalismo* com os resultados da análise, interpreta-se que o conceito de convergência de redações, convergência jornalística, jornalismo convergente, convergência no jornalismo estão em consonância com o movimento científico nacional e internacional de circunscrever o jornalismo como objeto de estudo específico no cenário de convergência, com padrões e processos específicos.

Figura 16 – Quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo apropriados teoricamente nas teses e dissertações do PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG selecionadas pelo recorte desta dissertação.

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Salaverría, 2003, apud. Agnez, 2011, p. 80)

- 1) **empresarial**: discute a apropriação da internet pelas instituições jornalísticas dentro do espaço organizacional;
- 2) **tecnológica**: entende os novos modelos de rotinas e produção das notícias a partir das tecnologias, seja no seu modo de produção ou distribuição;
- 3) **profissional**: entende-se as mudanças do exercício da profissão, na qual o jornalista desempenha novos saberes e permite-se a realizar multifunções;
- 4) **dimensão comunicativa**: onde abrem-se novos formatos de linguagens na quais devem se adaptar aos novos meios digitais.

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO= converg*+ência+jornal*+ismo (Kolodzy, 2006, p. 4)

"Quando se trata de jornalismo, convergência significa uma nova maneira de pensar, produzir e distribuir notícias, usando todo o potencial das mídias para alcançar um público diverso e crescentemente disperso. A convergência redireciona a missão principal do jornalismo – informar o público sobre seu mundo da melhor forma possível".

JORNALISMO CONVERGENTE= jornal*+ismo+converg*+ente (Kolodzy, 2006, p. 21-24)

"O jornalismo convergente fornece notícias e informações em mais de um formato, usando os pontos fortes de cada um para melhor servir o público de notícias [...] Tem como objetivo abordar a crescente fragmentação da audiência, ao trabalhar com o avanço da consolidação da propriedade dos grandes grupos de mídia [...] A convergência redireciona o jornalismo à sua missão principal – informar o público sobre seu mundo, da melhor forma possível".

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Salaverría; Negro, 2008, p. 102)

"A convergência jornalística refere-se a um processo de integração de meios de comunicação tradicionalmente separados que afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e o público em todas as fases de produção, distribuição e consumo de conteúdos de qualquer tipo".

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Barbosa, 2008, p. 88)

"Integração entre meios distintos, produção de conteúdos combinando multiplataformas para publicação e distribuição, convergência estrutural com a reorganização das redações e a introdução de novas funções para os jornalistas".

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Scolari, 2008, p. 207)

"No ambiente da convergência jornalística, o profissional deve ter pelo menos três polivalências: funcional ou tecnológica (base do profissional multimídia), temática (sai de cena o setorista e entra o generalista) e midiática (trabalha para vários meios ao mesmo tempo)".

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Barbosa, 2009, p. 3-4)

"Integração entre meios distintos; a produção de conteúdos dentro do ciclo contínuo 24/7; reorganização das redações; jornalistas que são capazes de tratar a informação – a notícia – de maneira correta seja para distribuir no impresso, na web, nas plataformas móveis, etc; a introdução de novas funções além de habilidades multitarefas para os jornalistas; comunidade/audiência ativa atuando segundo o modelo Pro-Am (profissionais em parceria com amadores); emprego efetivo da interatividade, do hipertexto e da hipermedia para a criação de narrativas jornalísticas originais".

CONVERGÊNCIA JORNALÍSTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Salaverría, 2009, p. 7)

"A convergência jornalística é um processo multidimensional que, propiciado pela ampla implantação de tecnologias digitais, afeta atualmente as empresas de mídia e segundo as quais as áreas tecnológica, empresarial, profissional e de conteúdo dessas empresas vivenciam os respectivos fenômenos de movimentação, caracterizado por uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens previamente desintegradas".

JORNALISMO CONVERGENTE= jornal*+ismo+converg*+ente (Wilkinson; Grant; Fisher, 2009, p. 3)

"Mídias de distribuição múltipla estão disponíveis para qualquer história, abrangendo diversas mídias de impressão, de difusão e mídias emergentes que incluem telefones celulares, quadros de mensagem, etc".

CONVERGÊNCIA NO JORNALISMO= converg*+ência+jornal*+ismo (Kolodzy, 2009, p. 37-38)

"Convergência no jornalismo significa o encontro de jornalistas e certos tipos de jornalismo que têm operado em esferas separadas – jornais, revistas, rádio, televisão e on-line – para fornecer notícias de qualidade em todos os formatos diferentes. Essa união pode envolver recursos e informações compartilhados. Pode envolver a elaboração conjunta de reportagens e a produção de projetos. Pode envolver "bandas de um homem só" ou "jornalistas mochila" – uma pessoa fazendo a produção de notícias para todos os formatos diferentes. Pode envolver a narrativa multimídia on-line ou o que poderia ser chamado de "apresentação convergente". Pode envolver algumas ou todas essas variações".

CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES= converg*+ência+redações (García-Avilés; Carvajal; Kaltenbrunner; Kraus; Meier, 2009)

- 1) **Integração plena**: a infraestrutura para produção multiplataforma concentra-se em uma única redação, controlada por um sistema central de notícias e de gestão do fluxo informativo. Nesta plena integração, os jornalistas deveriam receber a devida formação para se adaptar à produção multimídia;
- 2) **colaboração entre redações**: jornalistas trabalham em seções e redações diferentes, mas estão conectados por meio dos seus coordenadores multimídia ou de certas rotinas colaborativas ao longo do fluxo informativo. Neste modelo, existe um intercâmbio de conteúdos e uma comunicação constante entre as equipes responsáveis pelos diferentes suportes, contudo não há necessariamente uma integração da redação;
- 3) **coordenação de suportes isolados**: não há uma organização da integração no fluxo de trabalho, existe apenas uma colaboração voluntária de cada jornalista no processo de elaboração das notícias;

CONVERGENCIA JORNALISTICA= converg*+ência+jornal*+ística (Salaverría; García Avilés; Masip, 2010, p. 59)

"A convergência jornalística é um processo multidimensional que, facilitada pela implantação generalizada das tecnologias digitais da telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desagregadas, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que são distribuídos através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma"

CONVERGÊNCIA DE REDAÇÕES= converg*+ência+redações (García-Avilés; Kaltenbrunner; Meier, 2014)

1) Integração plena: a infraestrutura para produção multiplataforma concentra-se em uma única redação, controlada por um sistema central de notícias e de gestão do fluxo informativo. Nesta plena integração, os jornalistas deveriam receber a devida formação para se adaptar à produção multimídia;

2) colaboração entre redações: jornalistas trabalham em seções e redações diferentes, mas estão conectados por meio dos seus coordenadores multimídia ou de certas rotinas colaborativas ao longo do fluxo informativo. Neste modelo, existe um intercâmbio de conteúdos e uma comunicação constante entre as equipes responsáveis pelos diferentes suportes, contudo não há necessariamente uma integração da redação;

3) coordenação de suportes isolados: não há uma organização da integração no fluxo de trabalho, existe apenas uma colaboração voluntária de cada jornalista no processo de elaboração das notícias;

Fonte: Autor (2025).

O movimento de circunscrição do jornalismo como objeto específico de investigação, observado nos trabalhos analisados, oferece subsídios relevantes para os estudos teóricos e empíricos do Jornalismo. Tais subsídios foram coletados, organizados e sistematizados nesta dissertação. Por exemplo, mesmo que o conceito de convergência esteja rodeado de perspectivas mercadológicas, utópicas e neoliberalistas, os estudos que se ocupam dele estão na maioria das vezes tentando descrever e analisar as transformações do jornalismo, assim como foi verificado no quadro teórico dos trabalhos analisados dos PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG. Defende-se que os conceitos de convergência específicos do Jornalismo continuam sendo úteis para compreender as mudanças na atividade jornalística e na pesquisa em Jornalismo. Mesmo que o último conceito mencionado tenha sido publicado em 2014, todas as definições citadas carregam sistematizações importantes para se compreender o jornalismo atualmente. O esforço das futuras pesquisas é aprimorar esses conceitos a partir de novas observações empíricas que devem tensionar os conceitos e definições precedentes e fomentar o avanço nas definições de tais conceitos.

Embora os estudos da convergência pareçam abordar somente a tecnologia de ponta do mercado, eles vão além. Compreendeu-se que os conceitos oriundos da convergência foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG de um modo em que as investigações fossem capazes de abarcar as diversas fases do processo de produção jornalística e a relação com o processo de convergência, o que facilita na hora das análises. Ao fazer isso, os pesquisadores/as estariam estudando o Jornalismo e desenvolvendo insumos para pesquisas que tentam especificar o que é próprio do jornalismo no processo de convergência – repositórios de teses e dissertações são bases de dados que sistematizam insumos que podem ser usados em pesquisas. A presente dissertação por si só é uma sistematização de insumos teóricos que podem ser mobilizados por pesquisadores no futuro.

Por fim, para compreender qual a processualidade da construção dos conceitos durante os anos e como os modos de apropriação foram mudando é só revisitar os tópicos analíticos anteriores. Porém, um problema geral é que a construção dos conceitos foi perdendo força na academia, visto que a última conceituação mapeada é de 2014, há 11 anos. Ou seja, não houve outras conceitualizações após isso dentro dos trabalhos analisados.

Acredita-se que isso aconteceu porque nos últimos 10 anos o conceito de convergência passou por uma crise dentro das pesquisas e foi essa crise que impulsionou esta pesquisa. Expõe-se isso porque, atualmente, a tecnologia tem sido relacionada a diversos problemas sociais (ex. desinformação, privacidade de dados, manipulação de algoritmos, concentração dos meios de comunicação), talvez por isso, o estranhamento do conceito de convergência nos últimos anos e o risco utópico que ele representa. A convergência como conceito surgiu nos anos 1970 a partir de uma perspectiva tecnológica, num período no qual as discussões sobre a internet (1980/1990) e suas mudanças nos modos de se comunicar estavam ligadas a uma perspectiva que enxergava essas mudanças como positivas/libertárias/democráticas. Com o passar do tempo percebeu-se que essas mudanças não eram tão positivas assim e possuíam uma dinâmica nociva ao Jornalismo e a outras esferas sociais. O conceito de convergência passou então por um processo intenso de revisão e crítica, mas que na maioria das vezes ficava só no criticismo, sem avançar na definição, lembrando que não é uma máxima, mas uma interpretação.

5 CONCLUSÃO

Os principais resultados da análise proposta e feita nesta dissertação mostram que:

1. As teses e dissertações analisadas que se pautam no marco teórico da convergência, possuem quadros teóricos ancorados em conceitos gerais e em conceitos específicos do Jornalismo que citam a convergência a partir dos padrões do jornalismo.
2. Os conceitos apropriados foram publicados entre 2003 e 2014, pelos espanhóis José García-Avilés, Pere Masip, Ramón Salaverría e Samuel Negrodo, o alemão Klaus Meier, o austríaco Andy Kaltenbrunner, os norte-americanos August Grant, Douglas Fisher, Janet Kolodzy e Jeffrey Wilkinson e a brasileira Suzana Barbosa.
3. Os quadros teóricos dos trabalhos analisados no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG apresentam quatro conceitos de convergência específicos do Jornalismo com 12 definições diferentes, que ilustram fenômenos que transformaram o jornalismo, as empresas jornalísticas, os jornalistas, as notícias, os processos jornalísticos, a pesquisa científica da área e o ensino em Jornalismo nos últimos 30 anos.
4. Foi compreendido que os conceitos oriundos da convergência foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG de um modo em que as investigações abarcam as diversas fases do processo de produção jornalística e investigam quais são as suas relações com o processo de convergência. Ou seja, não ficam somente no plano macro da significação da convergência na área da Comunicação e na grande área das Ciências Sociais, e partem para as particularidades do jornalismo.
5. A construção dos conceitos de convergência foi perdendo força, visto que a última conceituação significativa mapeada é de 2014, há 11 anos. Porém, o uso desses conceitos continua na academia, visto que foram analisadas dissertações da década de 2020 que usam tais conceitos em seus referenciais teóricos. Há duas hipóteses, 1) os conceitos estão bem assentados e não precisam de revisões; 2) a tarefa de revisão é necessária, porém não está na agenda do Jornalismo Digital. Se esses conceitos continuam sendo usados pelos pares de pesquisa para descrever uma síntese dos processos jornalísticos no século XXI, a indicação é que se volte a tensionar e descrever tais conceitos. Especialmente, em um cenário no qual a Inteligência Artificial é usada com frequência no jornalismo (Pinto; Barbosa, 2024) e pode modificar sua dimensão empresarial, tecnológica, profissional e comunicativa.

A historicização da formação da área de pesquisa brasileira especializada no Jornalismo Digital (primeiro objetivo específico) foi útil para a compreensão de como os conceitos oriundos da convergência foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG (objetivo geral). Todo movimento de historicização é útil em uma pesquisa científica, pois ajuda o pesquisador/a a se orientar a partir do processo histórico e a não derivar sem contexto.

Interpreta-se que os modos como os conceitos foram apropriados teoricamente no PPGJor-UFSC e PPGJor-UEPG foram orientados pela genética da área de pesquisa brasileira especializada no Jornalismo Digital. Por sua vez, a área brasileira foi formada principalmente a partir de relações com pesquisadores norte-americanos e europeus e o quadro teórico dos trabalhos analisados perpetuam essa genealogia de usar norte-americanos e europeus.

Só foi possível constatar isso a partir da historicização da formação dessa área no Brasil e da construção do capítulo teórico *Conceito de convergência na Comunicação e Jornalismo*, as informações contextuais da formação da área foram cruzadas com os marcos teóricos abordados no referencial teórico. Por exemplo, foi discutido no tópico contextual *Anos 1990 e o preâmbulo do Jornalismo Online e dos usos sociais da Mídia* e no tópico teórico *A processualidade teórica da convergência no Brasil*, que os precursores desta área de pesquisa no país foram os pesquisadores do GJOL. Não coincidentemente, Suzana Barbosa, líder do grupo, foi a única representante do Brasil que teve conceitos de convergência específicos do Jornalismo utilizados nos quadros teóricos da UFSC – as dissertações da UEPG analisadas a partir do recorte da dissertação não utilizaram brasileiros.

Ao selecionar os trabalhos a partir dos conceitos da convergência (segundo objetivo) foi possível compreender como os conceitos oriundos da convergência são apropriados teoricamente na UFSC e UEPG pois como visto na metodologia, no processo de seleção dos trabalhos, especificamente durante a aplicação do segundo critério (aplicar uma revisão bibliométrica nas dissertações do PPGJor-UFSC e nas dissertações e tese do PPGJor-UEPG usando como palavra indexadora o radical *converg*), notou-se que diversos trabalhos dos programas citam a convergência em diferentes capítulos (metodológico, analítico), não somente no teórico.

Ou seja, os/as produtores dos trabalhos usaram conceitos teóricos em capítulos não teóricos, mesmo esse não sendo o foco da análise, mostra outros exemplos de apropriações teóricas. De 56 dissertações da UEPG, e 168 da UFSC, 22 e 64 citam a convergência. De 21 teses da UFSC, 14 citam a convergência.

Em relação à análise dos trechos teóricos, percebeu-se que as apropriações teóricas foram feitas a partir de conceitos específicos do Jornalismo e com conceitos gerais. Em suma, os conceitos foram apropriados teoricamente nos dois programas de um modo que conceitos gerais e específicos formam juntos o quadro teórico.

O traçamento do quadro teórico dos conceitos de convergência específicos do Jornalismo usados nas teses e dissertações selecionadas (terceiro objetivo) foi feito, ou seja, o terceiro objetivo foi cumprido. O quadro teórico traçado ajuda a responder o objetivo geral, pois ele é a cristalização de quais conceitos oriundos da convergência foram apropriados teoricamente na UFSC e UEPG. No objetivo geral pretendeu-se compreender “como os conceitos são apropriados”, mas para isso primeiro foi necessário cumprir com o terceiro objetivo, que sistematizou quais conceitos foram apropriados. Em outras palavras, primeiro foi necessário reunir quais conceitos foram apropriados (terceiro objetivo), para depois se compreender como eles foram apropriados (objetivo geral). Como revelado nesta pesquisa, interpreta-se que os quadros teóricos podem ser moldadas pela dinâmica dos grupos de pesquisa e seus integrantes, pela relação com orientadores, docentes e outros discentes: se um discente participa de grupo *x* que lê autores/as *a* e *b*, ele até pode usar outros autores (*y* e *z*), mas ele tem mais chance de se apropriar teoricamente de autores *a* e *b* do que *y* e *z*, e se mesmo assim se apropriar de *y* e *z* ainda terá em sua genealogia o conhecimento de *a* e *b* inter cruzado com *y* e *z*.

Por fim, foi possível cumprir com o objetivo geral de compreender como os conceitos oriundos da convergência foram apropriados teoricamente na UFSC e UEPG. A análise mostrou que o quadro teórico de cada dissertação ou tese é formado por duas instâncias, Científica e Laboral, ambas orientadas pela genética de cada autor ou autora. 1) Científica: por exemplo, o que os autores/as das teses e dissertações falam sobre o desenvolvimento do conceito na academia, qual o significado teórico do conceito para eles, quais são as fases e etapas do jornalismo e onde a convergência aparece nas sistematizações; 2) Laboral: o que os autores/as falam sobre o conceito a partir de exemplos empíricos, quais são os significados ordinários e de senso comum da convergência. A perspectiva científica mescla-se com a perspectiva laboral no processo sintagmático e paradigmático de construção da pesquisa e formam juntos o quadro teórico, assim, autores/as dos trabalhos se apoiam em contribuições teóricas e nos exemplos empíricos e de senso comum sobre o conceito. Ou seja, as teses e dissertações são flexionadas pela teoria e prática na construção do quadro teórico, pois ambas as instâncias aparecem na discussão dos resultados.

Posto que os conceitos recebem contribuições teóricas e práticas, também se reforça que eles são produzidos por um corpo de pessoas que se baseiam em seus estudos autorais e em autoras/es da área, portanto, seguem uma genealogia na construção dos seus quadros teóricos. Notou-se que quatro fatores principais moldam os modos de como conceitos da convergência são apropriados teoricamente na UFSC e UEPG: 1) relação entre orientador e orientado; 2) paradigmas do ambiente de produção do trabalho e da área científica; 3) participação em grupos de pesquisa; 4) relação entre docente e estudante em disciplinas; 5) trocas e diálogos, por exemplo, em eventos, cursos e em outros espaços.

Estes fatores são processuais e ajudam na construção da pesquisa, pois auxiliam no processo de caracterização dos trabalhos. Um processo no qual os quadros teóricos precedentes e próprios dos orientandos se cruzam com os dos orientadores na construção do referencial teórico e dos novos quadros teóricos. Por exemplo, orientador ou orientadora apresenta textos para seus orientados, que por sua vez levam outros textos para a orientação, até mesmo novas perspectivas sobre textos já usados. A dinâmica possui um centro de controle que organiza os paradigmas e as lacunas da área. Docentes e discentes são representados pelo PPG que fazem parte, que por sua vez tem seus paradigmas próprios que se interconectam com paradigmas do campo macro do Jornalismo. Trocas em grupos de pesquisa e extensão, cursos, congressos e eventos, por exemplo, podem influenciar os quadros teóricos precedentes e os novos quadros teóricos.

A dissertação também oferece uma contribuição teórica para entender as apropriações brasileiras do conceito de convergência: constatou-se que os autores/as brasileiros possuem afinidade com as concepções europeias acerca da convergência, assim como a proposta por Salaverría (2003). Por exemplo, Salaverría (2004) já trabalhou com Fidalgo (Fidalgo; Serra, 2004). Por sua vez, Barbosa imprime as ideias de Salaverría (ao citá-lo no seu referencial) e de Fidalgo (por meio de orientação no estágio doutoral) na sua dissertação (Barbosa, 2002) e tese (Barbosa, 2007) e no seu texto de 2008, que é um recorte dos resultados da tese. Os espanhóis desenvolveram pesquisas com pesquisadores/as brasileiros nos anos 2000, inclusive, com pesquisadores/as do GJOL⁵³ (Díaz Noci; Salaverría; Mielniczuk, 2008; Micó; Masip; Barbosa, 2009). Ou seja, a partir do recorte desta dissertação, percebe-se que a construção do conceito de convergência, especificamente, no Brasil e na área do Jornalismo Digital, foi tocada principalmente por ideias europeias – mas também por autores/as de outros países, aconteceu que a Europa se sobressai.

⁵³ Disponível em: gjol.net/2007/06/pesquisadores-do-brasil-e-espanha-reunem-se-em-barcelona/. Acesso em 28 jun. 2025.

Por meio de um processo de internacionalização da pós-graduação brasileira que estabeleceu parcerias com pesquisadores/as europeus, como visto na trajetória de Barbosa na seção *A Processualidade Teórica da Convergência no Brasil*. Por exemplo, além de sua própria definição de convergência jornalística, Barbosa (2008) dialoga com a definição de convergência jornalística de Salaverría, García-Avilés e Masip:

Acolhemos as quatro esferas adotadas pelo projeto “Convergencia digital en los medios de comunicación”, o qual envolve 25 pesquisadores de 12 universidades espanholas. No documento teórico-conceitual do projeto, Ramón Salaverría, José Alberto García-Avilés e Pere Masip (2007:20) propõem a seguinte definição operacional: La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta al ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que los periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios de cada una. (Salaverría, García-Avilés, Masip, 2007:20) (Barbosa, 2008, p. 95-96).

Mesmo sendo um projeto que visava olhar a realidade espanhola, a proposta conceitual dos espanhóis Salaverría, García-Avilés e Masip (2010) foi e ainda é usada como base teórica por autores/as de diversos países e contextos. Inclusive pela equipe do projeto espanhol, que foi iniciado em 2006 e foi coordenado por “Ramón Salaverría (Universidad de Navarra) e financiado pelo Ministerio de Educación y Ciencia [da Espanha]” (Barbosa, 2008, p. 95). Em teses, dissertações e artigos produzidos no âmbito do Brasil, estes são os autores estrangeiros mais mobilizados para definir o conceito de convergência jornalística – junto a Barbosa –, que por sua vez é um dos conceitos da convergência específicos do Jornalismo mais usados nas pesquisas da área.

As limitações e sugestões para futuras pesquisas são as seguintes: há conceitos de convergência explicitamente legítimos e úteis às pesquisas do Jornalismo, isto porque carregam em sua genética e processo construtivo as especificidades da atividade jornalística e as orientações próprias da área de pesquisa do Jornalismo, especificamente, da área especializada no Jornalismo Digital. A tarefa a partir da proposição feita aqui, é revisitar esses conceitos e tentar entender o que ainda funciona, o que se assentou, o que parece dispar, entre outras possibilidades de tensionamentos em prol do desenvolvimento conceitual e teórica da área do Jornalismo e das Teorias do Jornalismo, especialmente, no Brasil, país de produção desta dissertação. A lacuna que essa pesquisa deixa é não entender porque alguns autores/as brasileiros que pesquisam a convergência na área do Jornalismo só usam os conceitos gerais, quando há pesquisadores brasileiros e estrangeiros pesquisando a convergência a partir da perspectiva específica do Jornalismo.

Suzana Barbosa e Salaverría, os autores mais usados nos quadros teóricos deste recorte, mas também outros autores/as abordados nessa pesquisa, começaram estudos nos anos 1990, assim como autores/as que propuseram conceitos gerais. Se há conhecimento brasileiro sobre a convergência e o jornalismo, é difícil de entender porque algumas pessoas se apropriam só de conceitos estrangeiros que focam no plano geral da mídia. Há riscos de usar um conceito que foi pensado a partir da realidade de outro país e dentro dos parâmetros de outras disciplinas. Isso não significa que conceitos gerais não são úteis, mas que até nesses casos o autor/a deve deixar óbvia sua posição no campo científico. Se pesquiso Jornalismo, provavelmente, devo me apropriar teoricamente de conceitos endereçados ao jornalismo.

A respeito da metodologia usada, a principal contribuição metodológica que o uso da Pesquisa da Pesquisa imprime neste trabalho é a noção de que não é necessário esperar que outras áreas do conhecimento olhem para a produção teórica do Jornalismo e entreguem relatórios sobre como ela vem se desenvolvendo. Os próprios pesquisadores focados no Jornalismo, sejam de quaisquer programas (ex. Comunicação, Mídia e Cotidiano, Jornalismo, Multimeios, Comunicação e Semiótica) devem se atentar para a construção crítica de conceitos específicos ao Jornalismo. Para que o jornalismo continue se legitimando como uma profissão digna de formação acadêmica, a sua área de pesquisa deve refletir essa importância através do desenvolvimento profícuo de conceitos e teorias que descrevam o jornalismo. Ou seja, é responsabilidade dos constituintes da área do Jornalismo e das diferentes áreas de pesquisa especializada (ex. Jornalismo Cultural, Radiojornalismo, Jornalismo e Gênero), acompanhar o desenvolvimento teórico do seu próprio campo de pesquisa. A pressão por entrega e produção científica, que é um dos únicos modos de angariar bolsas de estudos e financiamento público através da Capes, CNPq e outros órgãos, muitas vezes, não permite com que o pesquisador/a desenvolva pensamentos teóricos longos. Não que isso seja necessário sempre, mas faz parte do processo de pesquisa a maturação teórica do autor/a.

Esta pesquisa contribui com a comunidade científica na medida em que foi feita para ofertar aos pesquisadores/as do Jornalismo um caminho seguro de como se apropriar do conceito de convergência na área do Jornalismo, verificou-se as dissertações e teses e os conceitos apreendidos, a partir do uso de diferentes filtros para conhecer esse material que é de suma importância para a área. O intuito é colaborar com a sofisticação teórica dos trabalhos que se ocupam de estudar as transformações dos processos jornalísticos, especificamente, aqueles que se baseiam nas conceituações da convergência.

REFERÊNCIAS

AGNEZ, L. F. **Convergência digital na produção da notícia**: Reconfigurações na rotina produtiva dos jornais Tribuna do Norte e Extra. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

AGUIAR, M.; DIETMANN, S. Um curso pioneiro: associando legado de conquistas inéditas e mudanças constantes para atualização, o curso de Jornalismo da UFSC completa 40 anos. **Jornalismo UFSC**, Online, 2019. Disponível em: <https://jornalismo.ufsc.br/um-curso-pioneiro/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

ALEXANDRE LENZI. Curriculum Vitae Alexandre Lenzi. **Lattes/CNPq**, 3. jul. 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7124432264585159>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ALMEIDA, G. C. C. **A mulher na pesquisa em jornalismo: teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e Comunicação do Brasil (1972-2015)**. Orientador: Felipe Simão Pontes. 2018. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ANUNCIAÇÃO, C. A Pesquisa Brasileira em Jornalismo: História e Institucionalização. **Comunicação Midiática**, v. 15 n. 1, 2020. Disponível em: www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/456/409. Acesso em 27 abr 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE JORNALISMO. Nossa história. **ABEJ**, Online, p. 1-1, 2025. Disponível em: abejor.org.br/institucional/nossa-historia/. Acesso em: 11 jul. 2025.

BARBOSA, S. **Jornalismo digital e a informação de proximidade**: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o Uai e o iBahia. Orientador: Marcos Palacios. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

BARBOSA, S. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. Orientador: Marcos Palacios. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BARBOSA, S. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. **Textual & Visual Media**, Espanha, 2008, v. 1, ed. 1, p. 87-106, 2008. Disponível em: textualvisualmedia.com/index.php/txtvmedia/article/view/4/5. Acesso em: 4 jul. 2025.

BARBOSA, S. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, C. (Org.). **Jornalismo On-line: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Sulina, 2009. p. 35-55.

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. (Org.). **Notícias e Mobilidade - Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Portugal: LabCOMBooks, 2013. p. 33-54. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4185374>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BARRETO, A. L.; FILGUEIRAS, C. A. L. Origens da Universidade Brasileira. **Quim. Nova**, Brasil, v. 30, ed. 7, p. 1780-1790, 2007. Disponível em: www.scielo.br/j/qn/a/rzxmW6ggvDDvXJYLBfkg38m/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 4 ago. 2024.

BARRIOS-RUBIO, A. Transformation of the Colombian Radio in the Informative Sonosphere of the SARS-CoV-2. **Journal of Creative Communications**, n. 2, p. 142-161, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/09732586221078524>. Acesso em 16 jul. 2025.

BARRIOS-RUBIO, A.. Information Consumption Habits of Young Colombian University Students. **Journalism and media**, v. 5, n. 3, p. 915–932, 2024. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2673-5172/5/3/58>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BERTOLINI, J. **O Título Jornalístico na Internet**. Orientadora: Raquel Ritter Longhi; Rita de Cássia Romeiro Paulino. 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

BLOG BOITEMPO. Você conhece Antonio Gramsci? **Blog da Boitempo**, Online, p. 1-1, 8 jul. 2021. Disponível em: blogdaboitempo.com.br/2021/12/08/voce-conhece-antonio-gramsci/#comments. Acesso em: 11 jul. 2025.

BOCK, M. A. Together in the Scrum. **Visual Communication Quarterly**, v. 15, n. 3, p. 169–179, 2008. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15551390802235511>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BOCK, M. A. You Really, Truly, Have to “Be There”: Video Journalism as a Social and Material Construction. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 88, n. 4, p. 705-718, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/107769901108800402>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BOCK, M. A. Citizen video journalists and authority in narrative: Reviving the role of the witness. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, v. 13, n. 5, p. 639–653, 2012.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884911421703>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BOCK, M. A. Showing versus telling: Comparing online video from newspaper and television websites. **Journalism: Theory, Practice & Criticism**, v. 17, n. 4, p. 493–510, 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464884914568076>. Acesso em: 16 jul. 2025.

BRONOSKY, M. CABRAL, L. 25 anos de teses e dissertações brasileiras sobre jornalismo na internet. **E-Compós**, n. 25, 2022.

BRONOSKY, M. “Sérgio Luiz Gadini” - Reflexões de um militante no jornalismo brasileiro. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 14, ed. 2, 2016. Disponível em: revistas.usp.br. Acesso em: 2 maio 2024.

CABRAL, T. L. O.; SILVA, F. C.; PACHECO, A. S. V.; MELO, P. A. A CAPES E SUAS SETE DÉCADAS: trajetória da Pós-Graduação stricto sensu no Brasil. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, [S. l.], v. 16, n. 36, p. 1–22, 2020. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1680>. Acesso em: 11 jul. 2025.

CARVALHO, G.; FIGUEIRA, J. Historiografia da censura à imprensa brasileira: tradição, permanência e particularidades. **Tempo**, v. 28 n. 3, Set./Dez. 2022. Disponível em: www.scielo.br/j/tem/a/g4pTYMpFmQtTqQs5B3FYvVL/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 28 abr 2024.

CHAO-CHEN, L. Convergence of new and old media: new media representation in traditional news. **Chinese Journal of Communication**, v. 6, n. 2, p. 183–201, jun. 2013.

CHOULIARAKI, L. RE-MEDIATION, INTER-MEDIATION, TRANS-MEDIATION. **Journalism Studies**, v. 14, n. 2, p. 267–283, 2013. Disponível em: www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1461670X.2012.718559. Acesso em: 16 jul. 2025.

CLALLIANCE. Person: Henry Jenkins. **Connected Learning Alliance**, Online, p. 1-1, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://clalliance.org/person/henry-jenkins/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

COLÓQUIO MULHERES E SOCIEDADE. Sobre. **UEPG**, Online, p. 1-1, 24 fev. 2025. Disponível em: siseve.apps.uepg.br/es/coloquiogenero2025/sobre-o-coloquio-mulheres-e-sociedade. Acesso em: 10 jul. 2025.

COSTA, A. Jornalismo, compartilhamento e credibilidade no contexto pós-industrial. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU On-line**, São Leopoldo, n. 447, 2014. Disponível

em: <https://www.ihuonline.unisinos.br//media/pdf/IHUOnlineEdicao447.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016. 402p.

DAROS, O. Seis décadas de CIESPAL: Troca de papéis e a formação de um campo latino-americano. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, ed. 150, p. 161-176, 21 ago. 2022.

DEUZE, M. Journalism and the Web. **Gazette (Leiden, Netherlands)**, v. 61, n. 5, p. 373–390, 1999. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016549299061005002>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEUZE, M. What is multimedia journalism? **Journalism Studies**, v. 5, n. 2, p. 139–152, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670042000211131>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DEUZE, M. Convergence culture in the creative industries. **International Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, p. 243–263, 2007. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1367877907076793>. Acesso em: 15 jul. 2025.

DIAS, H. NOSSA HISTÓRIA EM UMA LINHA DO TEMPO. **Jornal USP**, Online, p. 1-1, 25 jan. 2024. Disponível em: jornal.usp.br/universidade/usp-90-anos-nossa-historia-em-uma-linha-do-tempo/. Acesso em: 10 jul. 2025.

DÍAZ NOCI, J.; SALAVERRÍA, R., MIELNICZUK, L. Narratividad. In: DÍAZ NOCI, J. PALACIOS, M. (Orgs.) **Ciberperiodismo: métodos de investigación**. Una aproximación multidisciplinar en una perspectiva comparada. Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2008. p. 63-83. Disponível em: <https://web-argitalpena.adm.ehu.es/pdf/UWLGCI7246.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2025.

DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, 2024. Disponível em: lattes.cnpq.br. Acesso em: 10 jul. 2025.

DODDS, T. Emergence of Rebellious Digital Press in Chile: Divergence, Engagement and Impact. **Media Watch**, v. 8, n. 3, p. 143–156, 2017. Disponível em: www.ssoar.info/ssoar/handle/document/74816. Acesso em: 16 jul 2025.

DODDS, T. Reporting with WhatsApp: Mobile Chat Applications' Impact on Journalistic Practices. **Digital Journalism**, v. 7, n. 6, p. 725–745, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2019.1592693>. Acesso em: 16 jul. 2025.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: www.scielo.br/j/ea/a/6fB3CFy89Kx6wLpwCwKnqfS/?lang=pt. Acesso em: 04 ago. 2024.

DUARTE, C. L. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX – dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ELIAS MACHADO GONÇALVES. Curriculum Vitae Elias Machado Gonçalves. **Lattes/CNPq**, 28 mar. 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7541698404489166>. Acesso em: 17 jul. 2025.

ERDAL, I. J. Repurposing Of Content In Multi-Platform News Production. **Journalism Practice**, v. 3, n. 2, p. 178–195, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512780802681223>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ERDAL, I. J. Coming to Terms with Convergence Journalism: Cross-Media as a Theoretical and Analytical Concept. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 17, n. 2, p. 213–223, 2011.

ESTUDOS EM JORNALISMO. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 2, 2004. DOI: 10.1590/rbcc.v27i2.1070. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1070>. Acesso em: 20 fev. 2026.

FAWZY, R. M. Neoliberalizing news discourse: A semio-discursive reading of news gamification. **Discourse & Communication**, v. 13, n. 5, p. 497–515, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1750481319856202>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FAWZY, R. M. Let's Play News!: An SFL Approach to Aesthetic Interactivity of Gamified News. **Games and Culture**, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1555412020920047>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. FENAJ: compromisso com a liberdade, a ética e a valorização do jornalismo. **FENAJ**, Online, p. 1-1, 2025. Disponível em: <https://fenaj.org.br/fenaj/a-federacao/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

FLORES, A. M. M. **Apropriações do Twitter pelo Jornalismo de Moda no Brasil**. Orientadora: Raquel Ritter Longhi. 2012. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

FRANÇA, V. Alcance e variações do conceito de midiatização. *In: Ferreira et al. Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização*. Santa Maria: FACOS/UFSM, 2020.

FREDERICK, H. The life work of Ithiel De Sola Pool: an assessment and bibliography. **Coloquium in International Communication - The American University**, 1981.

Disponível em:

https://www.academia.edu/30119424/The_Life_and_Work_of_Ithiel_de_Sola_Pool. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRIGHETTO, M. **Uma Escola de Jornalismo: o poder e o saber na história do projeto pedagógico do curso da UFSC**. Orientador: Eduardo Meditsch. 2016. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GADINI, S. L. Três Décadas e Meia de Formação Jornalística nos Campos Gerais do Paraná: ensino integrado e extensão comunitária no curso de jornalismo da UEPG (1985-2020). *In: AMARAL, M. E. P.; BOMFIM, I.; BRONOSKY, M. E. (Org.). Extensão universitária & Jornalismo: caminhos coletivos*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2021.

GALASTRI, L. **Gramsci, marxismo e revisionismo**. Campinas/SP: Editora Autores Associados, 2022.

GALLIANO, A. G. **O método científico: teoria e prática**. São Paulo, SP: Editora Mosaico, 1979.

GARCÍA-AVILÉS, J. A.; CARVAJAL, M.; KALTENBRUNNER, A.; KRAUS, D.; MEIER, K. Newsroom integration in Austria, Spain and Germany: models of media convergence. **Journalism Practice**, Londres (Inglaterra), n. 3, p. 285- 303, 2009.

GARCÍA-AVILÉS, J. A.; KALTENBRUNNER, A.; MEIER, K. Media convergence revisited: lessons learned on newsroom integration in Austria, Germany and Spain. **Journalism Practice**, n. 8, p. 573-584, Londres (Inglaterra), 2014.

GARSON, M. O conceito de convergência e suas armadilhas. **Galaxia**, São Paulo, ed. 40, p. 57-70, 2019. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 28 abr. 2024.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

GRUPO DE PESQUISA EM JORNALISMO ON-LINE. **Apresentação**. Bahia, Brasil, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://gjol.net/apresentacao/>. Acesso em: 4 jul. 2025.

GRUPO DE INVESTIGACIÓN GICOV. **José A. García-Avilés**. Espanha, 2025. Disponível em: <https://gicov.umh.es/jose-alberto-garcia/>. Acesso em: 21 jul. 2025.

GOTTMANN, J. A evolução do conceito de território. **Boletim Campineiro De Geografia**, 2012. Disponível em: publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2458. Acesso em: 12 ago. 2024.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOŁODZY, J. **Convergence Journalism. Writing and reporting across the news media**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishing Group Inc., 2006.

KOŁODZY, J. Convergence explained: playing catch-up with news consumers. In: GRANT, A. E.; WILKINSON, J. S. **Understanding media convergence: the state of the field**. Nova Iorque (EUA): Oxford University Press, p. 31-51, 2009.

LE CAM, F.; PEREIRA, F. H. **Um Jornalista On-line mundializado: sócio-história comparativa**. Florianópolis: Insular, 2022. p. 11-44.

LENZI, A. **Inversão de papel: prioridade ao digital como um novo ciclo de inovação para jornais de origem impressa**. Orientadora: Raquel Ritter Longhi. 2017. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

LIN, C. C. Convergence of new and old media: new media representation in traditional news. **Chinese Journal of Communication**, v. 6, n. 2, p. 183–201, 2013. Disponível em: <https://j1q.cn/k7knN98Z>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LIN, C. C. Effect of convergence in the transformation of traditional newspapers: A comparative study on the New York Times and the Guardian. **Mass Communication Research**, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/288401189_Effect_of_convergence_in_the_transformation_of_traditional_newspapers_A_comparative_study_on_the_New_York_Times_and_the_Guardian. Acesso em: 16 jul. 2025.

LONGHI, R. R.; LIRA, D. M.; MOURA, M. C.; SANTOS, D. C. “*Strategy sets the scene for the tail*”. Mediamorfose do The Guardian e Taylor Swift como estratégia jornalística. **Mídia e Cotidiano**, v. 19, n. 2, p. 57-78, 11 jun. 2025.

LOPES, F. L. **Ser jornalista no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 83-153.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 1988. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988. . Acesso em: 08 dez. 2025.

LUCENA, L. C. **O uso das métricas de audiência no webjornalismo do Amapá: um estudo sobre a redação virtual do site SelesNafes.com**. Orientadores: Cintia Xavier; Ivan Bomfim. 2020 Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

LUZ, A. L. L.; BOMFIM, I. Convergência Jornalística: Uma revisão de métodos das Dissertações e Teses do banco da Capes (2012-2017). Palmas, **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, 2019. p. 335-358.

MACHADO, E. Metodologias de pesquisa em jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. **Brazilian journalism research**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 10–28, 2010. DOI: 10.25200/BJR.v6n1.2010.245. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/245>. Acesso em: 22 feb. 2026.

MALDONADO, A. E. *et al.* **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, trilhas e processos**. 2. ed. atual. e aum. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011. 303 p.

MARTINS, A. A. L.; REIS, A. S. D. Sobre a migração de conceitos: uma discussão necessária. **XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013)**, Portal de Eventos da ANCIB, p. 1-19, 2013. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/183985>. Acesso em: 28 nov. 2025.

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. Nicholas Negroponte. **Massachusetts Institute of Technology Media Lab**, Online, p. 1-1, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://web.media.mit.edu/~nicholas/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MASSACHUSETTS INSTITUTE OF TECHNOLOGY. A brief history of the Media Lab. **Massachusetts Institute of Technology Media Lab**, Online, p. 1-1, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://www.media.mit.edu/about/history/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MEDITSCH, E. Crescer para os lados ou crescer para cima: o dilema histórico do campo acadêmico do jornalismo. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [s. l.], p. 1-8, 1999. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-dilema-historico-jornalismo.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MEDITSCH, E.; SEGALA, M. Trends in Three 2003/4 Journalism Academic Meetings. **Brazilian Journalism Research**. v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/35>. Acesso em: 11 jul. 2025.

MEDITSCH, E.; AYRES, M. D. L. B.; BETTI, J. G. Dez anos do POSJOR UFSC: relato do percurso e perfil da produção. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, ed. 2, p. 75-88, 2017. Disponível em: periodicos.ufsc.br. Acesso em: 28 abr. 2024

MELO, J. M. **Sociologia da Imprensa Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1973. 163 p.

MELO J. M. A constituição da comunidade acadêmica brasileira no campo das ciências da comunicação. In: LOPES, M. I. V. **Vinte anos de ciências da comunicação no Brasil: avaliação e perspectivas**. 1. ed. Santos: Unisanta, 1999. v. 1, p. 49-72.

MELO, J. M. Escola latino-americana de comunicação: gênese e perspectivas. Argentina, **Intersecciones en comunicación**, v.1, n.1., 2000.

MELO, J. M. **História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual**. São Paulo: Paulus, 2012.

MICÓ, J.; MASIP, P.; BARBOSA, S. Modelos de convergência empresarial na indústria da informação: Um mapeamento de casos no Brasil e na Espanha. **Brazilian Journalism Research**, v. 5, n. 1, p. 127–145, 2009. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/198>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MORTENSEN, M. When citizen photojournalism sets the news agenda: Neda Agha Soltan as a Web 2.0 icon of post-election unrest in Iran. **Global Media and Communication**, v. 7, n. 1, p. 4–16, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1742766510397936>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MORTENSEN, M. Metacoverage taking the place of coverage: wikiLeaks as a source for the production of news in the digital age. **Northern Lights: Film and Media Studies Yearbook**, v. 10, n. 1, p. 91–106, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.1386/nl.10.1.91_1. Acesso em: 16 jul. 2025.

MORTENSEN, M. “The image speaks for itself” – or does it? Instant news icons, impromptu publics, and the 2015 European “refugee crisis”. **Communication and the Public**, v. 1, n. 4, p. 409–422, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2057047316679667>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MOTTA, L. G. Pesquisa em jornalismo no Brasil: o confronto entre os paradigmas midiocêntrico e sociocêntrico. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 7, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/339>. Acesso em: 22 fev. 2026.

NICOLETTI, J. **Precarização e qualidade no jornalismo: condições de trabalho e seus impactos na notícia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 23-61.

NOGUERA-VIVO, J. M. Panorámica de la convergencia periodística: los caminos hacia la redacción Google. **El Profesional de la Información**, v. 19, n. 6, p. 652–657, 2010. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/298497269_Overview_of_the_journalistic_convergence_The_paths_towards_the_Google_newsroom. Acesso em: 16 jul. 2025.

NOGUERA-VIVO, J. M. You get what you give: Sharing as a new radical challenge for journalism. **Communication & Society**, v. 31, n. 4, p. 147–158, 2018. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/35678>. Acesso em: 16 jul. 2025.

OLIVEIRA, A. J. B. Uma breve história da UFRJ. **Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, p. 1-6, 2020. Disponível em: [ufrj.br/acesso-a-informacao/institucional/historia/#:~:text=Em%207%20de%20setembro%20de,Rio%20de%20Janeiro%20\(URJ\)](ufrj.br/acesso-a-informacao/institucional/historia/#:~:text=Em%207%20de%20setembro%20de,Rio%20de%20Janeiro%20(URJ)). Acesso em: 4 ago. 2024.

OLIVEIRA, H. Influência e atualidade de Paulo Freire nos estudos em comunicação e no jornalismo: o retorno ao pensamento freiriano diante dos desafios contemporâneos. São Paulo, **Extraprensa**, v. 15, n. 1, p. 66-80, 2021.

OLIVEIRA, L. A. A. **Comunicação de dados e teleprocessamento**: uma abordagem básica. São Paulo: Atlas, 1986.

ORTIZ, R. **A Moderna Tradição Brasileira**: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. 223 p.

PALACIOS, M.; MACHADO, E. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL; Calandra, 2003, p. 233. Disponível em: <gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/book-modelos-jornalismo.pdf>. Acesso em 10 jul. 2025.

PARK, R. E. A Notícia como Forma de Conhecimento: um capítulo da Sociologia do Conhecimento. In: BERGER, C.; MAROCCO, B. **A Era Glacial do Jornalismo Vol 2**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 51-70.

PEUCER, T. Os relatos jornalísticos. **Estudos de Jornalismo e Mídia**. v. 1, n. 2, 2004.

PINTO, A. F. M. **De Pele Escura E Tinta Preta: A Imprensa Negra Do Século XIX (1833-1899)**. Orientadora: Eleonora Zicari Costa de Brito. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PINTO, L. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

PINTO, M. C.; BARBOSA, S. Artificial Intelligence (AI) in Brazilian Digital Journalism: Historical Context and Innovative Processes. **Journalism and Media**, v. 5, n. 1, p. 325-341, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/journalmedia5010022>. Acesso em: 10 jul. 2025.

PLATAFORMA LATTES. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, 2025. Disponível em: <https://lattes.cnpq.br/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

POOL, I. **Technologies of freedom**. 1. ed. Estados Unidos: Harvard University Press, 1983. 299 p. v. 1. ISBN 0-674-87233-9.

PLATAFORMA SUCUPIRA. Observatório da Pós-Graduação. **CAPES**, 2024. Disponível em: <https://sucupira-v2.capes.gov.br/>. Acesso em: 04 ago. 2024.

PONTES, F. S. **Teoria e história do jornalismo: desafios epistemológicos**. Orientadora: Gislene da Silva. 2009. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PONTES, F. S. **Adelmo Genro Filho e a Teoria do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015.

PONTES, F. S. Epistemologia e Jornalismo: revisão bibliométrica de artigos (1998-2022). **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 11, n. 1, p. 77-96, 2024. Disponível em: revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/23334 Acesso em: 15 jul. 2025.

PONTES, F.; ALMEIDA, G. C. C. A pesquisa acadêmica sobre jornalismo na pós-graduação brasileira: dados sobre as teses e dissertações publicadas nos programas de Comunicação e Jornalismo (1972-2015). **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, SC, v. 14, ed. 12, p. 9-21, 2018. Disponível em: periodicos.ufsc.br. Acesso em: 4 maio 2024.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA. Grupos de pesquisa. **PPGCom-UFPA**, Online, 2023. Disponível em: <https://www.ppgcom.ufpa.br/index.php/pesquisa>. Acesso em: 4 out. 2023.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA. Grupos de pesquisa. **PPGCIC-Unipampa**, Online, 2024. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/grupos-de-pesquisa/>. Acesso em: 4 out. 2023.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO PROFISSIONAL. Grupos de Pesquisa. **PPGCOMPro-UFMA**, Online, 2024. Disponível em: <https://portalpadrao.ufma.br/ppgcompro>. Acesso em 4 out. 2023.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Grupos de Pesquisa. **PPGCOM-UFMA**, Online, 2024. Disponível em: www.ppgcom.ufma.br/grupos-de-pesquisa/. Acesso em 4 out. 2023.

QUINN, S. An Intersection of Ideals: Journalism, Profits, Technology and Convergence. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 10, n. 4, p. 109–123, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/135485650401000409>. Acesso em 15 jul. 2025.

QUINN, S. NewsLink Indiana: a learning laboratory for the news industry. **Australian journalism review**, v. 26, n. 2, p. 111-119, 2004. Disponível em: https://dro.deakin.edu.au/articles/journal_contribution/NewsLink_Indiana_a_learning_laboratory_for_the_news_industry/21058813. Acesso em: 16 jul. 2025.

REBOLHO, A. J. M. **Dimensões para a produção de alimentos derivados da biologia sintética e o papel da convergência tecnológica**. Orientadora: Kelly Lissandra Bruch. 2023. Tese (Doutorado em Agronegócios) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios, Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Porto Alegre, 2023.

REICH, Z. Comparing News Reporting Across Print, Radio, Television and Online: Still distinct manufacturing houses. **Journalism Studies**, v. 17, n. 5, p. 552–572, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1006898>. Acesso em: 16 jul. 2025.

REVISTA PAUTA GERAL - ESTUDOS EM JORNALISMO. Sobre a revista. **Pauta Geral**, Online, 2025. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/about>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RIBEIRO, A. P. G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, RJ, ed. 31, p. 147-160, 2003. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2186>. Acesso em: 28 abr. 2024.

RIBEIRO, M. P.; BARRADAS, O. C. M. **Telecomunicações: sistemas analógico-digitais**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1980.

ROBINSON, S. Traditionalists vs. Convergents: Textual Privilege, Boundary Work, and the Journalist–Audience Relationship in the Commenting Policies of Online News Sites. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v. 16, n. 1, p. 125–143, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1354856509347719>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ROBINSON, S. Convergence Crises: News Work and News Space in the Digitally Transforming Newsroom. **Journal of Communication**, v. 61, n. 6, p. 1122–1141, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2011.01603.x>. Acesso em: 16 jul. 2025.

ROCHA, P. M. **Rumos do Jornalismo na Sociedade Digital: Brasil e Portugal**. Orientador: Jorge Pedro Sousa. 2008. 171 f. Pós-Doutorado (Comunicação), Universidade Fernando Pessoa, 2008. Disponível em: bdigital.ufp.pt. Acesso em: 28 abr. 2024.

ROCHA, P. M. O processo de profissionalização do jornalismo no Brasil e seus embates ao longo do século XX e XXI. In: BONELLI, M. G.; SIQUEIRA, W. L. **Profissões Republicanas. Experiências brasileiras no profissionalismo**. São Carlos: Edufscar, 2016.

RÜDIGER, F. **As Teorias do Jornalismo no Brasil**. 1. Ed. Florianópolis: Insular, 2021.

SÁBADA, T. **Framing: El Encuadre De Las Noticias**. El Binomio Terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2008.

SABINO, V. B. **As mídias sociais no contexto das rotinas produtivas: tensões, dinâmicas e critérios de noticiabilidade na redação do Jornal Gauchazh**. Orientador: Marcelo Engel Bronosky. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

SALAVERRÍA, R.; AVILÉS, J. A. G.; MASIP, P. (Orgs.) Concepto de convergencia periodística. In: GARCÍA, X. L.; FARIÑA, X. P. **Convergencia Digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, p. 41-64, 2010.

SALAVERRÍA, R. Convergencia de los medios. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Quito, Equador, 2003, ed. 81, p. 32-39, 2003. Disponível em: www.revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/1471/1500. Acesso em: 4 jul. 2025.

SALAVERRÍA, R. El impacto de internet en los medios de comunicación en España. Aproximación metodológica y primeros resultados. In: Fidalgo, A.; Serra, P. (Orgs.). **Actas dos III SOPCOM, IV LUSOCOM e II IBÉRICO (21-24 abril 2004); vol. I ‘Estética e Tecnologias da Imagem’**. Portugal: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, p. 361-369, 2004.

SALAVERRÍA, R. Los medios de comunicación ante la convergencia digital. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE CIBERPERIODISMO Y WEB 2.0, 1., 2009, Bilbao. **Actas [...]** Bilbao: Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, 2009. CD-ROM.

SALAVERRÍA, R. Estructura de la convergencia. In: LÓPEZ, X.; PEREIRA, X. (Orgs.). **Convergencia digital**. Reconfiguración de los medios de comunicación en España. Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela, 2010. p. 27-40.

SALAVERRÍA, R. “Digital journalism: 25 years of research. Review article”. **El profesional de la información**, v. 28, n. 1, 2019.

SALAVERRIA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Sol90media, 2008. p. 188.

SALZBURG GLOBAL LECTURE SERIES. Ithiel de Sola Pool Lecture. **Salzburg Global**, Online, p. 1-1, 10 jul. 2025. Disponível em: <https://www.salzburgglobal.org/multi-year-series/lectures/pageId/9332>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTAELLA, L. As linguagens como antídoto para o mediacentrismo. **Revista Matrizes**, n.1, 2007.

SANTOS, D. C.; ROCHA, P. M.; ANDRÉ, H. A. Conceituações sobre ‘convergência jornalística’ em programas de pós-graduação *stricto sensu* em jornalismo do Brasil. In: **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação-PUC-Minas**, 46, 2023.

SANTOS, D. C.; ROCHA, P. M.; ANDRÉ, H. A. Periodismo en la Web, Periodismo Digital, Periodismo Online, Convergencia Periodística: la trayectoria científica brasileña en los últimos 30 años. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, Ecuador: CIESPAL, ed. 154, p. 139-158, 2023. Disponível em: www.revistachasqui.org. Acesso em: 4 maio 2024.

SCHOENHERR, R. WOITOWICZ, K. J. “**O Jornalismo brasileiro na concepção popular de Luiz Beltrão. Jornalismo e Folkcomunicação. Intercâmbios produtivos**”. Aula ministrada no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 23 de abril de 2024.

SCHOOL OF JOURNALISM AND COMMUNICATION. Roger Fidler '66 - 2004 Hall of Achievement Inductee. **School of Journalism and Communication-University of Oregon**, Online, p. 1-1, 2004. Disponível em: <https://journalism.uoregon.edu/hall-achievement/roger-fidler>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SCOLARI, C. **Hipermediaciones**: elementos para una teoría de la comunicación digital interativa. Barcelona: Gedisa, 2008.

SENO, P. Século 20. Escola de Frankfurt. **Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas Universidade De São Paulo**, Online, 2 ago. 2024. Hoje na História, p. 1-1. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/170937>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, G. **Do detalhe ao Talhe: dissertações-teses em Comunicação Rural: uma revisão 1978-1988**. Orientador: Wilson da Costa Bueno. 1989. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campos, 1989.

SILVA, G. **Pesquisa da pesquisa: crítica de teses e dissertações em comunicação rural (1978-1988)**. São Paulo, SP: Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), 2019. 134 p. Disponível em:

mediato.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/04/silva_gislene_pesquisa-da-pesquisa.pdf. Acesso em: 28 abr. 2024.

SILVA, D. **A Reconfiguração da Leitura na Webnotícia: Aspectos Sociocognitivos e Culturais**. Orientadora: Raquel Ritter Longhi. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SIMONSON, P.; POOLEY, J.; PARK, D. A história dos estudos de comunicação nas Américas: uma visão dos Estados Unidos. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 3, p. 189–216, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/217038>. Acesso em: 11 jul. 2025.

SINGER, J. B. Strange bedfellows? The diffusion of convergence in four news organizations. **Journalism Studies**, v. 5, n. 1, p. 3–18, 2004. Disponível em: <https://openaccess.city.ac.uk/id/eprint/3465/6/2004BedfellowsJStudiesSinger.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SINGER, J. B. More Than Ink-Stained Wretches: The Resocialization of Print Journalists in Converged Newsrooms. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 81, n. 4, p. 838–856, 2004. Disponível em: <https://openaccess.city.ac.uk/id/eprint/4002/1/2004WretchesJMCQSinger.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SOUSA, M. C. E. **A Dinâmica da Notícia nas Redes Sociais na Internet**. Orientadora: Raquel Ritter Longhi. 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SUZANA OLIVEIRA BARBOSA. Curriculum Vitae Suzana Oliveira. **Lattes/CNPq**, 8 jul. 2025. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9996611434714336>. Acesso em: 17 jul. 2025.

THIBES, F. R. A Produção Jornalística em Webrádios Públicas Catarinenses: os casos da Rádio AL e da Rádio Ponto. Orientador: Eduardo Meditsch. 2014. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. A história dos primeiros professores da Universidade. **Portal USP São Carlos**, Online, p. 1-1, 25 jan. 2024. Disponível em: <https://saocarlos.usp.br/a-historia-dos-primeiros-professores-da-universidade/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Origens. **ECA-USP**, Online, p. 1-1, 2025. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/institucional/da-ecc-ea>. Acesso em: 11 jul. 2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. História. **Dejor-UEPG**, Online, p. 1-1, 2025. Disponível em: <https://www2.uepg.br/dejor/historia/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. PPGJOR 15 anos: evento comemorativo propôs reflexão sobre a prática e a pesquisa em jornalismo. **PPGJor-UFSC**, Online, p. 1-1, 9 dez. 2022. Disponível em: <https://ppgjor.posgrad.ufsc.br/?p=10008>. Acesso em: 11 jul. 2025.

WEBER, C. T. **Formatos hipermidiáticos e redes sociais**: apropriações em três webjornais de referência. Orientadora: Raquel Ritter Longhi. 2011. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

WESTLUND, O. New(s) functions for the mobile: a cross-cultural study. **New Media & Society**, v. 12, n. 1, p. 91–108, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1461444809355116>. Acesso em: 16 jul. 2025.

WESTLUND, O. Mobile news: A review and model of journalism in an age of mobile media. **Digital Journalism**, v. 1, n. 1, p. 6–26, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2012.740273>. Acesso em: 16 jul. 2025.

WILKINSON, J. S.; GRANT, A. E.; FISHER, D. J. **Principles of converge Journalism**. New York: Oxford University Press, 2009.

ANEXO A – HISTÓRIA DAS TELECOMUNICAÇÕES

CRONOLOGIA	EVENTOS
1800 - 1837	DESENVOLVIMENTOS PRELIMINARES: descoberta da bateria primária por VOLTA; teorias matemáticas de FOURIER, CAUCHY e LAPLACE; experiências em eletricidade e magnetismo por OERSTED, AMPÈRE, FARADAY e HENRY; lei de OHM (1826); primeiros sistemas telegráficos por GAUSS e WEBER e por WHEATSTONE e COOKE.
1838 - 1866	NASCIMENTO DA TELEGRAFIA: MORSE torna a telegrafia prática pela utilização de eletromagnetos para receber e repetir pulsos e aperfeiçoa seu sistema com o auxílio de GALE, HENRY e VAIL; STEINHEIL descobre que a terra pode ser usada como condutor; a telegrafia passa a ser comercializada a partir de 1844; KELVIN calcula em 1855 a resposta da linha telegráfica a um pulso; os primeiros cabos submarinos telegráficos transatlânticos são instalados por FIELD, em associação com BRETT e BRIGHT.
1845	KIRCHHOFF enuncia suas leis sobre os circuitos elétricos.
1849 - 1868	PRIMEIROS ORGANISMOS INTERNACIONAIS: em 1849 surgem os primeiros organismos internacionais, para relacionamento comercial e entrosamento técnico e operacional; com a proliferação dos acordos e dos organismos internacionais de âmbito restrito, resolve-se em 1865 fundi-los num só, de âmbito geral, embrião da atual UIT; em 1868 a UIT se estabelece com sua primeira sede em Berna (Suíça).
1864	Surge a clássica obra de MAXWELL, "A Dynamical Theory of Electromagnetic Field", onde aparece a previsão da radiação eletromagnética.
1871	MEYER inventa o distribuidor, criando as bases do TDM telegráfico.
1874	BAUDOT realiza o seu aparelho telegráfico, dando um forte impulso à telegrafia.
1876 - 1899	NASCIMENTO DA TELEFONIA: BELL consegue realizar um transdutor acústico, sugerido por BOURSEUIL e tentado por REIS; a primeira central telefônica, com 8 linhas, é instalada em New Haven, Connecticut; EDISON realiza a cápsula de grãos de carvão (microfone) e o fonógrafo; STROWGER inventa a comutação automática passo-a-passo (1887); HEAVISIDE, KRARUP, PUPIN e CAMPBELL desenvolvem a teoria da compensação da capacitância nos cabos (princípio da equalização).
1887 - 1907	NASCIMENTO DAS RADIOCOMUNICAÇÕES: HERTZ verifica experimentalmente a teoria de MAXWELL; BRANLY e MARCONI aperfeiçoam o detector e POPOV a antena; MARCONI patentea em 1897 o primeiro sistema, completo de telegrafia sem fio; LODGE desenvolve a teoria dos circuitos sintonizados; HEISING consegue realizar comunicação intercontinental via HF.

CRONOLOGIA	EVENTOS
1892 - 1899	HEAVISIDE publica trabalhos sobre cálculo operacional, circuitos, eletromagnetismo e explica a comunicação via HF pela ionosfera.
1904 - 1920	NASCIMENTO DA ELETRÔNICA: FLEMING produz o diodo a vácuo em 1904 e LEE DE FOREST inventa o triodo (Audion) em 1906, mostrando a sua propriedade de amplificação; CAMPBELL e outros desenvolvem a teoria dos filtros; em 1915 surge a telefonia transcontinental por onda portadora; em 1918, ARMSTRONG aperfeiçoa o receptor rádio superheterodino; em 1920 surge a primeira estação comercial de radiodifusão, a KDKA de Pittsburgh.
1920 - 1922	CARSON aplica a teoria da amostragem à comunicação e publica o artigo "Notes on the Theory of Modulation", que sugere o FDM.
1924	NYQUIST publica o artigo "Certain Factors Affecting Telegraph Speed" que estabelece a teoria da filtragem dos sinais digitais e fornece a base para os sistemas PAM.
1928	JOHNSON investiga a natureza do ruído térmico.
1928	HARTLEY publica o artigo "Transmission of Information", pioneiro da Teoria de Informação
1923 - 1938	NASCIMENTO DA TELEVISÃO: BAIRD e JENKINS demonstram sistemas mecânicos de formação da imagem; GRAY, HORTON e MATHES analisam teoricamente os requisitos de largura de faixa para TV; FARNSWORTH e ZWORYKIN produzem sistemas eletrônicos de TV; DUMONT e outros aperfeiçoam o tubo de raios catódicos; em 1938 inicia a operação comercial de TV, com a BBC.
1931	MORKRUM e KLEINSCHMIDT aperfeiçoam o teleimpressor, que entra em operação comercial.
1934	BLACK desenvolve a realimentação negativa, estabilizando os receptores rádio.
1936	ARMSTRONG publica o artigo "A Method of Reducing Disturbances in Radio Signaling by a System of Frequency Modulation", reabilitando o FM e iniciando o desenvolvimento nesta área.
1937	REEVES lança o conceito do PCM.
1938 - 1945	DESENVOLVIMENTO COM A 2ª GUERRA MUNDIAL: os sistemas de radar e microondas são desenvolvidos; as comunicações militares empregam FM extensivamente; a tecnologia dos componentes e dos circuitos sofre grande desenvolvimento.
1946	WIENER e KOLMOGOROV criam a teoria estatística das comunicações.

CRONOLOGIA	EVENTOS
1946	DELORAINÉ e outros patenteiam o primeiro sistema DM.
1947	A AT&T inaugura o primeiro sistema de microondas de dimensão continental.
1948	SHANNON publica o artigo "A Mathematical Theory of Communications", iniciando a Teoria da Informação em bases conceitualmente sólidas.
1949 - 1955	A AT&T inaugura o serviço DDD, criando os primeiros Planos Estruturais da rede telefônica.
1948 - 1958	NASCIMENTO DA ERA DO TRANSISTOR: BARDEEN, BRATTAIN e SHOCKLEY inventam o transistor; os primeiros receptores rádio transistorizados são comercializados em 1951; em 1958 o transistor começa a substituir as válvulas em larga escala.
1950	O TDM é aplicado na telefonia.
1950 - 1955	HAMMING, HUFFMAN e outros criam a Teoria da Codificação em bases sólidas.
1954	Os sistemas de TV a cores são comercializados nos Estados Unidos.
1954 - 1962	NASCIMENTO DAS TECNOLOGIAS DE AMPLIFICAÇÃO DE NATUREZA MOLECULAR: Em 1954, TOWNES e outros produzem o primeiro maser; MANLEY e ROWE publicam em 1955 o artigo "Some General Properties of Non-Linear Elements", demonstrando teoricamente a amplificação paramétrica; MÄIMAN produz o primeiro laser em 1960; GABOR e outros, em 1962, demonstram em termos práticos a aplicação da holografia.
1955 - 1962	DESENVOLVIMENTO DAS COMUNICAÇÕES INTERCONTINENTAIS: em 1955, PIERCE propõe tecnicamente as comunicações via satélite; em 1956, é lançado o primeiro cabo telefônico transoceânico; em 1957, a Rússia lança o primeiro satélite artificial; em 1958 são inaugurados os primeiros sistemas de transmissão de dados a longa distância, para fins militares; em 1960 é lançado o primeiro satélite artificial para comunicações, ECHO I; em 1962 inicia a era da comunicação via satélite em bases práticas, com o lançamento do TELSTAR I.
1960 - 1970	FUSÃO DAS TELECOMUNICAÇÕES COM AS TÉCNICAS DE COMPUTAÇÃO: em 1960 é produzido o primeiro sistema de comutação eletrônica; em 1961 começam a ser produzidos os circuitos integrados, com a 3ª geração de computadores se inicia a era do teleprocessamento; em 1965, com a descoberta do algoritmo FFT (Fast Fourier Transform) começa o processamento digital de sinais que permitiu fabricar filtros digitais e equalizadores adaptativos; em 1967 é inaugurada a primeira rede de comutação de pacotes (ARPANET); os microcomputadores

CRONOLOGIA	EVENTOS
1970 -	e os minicomputadores e até mesmo computadores de grande porte passam a ser amplamente empregados nas técnicas de telecomunicações; os computadores se espalham por todas as atividades humanas. DESENVOLVIMENTOS ATUAIS: circuitos eletrônicos (desenvolvimentos de semicondutores e circuitos integrados, integração em larga escala etc); técnicas digitais (codificação, criptografia, processamento digital dos sinais, aplicações de microcomputadores, minicomputadores e computadores em telecomunicações etc); comunicações digitais (redes TDM, redes de computadores etc); comunicações óticas (fibras óticas, uso do laser, uso da holografia etc); comunicações via satélite (sistemas de grande capacidade, novos métodos de modulação, aplicações de comutação e de técnicas digitais etc).

ANEXO B – ESTUDO DE CONCEITOS

webjornalismo 2014, 14	cibercultura
hipermídia 2014, 14	ciberespaço
transmídia 2020, 20	ciberjornalismo
hibridização 2015, 15	novos meios
mediatização 2015, 15	multiplataforma
	plataformização

— convergência jornalística
 — convergência dos meios
 — convergência midiática/de mídias
 — cultura da convergência
 — convergência tecnológica
 — convergência digital
 — convergência multimídia
 — convergência de redações
 — convergência de conteúdos

— jornalismo digital
 — jornalismo pós-industrial
 — jornalismo online
 — jornalismo participativo
 — jornalismo cidadão

ANEXO C – ESTUDO ETIMOLÓGICO

Convêrgo, *is, êrê, v. intrans. ISID.*
 Junctar-se de muitas partes, **convergi**
 para um ponto.

(?) **Convêrsibills**, *ê, adj. Ved. Con-*
vertibilis.

Convêrsim, *adv. (de convertere). CA-*
PIEL. Ao inverso, ao contrario, trocando os
 termos. *Rursusque convêrsim.* *FIRM.* E
 reciprocamente, e vice versa.

Convêrsiô, *ônis, s. ap. f. (de con-*
vertere). *CIC.* Movimento circular, gyro,
 revolução celeste. § *CIC.* Volta periodica.
 § *ISID.* Fugida. § *PLIN.* Transtorno, des-
 arranjo (*ter. cirurg.*). § *COLUM.* Foco pe-
 çonhento, lugar onde está o mal. § *CIC.*
 Mudança, transformação, metamorphose.
 § *HER.* *ALCIM.* Conversão religiosa. *Nun-*
quam est sera conversio. *HER.* Nunca uma
 conversão é tardia. *QUINT.* Tradução,
 versão. § *CIC.* *AD HER.* Repetição da
 mesma palavra no fim de cada periodo.
 § *CIC.* Periodo (*ter. rhet.*). § *PRISC.* Apos-
 trophe (*fig. rhet.*).

Convêrsiunculă, *ă, s. ap. f. dimin.*
 de *Conversio*. *SALV.* Conversão.

Convêrsô, *as, avi, atum, arê, v. trans. freq. de Convertere.* *Se ipse conver-*
sans. Ella mesma (a alma) tornando em
 si mesma.

Convêrsôr, *aris, atus sum, ari,*
v. intrans. dep. PLIN. Conservar-se, de-
 ter-se, parar, morar em um lugar (as
 pessoas e os animaes). *SEN. COLUM. PLIN.*
 Viver em companhia de, conviver, mo-
 rar com (seguido de *dat.* ou *ablat.*). §
 § *SEN.* Viver na sociedade, frequentar a
 companhia de (seguido de *dat.* ou *ablat.*). §
 § *ULP.* Haver-se, dirigir-se, comportar-se
 (de certa maneira).

1 **Convêrsus**, *ă, um, part. p. de*
Convertere. Que fez a sua volta, o seu
 gyro, que está de volta; **voltado, virado.**
Parti anni conversa. *CIC.* Parte do anno
 decorrida. *Conversis inter se pedibus stare.*
PLIN. Ter os pés oppostos (os antipodas).
Conversus terga. *TIB.* Que voltou as cos-
 tas. § **Mudado, virado.** *Conversa numina.*
VIRG. Divindades tornadas contrarias. §
 Melhorado, emendado, arrependido. *Con-*
versis parcens. *CASS.* Clemente para com
 os que se emendaram.

2 **Convêrsus**, *ă, um, part. p. de*
Convertere. *COLUM.* Varrido, **ajunctado,** var-
 rendo.

3 **Convêrsus**, *us, s. ap. m. (de con-*
vertere). *MACR.* Movimento circular, gyro.
 § *LIV.* Concurrença, affluencia.
Convêrti, *pret. per. de Convertere.*
Convêrtibilis, *ê, adj. (de convertere).*
APUL. PRUD. Que se pôde mudar, ou vi-
 rar.

Convêrtibilitas, *atis, s. ap. f. (de*
convertibilis). *OROS.* Qualidade de ser
 mudavel, mudabilidade.

Convêrtô, *is, i, sum, tôrê, v. trans.*
 e *intrans.* 1° Voltar, virar; fazer voltar,
 chamar, attrahir; encrespar, frisar; —
se, ou pass. Voltar-se, virar-se, dirigir-se;
 2° *Fig.* Virar, voltar, chamar, attrahir
 para a; — *se.* Voltar-se, virar-se para; 3°
 Mudar, alterar, dar outra forma; tradu-
 zir, verter; 4° Voltar-se, virar-se, mudar-
 se, converter-se em. § 1° *Convertere ma-*
sum. *QUINT.* Virar a mão. — *humum.*
COLUM. Virar a terra. 1. é, lavral-a, ou

ANEXO D – ESTUDO METODOLÓGICO

Lecture des capitules mitochondriaux
Orientations mitochondriales

Modelo de Maria Immaculada Vassab de Lages (Ribeira, 1989)

- visa aprender a construção da estrutura de obra científica, construção feita à base de opções, seleções, combinações, cujo o resultado é a produção do conhecimento científico. O modelo consta

Consideramos importante expor graficamente o modelo metodológico da pesquisa em Comunicação proposto por Maria Immacolata Vassallo de Lopes, mesmo sabendo que não é possível demonstrar aqui toda sua complexidade. Em resumo, poderíamos dizer que é um modelo que visa apreender a construção da estrutura da obra científica, posto que esta construção é feita à base de opções, seleções, combinações etc., cujo resultado é a produção do conhecimento científico. O modelo consta de componentes de ordem "paradigmática" (níveis ou instâncias) e "sintagmática" (fases ou etapas), sendo que as operações em níveis metodológicos (estrutura) e fases metodológicas (processo) são tecidas concomitantemente na prática da pesquisa. Os componentes paradigmáticos constroem o discurso que se dá em quatro instâncias: epistemológica (vigilância epistemológica: ruptura epistemológica e construção do objeto científico); teórica (quadros de referências: formulação teórica do objeto e explicitação conceitual); metódica (quadros de análise: exposição e causação); técnica (construção dos dados: observação, seleção e operacionalização). A prática é construída pelos componentes sintagmáticos, explícitos em quatro fases: definição do objeto (teorização da problemática: problema de pesquisa, quadro teórico de referência e hipóteses); observação (técnicas de investigação: amostragem, técnicas de coleta); descrição (técnicas e métodos de descrição: análise descritiva); interpretação (métodos de interpretação: análise interpretativa). Graficamente o modelo pode ser assim representado:

Modelo Metodológico de Pesquisa em Comunicação

Discurso:
Componentes Paradigmáticos

(INSTÂNCIAS)

Epistemológica				
Teórica				
Metódica				
Técnica				

Prática:
Componentes Sintagmáticos

(FASES)

Definição do Objeto Observação Descrição Interpretação